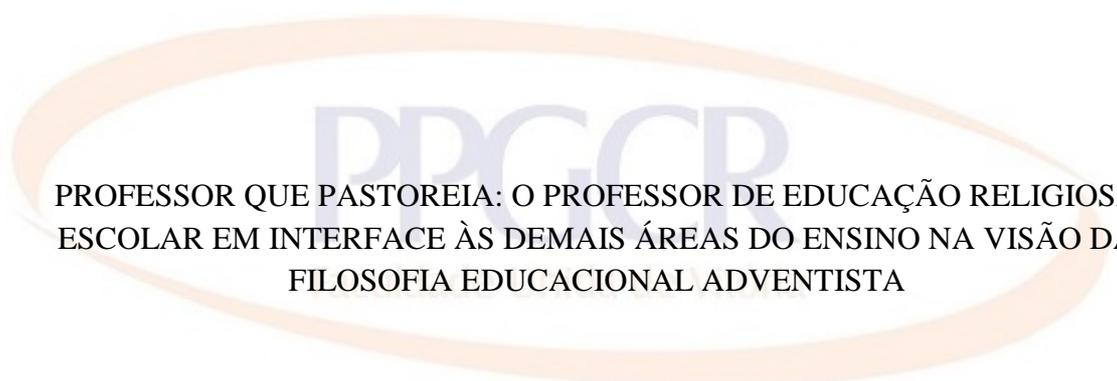


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JONAS SOARES DA SILVA



PROFESSOR QUE PASTOREIA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA
ESCOLAR EM INTERFACE ÀS DEMAIS ÁREAS DO ENSINO NA VISÃO DA
FILOSOFIA EDUCACIONAL ADVENTISTA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória. 05/12/2018.

VITÓRIA
2018

JONAS SOARES DA SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória. 05/12/2018.



PPGCR

**PROFESSOR QUE PASTOREIA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA
ESCOLAR EM INTERFACE ÀS DEMAIS ÁREAS DO ENSINO NA VISÃO DA
FILOSOFIA EDUCACIONAL ADVENTISTA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante

Vitória – ES
2018

Silva, Jonas Soares da

Professor que pastoreia / o professor de educação religiosa escolar em interface às demais áreas do ensino na visão da filosofia educacional Adventista / Jonas Soares da Silva. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

x, 103 f. ; 31 cm.

Orientador: Ronaldo de Paula Cavalcante

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 98-103

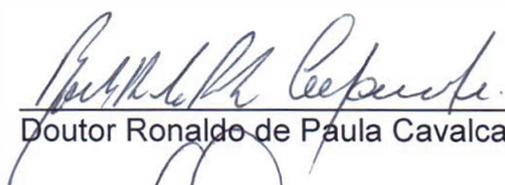
1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Educação religiosa. 4. Educação adventista. 5. Liberdade religiosa. 8. Pastoral escolar. 6. Integração fé e ensino. 7. Tendência pedagógica. - Tese.

I. Jonas Soares da Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

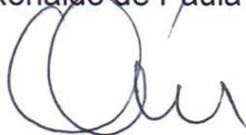
JONAS SOARES SILVA

PROFESSOR QUE PASTOREIA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA
ESCOLAR EM INTERFACE ÀS DEMAIS ÁREAS DO ENSINO NA VISÃO DA
FILOSOFIA EDUCACIONAL ADVENTISTA

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA (presidente)



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA



Doutor Antonio Vidal Nunes – UFES

AGRADECIMENTOS

Sou grato, em primeiro lugar, ao meu Deus, Deus dos meus pais, pelo dom da vida, por se fazer sempre presente ao meu lado ajudando-me a realizar os sonhos que sempre sonhei alcançar, por me dar forças sempre que me sinto fraco e por me estender a Sua mão direita para socorrer-me.

Agradeço a minha esposa, Laurence Nunes Soares, pelo carinho, paciência, auxílio e compreensão em momentos de reclusão para pesquisa. Obrigado por ter contribuído para que a minha conquista fosse a nossa conquista.

Agradeço a minha família que mesmo de longe tem estado sempre na torcida para que cada conquista seja possível. Pai (in memorian), mãe (in memorian), minha irmã Abinoam Soares (in memorian) e aos meus irmãos, cunhados, sobrinhos e a minha sogra que vibra com cada conquista minha.

Ao Professor Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante, pela paciência comigo na orientação deste trabalho. Agradeço por suas aulas especiais durante o curso do mestrado.

Meus agradecimentos a cada professor do programa de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória. A secretária geral e a cada funcionário.

A todos os amigos conquistados com carinho da nossa turma de mestrado, pelo bom tempo que passamos juntos na sala de aula e nos nossos encontros de confraternização.

Ao Pastor e Professor Adolfo Semo Suárez pelas aulas de educação na graduação de Teologia no UNASP-EC, me incentivando à educação.

A União Sul Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, departamento de educação, presidência e tesouraria, que me proporcionaram a possibilidade de realizar o curso de mestrado. Em especial a Professora Anilce B. Litkke pelos conselhos e incentivo aos estudos.

A administração do Instituto Adventista Paranaense, o diretor geral Pastor Gilberto Damasceno, o diretor de finanças Sr. Martim Distler, a diretora da Faculdade Adventista Paranaense Profa. Dra. Marta Balbé, por me incentivarem e me representarem na mantenedora da Igreja a qual sirvo como pastor.

Aos professores e pastores da Faculdade Adventista Paranaense, colegas de trabalho e em especial à Profa. Noely Cibeli, profa. Vanessa Meira, Pastor Isasc Malheiros, Pastor Fabiano Mendes e a bibliotecária Poliana Fragatti pela ajuda quando mais precisei.

Aos meus alunos dos cursos de graduação de Enfermagem, Teologia, Pedagogia, Psicologia, Administração e Contábeis pela paciência e o carinho que tiveram comigo durante os dias de pesquisa.

Pelo amigo de turma Washington Ferreira pela parceria na publicação do artigo.



RESUMO

A religião tem sido colaboradora no processo da construção da subjetividade do sujeito dentro da cultura em que o(a) mesmo(a) está inserido(a). O fenômeno religioso, observado pela Ciência da Religião, tem deixado marcas no indivíduo pela capacidade de influenciá-lo na construção do conhecimento de mundo e por ser parceiro do conhecimento científico. Se por um lado a religião se apresenta como detentora da verdade absoluta e se, em essência, não passar de um mito, por outro lado é inegável afirmar que tem contribuído para a construção do ser humano. A raça humana, sempre em processo de evolução, sente a necessidade de responder inquietações que lhes sobrevêm como resultado do seu convívio social e com ele, os questionamentos ontológicos. A escola é o agente de ligação entre o ser humano e a ciência, e o pensar cientificamente deve ser a ferramenta que o transforme para melhor. É nesse contexto que se apresenta a figura do(a) professor(a) de Ensino Religioso que sua atuação na escola pública objetiva estudar o fenômeno da religiosidade respeitando o direito da liberdade de expressão e de culto de cada aluno(a). Na escola privada, especificamente na educação adventista, a proposta se difere por oferecer uma Educação Religiosa ao se declarar uma escola confessional. Neste caso, o(a) professor(a) de Educação Religiosa atua, geralmente, como agente que defende o credo e a fé que a escola representa. A pesquisa é descritiva e busca revelar o papel do(a) professor(a) de Educação Religiosa na rede educacional adventista, a origem da escola pesquisada, sua filosofia de ensino em interface às demais disciplinas, os conteúdos estudados na disciplina, o respaldo constitucional para sua existência e a sua contribuição para a formação do cidadão.

Palavras-chave: Educação Religiosa; Educação Adventista; Liberdade Religiosa; Pastoral Escolar; Tendência Pedagógica; Integração Fé e Ensino.

ABSTRACT

The religion has been a collaborator in the process of constructing the subjectivity of the subject within the culture in which it is inserted. The religious phenomenon, observed by the Science of Religion, has left marks on the individual for the ability to influence him in the construction of world knowledge and for being a partner of scientific knowledge. If, on the one hand, religion presents itself as the holder of absolute truth and if, in essence, it is only a myth, on the other hand it is undeniable to affirm that it has contributed to the construction of the human being. The human race, always in the process of evolution, feels the need to respond to the concerns that come to them as a result of their social life and with it, the ontological questions. The school is the connecting agent between the human being and science and thinking scientifically must be the tool that transforms it for the better. It is in this context that the figure of the teacher of Religious Education that his / her performance in the public school aims to study the phenomenon of religiosity respecting the right of freedom of expression and worship of each student. In private school, specifically in Adventist Education, the proposal differs by offering Religious Education by declaring itself a confessional school. In this case, the Religious Education teacher usually acts as an agent to defend the creed and faith that the school represents. The research is descriptive and seeks to reveal the role of the Religious Education teacher in the Adventist Educational Network, the origin of the school researched, its philosophy of teaching in interface with the other disciplines, the contents studied in the discipline, the constitutional support for its existence and its contribution to the formation of the citizen.

Keywords: Religious Education; Adventist Education; Religious Freedom; Pastoral School; Pedagogical Tendency; Faith and Teaching Integration.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Premissa 2: um desenvolvimento humano integral	24
QUADRO 2 – Conteúdos estudados nas aulas Princípios e Valores (Ensino Religioso) da Educação Infantil.....	48
QUADRO 3 – Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – séries iniciais – 1º ano	49
QUADRO 4 – Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – séries iniciais – 2º ano	49
QUADRO 5 – Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – séries iniciais – 3º ano	50
QUADRO 6 – Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – séries iniciais – 4º ano	50
QUADRO 7 – Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – séries iniciais – 5º ano	51
QUADRO 8 – Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 6º ano	51
QUADRO 9 – Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 7º ano	52
QUADRO 10 – Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 8º ano	52
QUADRO 11 – Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 9º ano	53
QUADRO 12 – Habilidades e Competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 1º ano.....	54
QUADRO 13 – Habilidades e Competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 2º ano.....	54
QUADRO 14 – Habilidades e Competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 3º ano.....	55
QUADRO 15 – Internatos Adventistas no Brasil.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS	15
1.1 A estruturação da filosofia educacional adventista	15
1.1.1 A visão da Sra. Ellen White como pioneira.....	19
1.1.2. As premissas básicas atuais	22
1.2 Comparativo com as principais tendências pedagógicas contemporâneas.....	30
1.2.1 Tendência Pedagógica Tradicional.....	33
1.2.2 Tendência Pedagógica Liberal Renovada.....	34
1.2.3 Tendência Pedagógica Liberal Renovada Não Diretiva.....	35
1.2.4 Tendência Pedagógica Liberal Tecnicista	36
1.2.5 Tendência Pedagógica Progressista Libertadora	37
1.2.6 Tendência Pedagógica Progressista Libertária	38
1.2.7 Tendência Pedagógica Progressista Crítico-Social dos conteúdos	39
2 O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E A PASTORAL EDUCACIONAL NAS INSTITUIÇÕES ADVENTISTAS DE ENSINO.....	41
2.1 O papel do(a) professor(a) de educação religiosa/pastoral escolar	41
2.1.1. Conteúdos trabalhados na sala de aula	47
2.1.2 Objetivos dos(as) professores(as) de ensino religioso nas escolas laicas e de confissão de fé religiosa	55
2.2 A atuação do(a) professor(a)/pastoral nas escolas adventistas.....	59
2.2.1 Pastoral educacional	60
2.2.2 Projetos da pastoral na escola.....	64
2.2.3 Projetos da pastoral na comunidade	66
2.2.4 Escola de pais	68
3 A PRÁXIS DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA ESCOLAR EM INTERFACE AS DEMAIS ÁREAS DE ENSINO.....	71
3.1 Integração fé e ensino	72
3.1.1 Educação Religiosa e sua correlação com as demais disciplinas.....	73

3.1.2 Resultados obtidos da integração fé e ensino	76
3.2. Uma cosmovisão cristã.....	79
3.2.1 Liberdade religiosa	80
3.2.2 Respaldo legal para uma educação confessional.....	82
3.3 A contribuição do ensino adventista na formação do cidadão	86
3.3.1 A presença da educação adventista no Brasil.....	89
3.3.2 A procura pelos internatos adventistas	91
CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS	98



INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, do Ministério de Educação e Cultura - MEC, no seu artigo 33¹ declara que o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do(a) cidadão(ã) e que assegura o respeito da diversidade cultural e religiosa existente no nosso país e é uma normatização vigente às instituições públicas evitando que haja catequizaçã² dos(as) alunos(as) em sala de aula.

Por outro lado, as instituições educacionais de confissão cristã o fazem de forma diferenciada. Elas manifestam, expressivamente, seus valores e crenças nas aulas de Educação Religiosa e nos seus eventos diversos, diferindo-se do que se está explícito na lei quanto às instituições públicas. A rede de educação adventista³, por exemplo, na declaração da sua filosofia de confissão cristã, sugere que as aulas de Educação Religiosa devem ser ministradas por um(a) profissional graduado(a) em teologia⁴ e que priorize os conteúdos programáticos presentes em um currículo apostilado e preparado por sua equipe de professores(as)⁵.

Esta rede educacional declara que sua filosofia preza pela instituição da pastoral escolar exercida pelo(a) professor(a) de Educação Religiosa e prevê que o(a) mesmo(a) assessore espiritualmente os(as) alunos(as) pretendendo não discriminá-los(as) nas suas mais variadas formas de crença, mesmo ao expor os valores bíblico-cristãos defendidos pela instituição nas suas aulas, além de interagir com as demais áreas do conhecimento ao que definem de “integração fé e ensino”⁶.

¹ Primeiramente o Ensino Religioso foi promulgado pela LDBEN em 1961, na Lei de nº 4.024, como ensino confessional. Aliomar Baleeiro, político baiano sugeriu que a disciplina fosse oferecida, de forma facultativa, fora dos horários normais da escola e sem ônus para o Estado. Um novo contexto foi incorporado ao ensino religioso pela Lei de nº 5.692/71 por se entender que colaboraria para a moralidade das gerações. Oito anos depois da promulgação da Constituição de 1988, foi sancionada no dia 20 de dezembro de 1996, a LDBEN 9.394/96, conhecida como a Lei de Darcy Ribeiro. A LDBEN 9.475/97, sancionada pelo Presidente da República, dá nova redação ao artigo 33 acima citado. Para acesso as Diretrizes e bases da Educação Nacional ver site, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 10 dez. 2018.

² Entendido aqui como confessionalismo em forma proselitista nas escolas públicas.

³ O trabalho objetiva perceber a atuação do ensino religioso nessa rede de educação de confissão de fé religiosa.

⁴ Que esse profissional, de preferência, tenha se graduado em teologia numa das faculdades de teologia oferecidas pela própria rede de ensino adventista espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

⁵ A rede de educação adventista tem seus próprios materiais didáticos produzidos pela editora de livros e revistas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, chamada de Casa Publicadora Brasileira, situada na cidade de Tatuí no estado de São Paulo. Disponível em: <<https://educacional.cpb.com.br/didaticos/ensino-medio/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

⁶ Projeto utilizado na sala aula com os alunos de todos os níveis da escola e explicitado no planejamento de aulas do professor, onde se pretende integrar a espiritualidade com a disciplina ministrada por ele. Sobre a integração fé e ensino, será mostrado no terceiro capítulo desse trabalho.

A rede de educação adventista, como instituição, declara em suas premissas básicas o reconhecimento de um ser divino e faz uso da formação educacional nas suas unidades escolares para mostrar aos(as) seus(suas) alunos(as) valores espirituais. O(a) capelão(ã) escolar, declara tal rede, é o(a) professor(a) de Educação Religiosa que, em contato com o corpo docente e discente, deve apresentar o propósito redentor da “verdadeira educação”: restaurar nos seres humanos a imagem do seu criador. Segundo o departamento de educação da associação geral dos adventistas, situado na Andrews University - USA, as características distintivas da educação adventista são derivadas da Bíblia e dos escritos de um dos seus pioneiros, a saber, Ellen White⁷.

Esta pesquisa deseja mostrar o trabalho do(a) professor(a) de Educação Religiosa/pastoral educacional na rede de educação adventista, bem como a pretensão do sistema em estudo, da interface entre as outras áreas de ensino e como tais áreas respondem a esta forma de educação. Este tema foi escolhido para saciar dúvidas quanto a atuação do(a) profissional desta área, uma vez que a educação adventista declara oferecer uma educação na qual se integra o físico, a mente e o espírito, além de usar a transversalidade nas diversas áreas do conhecimento científico permeando as teorias da Educação Religiosa que defendem⁸. Este trabalho está dividido em três capítulos como se segue.

No primeiro capítulo se mostra a filosofia da educação adventista, sua origem e suas premissas básicas. A abordagem inicial desse trabalho expõe a necessidade da criação de uma escola confessional por parte dos pioneiros da igreja adventista do sétimo dia, nos EUA, quando ainda na sua formação histórica, a partir de uma preocupação de alguns membros dessa religião quando matriculavam seus(suas) filhos(as) nas escolas públicas e os mesmos se deparavam com ensinamentos não cristãos, nem que comungavam dos mesmos pensamentos religiosos aprendidos com os pais em casa. Se percebe, também, a visão dos(as) pioneiros(as) quanto à formação da escola adventista dado aos conselhos de uma das líderes do movimento em expansão, a senhora Ellen G. White. O primeiro capítulo encerra mostrando as premissas básicas da educação adventista, sua filosofia de ensino, semelhanças e diferenças com as demais tendências pedagógicas relacionadas ao Ensino Religioso.

⁷ Nascida no Estado de Maine – EUA, viveu a maior parte da sua vida durante o século XIX (1827-1915). Escreveu mais de 5 mil artigos, publicados em periódicos, e 26 livros. 55 mil páginas manuscritas. Conhecida como a autora mais traduzida dos Estados Unidos. Escreveu sobre educação, saúde, profecia, nutrição, cultura, criacionismo e origem da vida. Os adventistas creem que ela foi designada por Deus como uma mensageira especial para atrair as pessoas aos ensinamentos bíblicos. Disponível em: <<http://www.centrowhite.org.br/perguntas/vida-e-ministerio-de-ellen-g-white/>>. Acesso em: 01 out. 2018.

⁸ Mostrado nas premissas básicas da educação adventista.

O segundo capítulo mostra o papel do(a) professor(a) de Educação Religiosa nessa rede de ensino, os conteúdos trabalhados nos diferentes níveis de atuação e a serventia da pastoral educacional dentro da escola e na comunidade onde está inserida. Geralmente, o(a) professor(a) de Educação Religiosa é um pastor graduado em teologia e mantido pela Igreja Adventista para estar a serviço da escola que lhe foi designada para o exercício da sua profissão. Além de atuar em sala de aula, escuta os(as) alunos(as) nas suas necessidades espirituais e/ou emocionais acreditando que a educação perpassa por toda uma vida e procura atuar nas mais diversas circunstâncias. Sobre essa atuação, White afirma que,

A verdadeira educação significa mais do que avançar numa determinada série de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Ela tem que ver com todo o ser, e com todo o período possível de existência do homem. É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a alegria do serviço nesse mundo e para a alegria mais elevada de um serviço mais amplo no mundo por vir.⁹

Ciente do seu papel, o(a) professor(a)¹⁰ de Educação Religiosa atua na vida do(a) aluno(a) de forma direta com propósitos claros, de acordo com a sua crença que o(a) estará preparando para uma vida num mundo por vir. Além disso, mantém contato com os(as) seus(as) alunos(as) dentro e fora da escola, e criam oportunidades para se encontrar com os pais e mães em horários de contra turno para atividades espirituais com os(as) mesmos(as), caso queiram, nos encontros chamados de escolas de pais.

Por fim, no terceiro capítulo, explana-se sobre a integração fé e ensino trabalhado por todos os(as) professores(as) da rede, não somente pelos(as) professores(as) da Educação Cristã, como propõem. De acordo com a filosofia educacional adventista, todas as disciplinas devem interligar os ensinamentos religiosos e que se é possível apresentar a teoria da criação¹¹ em cada conteúdo apresentado em sala de aula e com a ajuda e parceria do(a) professor(a) de Educação Religiosa. Outro aspecto desse capítulo é mostrar as contribuições educacionais deixadas pela educação adventista na sociedade e mencionar a procura pelas escolas/internatos da rede, espalhados pelo Brasil.

Para a rede de educação aqui estudada, a Educação Religiosa é carro chefe da sua existência uma vez que estão explícitos, na sua forma de ensino, os valores espirituais defendidos por sua religião. A educação adventista se declara como confessional e perpetua as

⁹ WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 13.

¹⁰ Quando a aula de Ensino Religioso é ministrada por uma mulher, a pastoral continua sendo exercida por um homem, o pastor. A igreja adventista do sétimo dia não possui mulheres pastoras no Brasil.

¹¹ Teoria que está fundamentada na crença que o universo e o ser humano foram criados por Deus, que o homem foi feito a sua imagem e semelhança e se opõe à Teoria da Evolução a partir dos escritos de Charles Darwin.

crenças da sua mantenedora, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Este trabalho é descritivo e contém alguns esclarecimentos sobre a educação adventista. Por não se apresentar como uma crítica ao sistema nesta dissertação, o trabalho pretende mostrar a pretensão da rede educacional estudada em apresentar soluções aos mais variados questionamentos do ser humano, minimizando-os a partir da aceitação dos seus ensinamentos nas aulas de Educação Religiosa. Não se trata de uma pesquisa de campo, portanto, nesta descrição, fica evidente as declarações auto afirmativas do sistema de ensino apresentado e que não necessariamente se obtém uma perspectiva real dos fatos narrados, pela ocultação do material que a pesquisa de campo corroboraria. Mas se vê a pretensão de como deseja que funcione a sua rede educacional cristã.

A partir da literatura estudada sobre a rede adventista de ensino é que se pode ser averiguado os valores que são apresentados pelo(a) professor(a) de Educação Religiosa e que se é possível comparar com os valores sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação. De que forma correlacionam os conceitos espirituais com a construção do objeto do conhecimento? Quais as estratégias que utilizam para apresentar os seus valores espirituais dentro da sala de aula? E qual a relação da sua clientela em face a esta situação? Tem como objetivo descrever o seu ensino confessional e como executam a chamada “integração fé e ensino”.

1 A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

A educação adventista e a Educação Religiosa oferecida pela Igreja Adventista carregam por mais de um século uma filosofia educacional própria e diferente da maioria das tendências pedagógicas existentes. Neste primeiro capítulo há a exposição da formação desta educação apresentada, a formação da sua filosofia educacional, quais as influências que contribuíram para a sua formação, as suas principais premissas e as tendências pedagógicas contemporâneas.

Entre os pontos apresentados, a parte histórica e da formação dessa igreja mostram os motivos que os levaram a sentir a necessidade da formação de uma escola própria para os filhos dos adventistas, iniciada quase que concomitantemente à sua origem. Foi fator decisivo para a sua existência, a Educação Religiosa como marca registrada dessa rede de educação ainda na sua formação.

1.1 A estruturação da filosofia educacional adventista

A história da educação adventista e da sua filosofia educacional está mesclada com a história da formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no século XIX, nos Estados Unidos da América, por ter sido pensada pelos(as) pioneiros(as) dessa igreja agregando suas crenças e valores culturais da região¹², época e missão evangelística da congregação para uma educação que viria ser uma rede mundial e que estava surgindo quase que concomitantemente ao início dessa organização cristã. Seus(suas) fundadores(as), tendo sobrevivido ao chamado “desapontamento de 1844”¹³, e após terem superado a decepção e crença da não necessidade dos estudos pela breve vinda do Messias a este planeta, abraçaram a educação surgindo, a partir de então, a necessidade de uma escola de caráter confessional e que estivesse vinculada

¹² GROSS, Renato; GROSS, Janine. *Filosofia da Educação Cristã: uma abordagem adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 13.

¹³ O movimento milerita atingiu sua fase culminante no outono de 1844 onde o principal fator propulsor foi a crença de que no dia 22 de outubro de 1844, Cristo apareceria nas nuvens dos céus para buscar o seu povo. Quando esse dia findou sem a concretização dessa esperança, os mileritas enfrentaram a maior crise da sua história. Muitos abandonaram a fé e muitos outros foram para outras denominações religiosas. Dos que permaneceram, após estudos sobre a profecia dos 2.300 dias, surgiu o movimento adventista sabatista. TIMM, Alberto. *O santuário e as três mensagens angélicas*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009. p. 53.

à Igreja Adventista que seria e continua sendo a mantenedora de todo o sistema educacional adventista, presente em 145 países ao redor do mundo.¹⁴

Greenleaf¹⁵, estudioso da história da educação adventista, afirma:

Para muitos adventistas chega a ser natural pensar e se referir sobre as instituições atuais da igreja, mas que nem sempre foi assim. Durante quase uma década depois de 1844, os desanimados crentes continuaram esperando que Jesus regressaria ao planeta terra e que não veriam razão para se preocupar com algo tão terrenal como a educação. Marta Byington rompeu essa forma de pensar quando em 1853 começou uma escola de igreja para os meninos de cinco famílias de Buck's Bridge, NY. A escola durou três anos e em cada ano teve um professor diferente. Esta primeira intenção em brindar a educação adventista se deu sete anos antes de ser organizada pela denominação e dependia dos pais em organizar a escola se, de fato, desejariam fazê-lo.¹⁶

O contexto histórico americano entre os séculos XVIII e XIX é propulsor do surgimento de movimentos messiânicos presentes nos EUA nesse período. Tais eventos foram conhecidos como “movimentos messiânicos milenaristas”¹⁷ e que paralelamente a tais movimentos religiosos outros processos sociais se davam, concomitantemente, nesse país. Segundo Max Weber, foi a conduta religiosa que contribuiu para o desenvolvimento do povo americano e que fincou a bandeira do capitalismo já presente na Europa.¹⁸

O desenvolvimento do capitalismo agregava valores do liberalismo e de acordo com Renato Gross, estudioso da filosofia da educação cristã na abordagem adventista, os escritos americanos da época deram cabo dessa afirmativa¹⁹ quando, explicitado por Weber, por exemplo, um burguês estando com sua conduta moral sem manchas e o uso da sua riqueza não fosse objetável, seria cômico de estar na plena graça de Deus e sob sua benção enxergada por todos. “O poder da ascese religiosa, punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscientes e industriais que se aferravam ao trabalho como a uma finalidade de vida desejada por Deus”.²⁰ Assim sendo, justapõe-se à cultura do capitalismo americano a ética

¹⁴ MENSLIN, Douglas. *Educação Adventista 120 anos: de escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional*. Curitiba: DVK, 2015. p. 9.

¹⁵ Floyd Greenleaf é doutor em história pela University of Tennessee e dedicou 41 anos da sua vida a educação adventista como professor e mais tarde como vice diretor acadêmico na Southern Adventist University, publicou vários artigos, também é responsável pelo *The Seventh-day Adventist Church in Latin America and the Caribbean* (Andrews University Press, 1992) e é coautor de *Light Bearers: History of the Seventh-day Adventist Church* (Pacific Press, 2000) e com edição espanhola, *Portadores de Luz: Historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día* (Asociación Casa Editora Sudamericana, 2002).

¹⁶ GREENLEAF, F. *História da educação adventista: uma visão global*. Argentina: Associação Casa Sudamericana, 2009. p. 16.

¹⁷ O sentido primeiro desse contexto, é explicado por QUEIROZ, 1965. p. 73, como milenarista ou quiliastro a partir da tradição judaico-cristã. As referências são de textos bíblicos nos livros de Daniel e Apocalipse voltados para o milênio. O advento do milênio adquiriu uma importância muito grande no pensamento cristão.

¹⁸ WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁹ GROSS; GROSS, 2012, p. 12.

²⁰ GROSS; GROSS, 2012, p. 12.

protestante vivida por tal instituição religiosa, corroborando para a formação da filosofia educacional adventista nos moldes de uma cosmovisão bíblico cristã desde sua formação e com olhares positivos quanto a sua existência futura.

Vê-se registrado nas primeiras orientações dos(as) pioneiros(as) adventistas sobre a educação a marca do “pietismo”²¹, que fora influenciada pelos escritores americanos da época, em face da crescente busca por uma vida plena e feliz. A ideia da prosperidade americana associada à sua religiosidade suscitava na sua população a perfeição em tudo quanto fizessem podendo a educação nesse período também ser estudada segundo esse contexto. Estavam convencidos de que a sua nação representava o último esforço feito por Deus em favor da salvação da raça humana decaída e ainda criam que “assim como Deus guiara o povo de Israel no passado, também os guiaria. Os princípios que serviam de fundamento ao povo hebreu, dirigem o nosso país aqui e agora”.²² Esse era o pensamento e, conseqüentemente, o comportamento do povo norte americano no período analisado nesse estudo.

Foi nesse contexto que Ellen White, em 1872, escreveu suas primeiras linhas sobre educação dando sua contribuição inicial num documento de 30 páginas intitulado de A verdadeira educação²³. Fez sua primeira contribuição a partir daquilo que ela mesma julgava ser imprescindível para a existência da verdadeira educação, segundo as crenças e costumes dos(as) primeiros(as) adventistas. Seu foco foi a educação moral de crianças e jovens e defendia o duelo entre a educação e redenção humana, visando restaurar no ser humano a comunhão com o seu Deus que o criou. Sobre ela, Gross observa:

Sendo uma autora de profunda religiosidade, observou todo o contexto da comunidade religiosa na qual comungava – os adventistas do sétimo dia – que viram nela alguém cuja filosofia educacional expressava exatamente as necessidades dessa comunidade específica. Além disso essa filosofia servia de base teórica para todo o processo interno de coesão, ordem, equilíbrio e manutenção, exatamente por expressar e advogar as crenças básicas e os valores morais e espirituais da denominação adventista como num todo, pela abrangência do que escreveu, mas em particular no que se refere à rede educacional paulatinamente estabelecida pela igreja. Ellen White, ao escrever para os adventistas, não apenas contribuiu para a

²¹ Movimento religioso nascido na Igreja Luterana alemã no século XVII, pondo o acento na necessidade da experiência religiosa individual. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/pietismo>>. Acesso em: 01 out. 2018.

²² MESQUIDA, Peri. *A hegemonia norte americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: Eduf, JF/Editeu, 1994. p. 103.

²³ No tempo em que os líderes educacionais da igreja estavam preocupados em formar obreiros mais qualificados para servirem à IASD, Ellen White obteve a primeira visão detalhada sobre os princípios educacionais adventistas. Pouco depois, escreveu 30 páginas de material sobre educação referente a visão que havia recebido e seu conteúdo circulou entre os principais líderes da igreja da época. (SUÁREZ, Adolfo (Org.). *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2017. p. 81).

formação da igreja adventista do sétimo dia, nos seus anos iniciais, como estabeleceu as diretrizes do sistema educacional montado e mantido em nível internacional por essa denominação cristã. Era e é a igreja assumindo, ao lado do ministério e da evangelização, uma função de magistério, ou de 'ministério de ensino', unindo a Pedagogia à Teologia, ou ainda fazendo uma integração da fé com o ensino, como já faziam e continuavam fazendo outras denominações religiosas.²⁴

Os escritos de Ellen White, sobre a educação, proporcionaram forte impacto principalmente dentro da igreja, uma vez que seus artigos corroboravam com as crenças difundidas internamente e contradiziam a filosofia educacional da nação que não fazia apologia a uma educação de caráter espiritual. Foi ela quem associou o conceito de redenção do ser humano à educação numa perspectiva bíblico-criacionista. Tal cosmovisão de redenção visava voltar a condição original de perfeição do ser humano quando por Deus fora criado²⁵.

A filosofia educacional adventista foi desenvolvida dentro do contexto histórico já apresentado, associado à formação de um grupo de pessoas que, oriundos de outras denominações, tornaram-se os pioneiros de um movimento chamado “Milerita”²⁶ que posteriormente surgiria, de dentro desse grupo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Após o desapontamento enfrentado por eles, Douglas Meslin comenta que,

Era natural que os adventistas sabatistas remanescentes se inspirassem em suas experiências anteriores. Contudo, tudo indica que a maioria das pessoas que haviam dado crédito à mensagem do advento estava desencorajada depois do que havia ocorrido em 1844, e não estava disposta a continuar acreditando na mensagem do advento. Não davam crédito à pregação e à mensagem do pequeno grupo remanescente. No entanto, o esforço pessoal, a dedicação de tempo e de parcos recursos financeiros oriundos de doações de pessoas do próprio grupo, aliados a uma fé inabalável na mensagem que aprenderam pelos estudos proféticos realizados na Bíblia Sagrada, serviram de sustentação, não só à mensagem, mas também ao movimento como um todo.²⁷

Dessa forma foi-se construindo a estrutura da filosofia educacional dos adventistas. A estrutura organizacional, segundo Menslin, “se deu profissionalizando o ministério na Igreja, estabelecendo as publicações de periódicos próprios, pela estruturação da obra médico-missionária e pela construção de um sistema educacional”²⁸.

²⁴ GROSS; GROSS, 2012, p. 55.

²⁵ Muito do que foi escrito por ela pode ser encontrado e publicado em português nos livros intitulados: Testemunhos para a Igreja composto por nove volumes e Conselhos sobre Educação, impressos pela editora dos adventistas, Casa Publicadora Brasileira, com sede na cidade de Tatuí, SP. Alguns dos seus artigos, nos primórdios da educação adventista, com o ano em que foram escritos, encontrados nesses livros são: A devida educação (1881); Religião e educação científica (1889); A necessidade da reforma educativa (1900); O caráter e a obra do professor (1900); Internatos escolares (1900); Escolas paroquiais (1900); A direção e as finanças da escola (1900) e A importância de buscar o verdadeiro conhecimento (1904). (GROSS; GROSS, 2012, p. 56).

²⁶ TIMM, 2009, p. 53.

²⁷ MENSLIN, 2015, p. 15.

²⁸ MENSLIN, 2015, p. 15.

1.1.1 A visão da Sra. Ellen White como pioneira

Sabido que as bases das profecias bíblicas e sobre a segunda vinda de Jesus ao planeta que os(as) pioneiros(as) adventistas estudaram desde a sua formação, foram responsáveis por caracterizar a necessidade de um sistema educacional próprio, é um fato que explica sobre a posição dos membros dessa igreja, referente à educação, quando indagavam ou respondiam sobre tal tema. Renato Stencil mostra a preocupação dos(as) pioneiros(as) sobre a posição da educação após o desapontamento:

Por volta de 1850, a atitude com respeito a educação começou a mudar após uma declaração de Ellen G. White sobre o tema. Ela mencionou que não poderiam esperar com certeza nenhuma data específica para o retorno de Cristo. As crianças precisavam de habilidades básicas para lidar com o mundo secular que as cercava. Também precisavam ser protegidas da ridicularização por parte de seus colegas de classe com respeito as suas crenças religiosas peculiares para que a pressão dos amigos não fizesse com que se afastassem da fé dos seus pais.²⁹

A preocupação dessa pioneira é específica quanto ao fato de os(as) filhos(as) dos(as) religiosos(as) na época inserirem-se em uma escola que os(as) protegessem das teorias contrárias ao criacionismo, perpetuando assim a mesma fé às futuras gerações. Stencil mostra a preocupação deles(as) sobre o assunto como no exemplo de James White, um dos pioneiros do movimento adventista:

Uma pergunta relacionada à educação foi dirigida a James White por um membro da igreja: 'É certo e coerente para nós que cremos com todo o nosso coração na volta iminente do Senhor, procurar dar educação a nossos filhos? Se sim, devemos enviá-los a uma escola da cidade, onde aprendem duas vezes mais o mal do que o bem?' James White respondeu que 'O fato de que Cristo voltará em breve não é razão para que a mente não seja aprimorada. Uma mente bem disciplinada e informada pode melhor receber e acalentar as verdades sublimes do segundo advento'.³⁰

Segundo Stencil, a resposta que James White deu a esse membro foi um passo que determinou a formação do sistema educacional adventista. Vê-se nos dois exemplos acima qual a preocupação residente na sua forma de pensar. Mas a decisão de construir escolas, em nome da denominação, seguiu incerta até o começo de 1872, quando Ellen White teve a primeira visão detalhada sobre os princípios educacionais que regeriam o sistema de educação

²⁹ SUÁREZ, Adolfo S. (Org.) *Manual do Educador* – princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2017. p. 80.

³⁰ SUÁREZ, 2017, p. 80.

adventista em todo o mundo³¹. Stencil comenta que, em abril de 1872, os White convocaram uma reunião com os membros da igreja e perguntaram se deveriam providenciar uma escola onde os mais jovens pudessem aprender das ciências e das verdades bíblicas ao mesmo tempo. Estava aí o início da educação adventista³².

De 1872 a 1881 houve um hiato, de aproximadamente uma década, em que Ellen White não escrevera precisamente sobre a educação. Nesse período, surgiu o Battle Creek College onde o ensino da bíblia foi opcional e apenas alguns(algumas) estudantes estavam frequentando as aulas de Ensino Religioso. A sua declaração de 1881, chamada de “a devida educação”³³, ouvida pela liderança da igreja, diretores e corpo docente do colégio, afirmou que havia riscos de a faculdade ser desviada do seu desígnio original e que o estudo das Escrituras deveria ter o primeiro lugar no sistema de educação.

Greenleaf comenta que George Butler, líder mundial da IASD nesse período, preocupado com a situação dos planos de estudos da primeira instituição de ensino superior da igreja, solicitou a W. J. Littlejohn, até então pastor do tabernáculo de Battle Creek, uma igreja de 500 membros, que assumisse a direção da instituição e revisasse os planos de estudos. Sua atuação como responsável pela escola fez mudar o quadro de 80 alunos(as) matriculados(as) para 280 no final do mesmo ano.³⁴ Foram 200 alunos(as) matriculados(as) a mais na sua gestão, um avanço nesse período em crescimento educacional.

Para Stencil, é impossível entender a filosofia da educação adventista sem entender o impacto que a pioneira Ellen White causou sobre o seu desenvolvimento. Ela esteve envolvida na educação adventista por todo o seu período de sua vida, e é considerada, até os dias de hoje, como a figura central no desenrolar dessa educação.³⁵

É importante considerar a positiva atmosfera espiritual que permeou a vida dos primeiros educadores adventistas. Havia uma relação muito dinâmica entre E. G. White e os educadores pioneiros da IASD. Ambos os lados estavam aprendendo um com o outro. A filosofia educacional e os princípios básicos sempre vieram dos seus escritos e, eventualmente, eram postos em prática no campo educacional pelos educadores.³⁶

³¹ SUÁREZ, 2017, p. 80.

³² SUÁREZ, 2017, p. 81.

³³ SUÁREZ, 2017, p. 83.

³⁴ GREENLEAF, 2009, p. 36.

³⁵ SUÁREZ, 2017, p. 83.

³⁶ SUÁREZ, 2017, p. 83.

Schwarz e Greenleaf³⁷, estudiosos sobre a história dos adventistas, fazem uma alusão aos pensadores educacionais europeus na época como influenciadores ao sistema educacional das escolas americanas, como no exemplo do Iluminismo do século XVIII e as influências dos escritos de Jonh Locke quanto às instruções manuais e agrícolas ajudando a preparar os(as) alunos(as) para uma vida prática. Um outro exemplo é nos pensamentos de Jean Jacques Rousseau que afirmava que os trabalhos agrícolas levariam os(as) alunos(as) de uma vida simples e feliz a uma sociedade ideal. Eles informam que os americanos que se formaram adeptos desse sistema educacional destacavam dois benefícios específicos do trabalho manual: (1) o auxílio na melhoria da saúde e (2) a contribuição dada por tais trabalhos para ajudar nas despesas escolares dos estudantes³⁸. Citam que a primeira experiência bem-sucedida, provavelmente, teria sido o Seminário Teológico de Andover onde cada aluno(a) deveria trabalhar uma hora e meia por dia numa fábrica de caixas de móveis que pertencia ao próprio colégio e o Instituto de Ciência e Indústria de Oneida, no norte de Nova Iorque. No ano de 1831, já havia 500 candidatos(as) para 60 vagas em Oneida³⁹.

O primeiro ensaio sobre a educação escrito por White deixou claro que a educação adventista era reformadora, mas não há evidências de que os pioneiros adventistas estivessem interessados no movimento do trabalho manual assim como as correntes educacionais citadas. Entre os anos de 1877-1900, houve uma enorme expansão nas instituições dos adventistas e as suas escolas começaram a hospedar os(as) seus(as) estudantes nas suas dependências. Primeiro foi o colégio de Healdsburg e em seguida a de Battle Creek. White aconselhava que deveria associar a atividade intelectual com o trabalho manual. Diz Greenleaf que,

Todos os alunos passavam duas horas por dia letivo trabalhando sob a supervisão direta de um professor. Essa inovação foi bem-sucedida enquanto o corpo discente estava relativamente pequeno. A história, porém, tornou-se diferente quando a frequência de alunos passou de cem. O campus limitado de Healdsburg (sete acres ou 28,3 mil metros quadrados) impediu o desenvolvimento de extensas indústrias auto-sustentáveis, o que afetou o programa trabalho-estudo.⁴⁰

A citação acima mostra a importância que foi dada, com o passar dos anos, ao trabalho manual para os(as) alunos(as) da educação adventista como influência das demais correntes filosóficas europeias, que se destacavam no mundo da época, sem interferir na forma de pensamento dos cristãos americanos. Indubitavelmente houve influência cultural na

³⁷ SCHWARZ, Richard; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009, p. 114.

³⁸ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 115.

³⁹ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 115.

⁴⁰ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 114.

estruturação e na forma de pensar dos(as) pioneiros(as) educacionais dessa religião. Roberto Pazmiño⁴¹, doutor em educação e pastor da Igreja Batista Americana, cita Paulo Freire quando ressalta o caráter social da educação em três bases efetivas da educação denominando-as de “conscientização”. São elas: ninguém pode ensinar a outro; ninguém pode aprender sozinho e as pessoas aprendem juntas atuando no seu ambiente e de acordo com o seu ambiente. Segundo ele, ninguém pode ensinar ao outro caso o outro não tenha a disponibilidade em aprender. A educação adventista foi influenciada com os ensinamentos da época, esponjando do comportamento social americano que por sua vez estava sendo influenciado pelos costumes europeus.

O departamento de Educação da União Sul Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com sede em Curitiba, cita:

Na rede Educacional Adventista, a produção do conhecimento secular deverá estar ancorada no conhecimento verdadeiro. Todos os que exercem a função de mediadores entre o aprendiz e o objeto do conhecimento, deverão pautar-se por uma postura de intervenção via linguagem. Isso estimulará as faculdades mentais, de modo que a individualidade – capacidade de pensar e de agir – seja construída. Tal individualidade não tenderá para o individualismo, uma vez que está alicerçada no princípio que defende a solidariedade (‘amor ao próximo ‘ e ‘regra áurea ‘). Não há limite para o conhecimento que deve desenvolver o homem de forma harmônica: mente, corpo e alma. Nossa capacidade de raciocinar deve ser exercitada. A interação com Deus acontecerá de forma adequada, se tivermos discernimento entre o que é certo e o que é errado. Apenas desse modo, a interação com o próximo será pautada pela primeira.⁴²

É perceptível que a visão dos(as) pioneiros(as) sobre a filosofia educacional adventista tenha se perpetuado ao longo da história dessa educação com o foco educacional fundamentado na religião e na preocupação da harmonização da mente com o físico. Por mais de um século se tem havido a permanência desse ideário educacional. Menslin relembra sobre a razão de existir da educação adventista e da sua matriz educacional religiosa pautada nos valores contidos na construção educacional dessa rede de ensino.⁴³

1.1.2 *As premissas básicas atuais*

A educação adventista tem suas premissas básicas estabelecidas a partir dos pedagogos(as), filósofos(as) e teólogos(as) que compõem o departamento de educação da

⁴¹ PAZMIÑO, Roberto W. *Principios e prácticas de la educación cristiana: una perspectiva evangélica*. Eugene. Oregon: Editorial Caribe, WIPF and STOCK Publishers, 2002. p. 63.

⁴² UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Linha Pedagógica Adventista*: Integral Restauradora. Maringá: Stampa Gráfica Editora, 1999. p. 27.

⁴³ MENSLIN, 2015, p. 126.

associação geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A revista escola adventista comenta que tais fundamentos educacionais são os grandes responsáveis por tornar a rede de ensino na potência atual⁴⁴. Essas premissas são um trabalho pedagógico que une os aspectos físicos, mentais e espirituais, e que afirma refletir a escola dos profetas – período dos profetas do Israel antigo.

As premissas básicas estão baseadas a partir do estudo do livro Educação⁴⁵ de Ellen White. As ideias foram articuladas a partir da seleção de alguns trechos extraídos do seu livro. O livro explana uma cosmovisão de redenção do planeta terra a partir da educação de modelo pedagógico chamado “redentor” e que visa, na figura do(a) professor(a), ser um canal entre o estudante e a eternidade.

Premissa 1⁴⁶ – O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e sua comunhão com Deus o redime do mal. White, defende a ideia de um tipo de educação que mostra para seus(suas) alunos(as) que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e que a sua origem tem base no próprio Deus. Acredita e prega que depois da entrada do pecado no planeta a vida humana passou a ser curta e de visão restrita. Rejeita os estudos da teoria da evolução nem aceita que o ser humano seja menos importante do que a narrativa bíblica explícita: “Filho de Adão, filho de Deus” (Lc 3.38).

Apregoa que se a humanidade estudar sua real origem, consegue obter uma visão melhor uns dos outros e passa a perceber que aos olhos do Deus, todos são iguais. Por isso, todos devem ser tratados com respeito. Seus direitos devem ser fortemente preservados. Ferreira, também defende a ideia de que “Somos mais que produtos do acaso, de milhões de anos. Todos nós fomos feitos à imagem e semelhança de Deus”⁴⁷.

De acordo com a sua crença, a educação adventista reza que, no início da vida humana aqui na terra, os homens e as mulheres viviam em harmonia uns com os outros e quanto mais estivessem próximos(as) do seu criador, mais seriam contemplados em caráter por sua beleza e sagração. Porém, as suas capacidades físicas, mentais e espirituais foram sendo alteradas a partir do advento do pecado, enfraquecendo-o.

⁴⁴ FERREIRA, Kemelly et al. As verdadeiras bases da educação. *Revista Escola Adventista*, Engenheiro Coelho, vol. 34, ano 21, UNASPRESS, 2017. p. 55.

⁴⁵ Para se obter as informações na íntegra sobre as Premissas Básicas da educação adventista, ver o livro Educação. As premissas apresentadas nesse estudo, representam o pensamento da autora.

⁴⁶ FERREIRA, 2017, p. 56.

⁴⁷ FERREIRA, 2017, p. 56.

A solução para esse problema – ter se tornado um ser limitado – é apresentada: o homem sente a necessidade de um ser maior do que ele e entende que “o finito se une ao infinito e que a mente deste se une à mente daquele que é maior que ele”.⁴⁸

Premissa 2⁴⁹ – Um desenvolvimento humano integral. Segundo Ferreira que “um criador completo, não admitiria nada menos que uma formação completa para as suas criaturas”.⁵⁰ Chama-se de desenvolvimento humano integral o desenvolvimento físico, mental e espiritual dos seus alunos. Segundo ela, uma pedagogia harmoniosa prepara o(a) aluno(a) para enfrentar as realidades práticas da vida sem que o(a) mesmo(a) se torne vítima delas e que é preciso se ter ideias elevadas quando se pensa em ensino. Será necessário que os corpos se mexam o quanto puderem em busca de objetivos nobres, que as mentes percorram infinitas estradas do conhecimento e que o pensamento e o coração estejam ligados diretamente à fonte do saber.⁵¹

A seguir um quadro sinóptico da linha pedagógica integral restauradora da educação adventista⁵².

Quadro 1 - Premissa 2: um desenvolvimento humano integral

Objetivos	Professor	Princípios Metodológicos	Avaliação	Sujeito
Caráter sólido	Imitador de Jesus Cristo	Regra áurea	Foco na construção do caráter, não apenas na nota	Caráter íntegro
Conhecimento através de Deus	Senso da presença divina na sala de aula	Deus como fonte de todo o conhecimento: integrando a fé com a ciência.	Privilegiando o raciocínio e a construção do conhecimento.	Ser pensante e dependente de Deus
Íntima relação entre corpo, mente e espírito	Sintonia com os objetivos da educação adventista de ensino	Relações: causa/efeito; conhecido/desconhecido; particular/geral.	Globalizada e que considere o sujeito como sendo um ser integral	Ajustado, equilibrado e íntegro.
Julgamento e escolhas com responsabilidade	Sintonizado com os objetivos da educação adventista	Idem	Idem	Idem
Educação permanente	Ascensão permanente	Pesquisa; raciocínio lógico	Que estimule o crescimento	Empreendedor

⁴⁸ WHITE, Ellen G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 14.

⁴⁹ FERREIRA, 2017, p. 57.

⁵⁰ FERREIRA, 2017, p. 57.

⁵¹ FERREIRA, 2017, p. 57.

⁵² UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999, p. 6.

Competências e habilidades	Profissionalismo	Atividades significativas e contextualizadas	Significativa, contextualizada, permanente e cumulativa.	Competências e habilidades desenvolvidas
Serviço desinteressado com dignidade	Visão do alcance de seu trabalho	Relações interpessoais positivas	Que favoreça o discernimento	Relacionamentos saudáveis.

O quadro apresenta a objetividade da filosofia educacional adventista – linha pedagógica integral, a construção de um caráter sólido, conhecimento de Deus, íntima relação do(a) aluno(a) com o seu corpo e a sua mente, mas também ligado à espiritualidade. Enquanto o(a) professor(a) deve, como profissional cristão, estar em sintonia com a filosofia da instituição e o(a) aluno(a), de desenvolver suas competências e habilidades de forma ajustada, equilibrada e íntegra.

Premissa 3⁵³ – A beleza da criação e o caráter superior de Deus. Nessa premissa, ela defende a ideia que durante a criação houve o esculpir de Deus, de forma bela, quando criou o ser humano. Crê nas palavras bíblicas da criação de que fez Deus tudo de forma que o agradasse, conforme a citação do primeiro livro da bíblia, o livro de gênesis. Defende a ideia de que após a saída dos israelitas do Egito, houve disciplina e repreensões de Deus para que continuassem em ordem e recebessem, por fim, o prêmio de entrar na terra de Canaã.

Faz parte da filosofia educacional adventista ensinar que foi Deus quem fez o povo confiar em seu amor e poder e o preparou receber as suas leis morais com a finalidade de que todo o ser humano alcançasse o seu caráter. “As lições de vida que a escola adventista leva aos(as) seus(suas) alunos(as) também serve de preparo para uma vida elevada. Muito além de livros, conceitos e números, deve ser oferecida a formação de um caráter superior”.⁵⁴

Premissa 4⁵⁵ – Faculdades ilimitadas e a bíblia como o livro guia. “A mãe deve se entregar e entregar seus filhos aos cuidados do compassivo redentor. Deve procurar melhoras na sua própria capacidade a fim de poder usar corretamente as mais elevadas faculdades da mente no preparo dos filhos”.⁵⁶ Afirma que nenhum estudo desperta tanto as faculdades mentais como o estudo da bíblia por apresentar verdades que vão além da compreensão humana.

Para a educação adventista a bíblia é um livro essencial. É considerada como a publicação mais eficaz para o preparo intelectual do ser humano e que além de impulsionar o desenvolvimento das faculdades mentais, fortalece a natureza espiritual. É tida como a

⁵³ FERREIRA, 2017, p. 58.

⁵⁴ FERREIRA, 2017, p. 58.

⁵⁵ FERREIRA, 2017, p. 59.

⁵⁶ WHITE, E. G. *Orientação da criança*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 63.

Palavra de Deus que transforma vidas. O(a) professor(a) pode ensinar conceitos dela como obediência, honra, integridade e pureza. A bíblia é considerada como aquela que tem a função e o papel de interpretar a verdade por que ela se interpreta por si só apresentando um padrão para a reinterpretação que o homem precisa fazer para que possa entendê-la.⁵⁷

Premissa 5⁵⁸ – Individualidade para contribuir com a coletividade e ensino de fisiologia e higiene. Antes de cooperar com o todo, o indivíduo necessita de reflexão e conhecimento pessoal. O(a) aluno(a) não pode ser mero refletor do pensamento dos outros. Segundo a educação adventista essa é uma qualidade divina. O(a) aluno(a) deve estar preparado para pensar e agir por ele mesmo. Quando ele(a) tomar suas próprias decisões, raciocinar e pensar por si só, demonstrará que é um sujeito autônomo, capaz de contribuir na comunidade em que vive reconhecendo seus deveres como indivíduo e estando pronto(a), a partir de então, a contribuir com a coletividade.

A filosofia adventista declara como premissa o fato de que o aprendizado sobre higiene deve começar no lar e ter continuidade na escola prevenindo assim doenças, acidentes e infortúnios. Esclarece que toda a escola deve manter instruções sobre fisiologia e higiene e deve estar provida de instalações para o uso e preservar o cuidado com o corpo que, afirmam ser a morada do Espírito Santo de Deus.

White comenta,

Somos obra de Deus, e Sua Palavra declara que fomos formados ‘de um modo terrível e maravilhoso’. Salmos 139.14. Ele preparou esta morada viva para a mente; ‘ela é primorosamente tecida’, um templo que o próprio Senhor preparou para a habitação do Seu Santo Espírito. A mente rege o homem inteiro. Todas as nossas ações, quer boas quer más, originam-se na mente. É a mente que adora a Deus e nos põe em contato com os seres celestiais. No entanto, muitos passam toda a vida sem instruir-se a cerca do escrínio [o corpo humano] que contém esse tesouro.⁵⁹

Premissa 6⁶⁰ – A educação alimentar prática e ensino musical. Os adventistas perpassam o ensino tanto nas suas igrejas quanto nas suas escolas que foi no princípio da existência do homem que sua alimentação era prática. O modelo edênico, saudável e simples. Afirmam que a criança que se alimenta priorizando o consumo de frutas, carboidratos de boa qualidade e proteínas suficientes para a sua faixa etária, tem melhores condições de aprendizado, atenção, memória e concentração. E insta que o ambiente escolar é um excelente ambiente para a educação nutricional. Nas suas cantinas escolares, não vendem doces, nem

⁵⁷ GROSS, Renato. *Cristo na sala de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino*. Artur Nogueira: Gráfica Lagoa Bonita, 2003. p. 112.

⁵⁸ FERREIRA, 2017, p. 59.

⁵⁹ WHITE, 2014, p. 360.

⁶⁰ FERREIRA, 2017, p. 60.

balas, nem refrigerantes de nenhuma espécie. Os recheios dos salgados são de proteína vegetal e incentivam o consumo de cereais, frutas e sucos naturais.

Para White,

cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime dietético escolhido pelo criador. Esses alimentos preparados de maneira simples e natural, são os mais saudáveis e nutritivos. Proporcionam força, resistência e vigor intelectual que não são promovidos por uma alimentação mais complexa e estimulante.⁶¹

Na educação adventista, diariamente as aulas são iniciadas com louvor. O louvor tem o papel de animar corações e despertando a fé dos viajantes peregrinos na jornada para o reino dos céus, como assim ensinam aos(as) seus(suas) alunos(as) nas mais diversas faixas etárias. Declaram que é necessário estudar música como princípio de pluralidade de expressão cultural e estética exemplificando os povos bíblicos que cantavam ao Deus de Abraão e de Moisés e hoje, convocam os(as) seus(suas) alunos(as) a continuar louvando.

Declaram que a música fornece possibilidades expressivas e comunicativas que envolvem história, sociologia, política, filosofia, teologia, entre outras. Além disso, é capaz de abrir horizontes de locais diferentes e criatividade individuais e coletivas. A educação adventista preza pelo ensino da música, principalmente nas séries iniciais. É comum ver e ouvir os(as) alunos(as) cantando nas salas de aula.

Ellen White escreveu: “Alegro-me que a música tenha sido trazida para a escola de Healdsburg. Em cada escola a instrução no canto é grandemente necessária. Deveria haver mais interesse na cultura da voz do que agora é em geral manifestado”.⁶²

Premissa 7⁶³ – O maior exemplo e a empatia ao ensinar. White afirma que para que haja modelo exemplar na vida dos(as) alunos(as) e professores(as), é necessário contemplar o modelo de Cristo. Nele reside o maior exemplo de paciência, disciplina, simplicidade, obediência e fidelidade para com as pessoas e mesmo que se obtenha todo o conhecimento de processos metodológicos e didáticos, e mesmo que o seu corpo docente e discente possua variadas titulações e dedicação para com o exercício da educação, sem obter o principal modelo de exemplo, em vão haveria a educação na sua essência. “Cristo ligou a Si os homens e as mulheres que eram falhos de caráter e concedeu-lhes os benefícios dos seus ensinamentos e exemplo, para que tivessem a oportunidade de ver seus erros e corrigi-los”.⁶⁴

⁶¹ WHITE, E. G. *Ciência do bom viver*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 123.

⁶² WHITE, E. G. *Evangelismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 504.

⁶³ FERREIRA, 2017, p. 62.

⁶⁴ WHITE, E. G. *História da redenção*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 323.

Diz que quando a bíblia é a base e fonte para o ensino, todas as outras coisas que são agregadas em sala de aula fluem. O plano de Deus para a educação, do qual o Cristo foi submetido e tornou-se o maior exemplo, trouxe frutos não só para a formação acadêmica, mas também para a vida do ser humano em todos os aspectos.

O(a) professor(a), por sua vez, é incentivado(a) por ela a levar simpatia pelo ser humano uma vez que foi escolhido(a) para dar-lhe as lições para a vida por suas aulas e pelo seu exemplo. Deve o(a) professor(a) obter a didática de ensino associada a empatia. Segundo o livro educação de Ellen White:

Aquele que procura transformar a humanidade deve compreender ele próprio a humanidade. Unicamente pela simpatia, fé e amor podem os homens ser atingidos e enobrecidos. Neste ponto Cristo se revela o Mestre por excelência; de todos os que viveram sobre a terra, somente ele tem perfeita compreensão da alma da humanidade.⁶⁵

Já para Ferreira, sobre a relação do professor-aluno, comenta:

A relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem, dependem não só da seleção de conteúdo, organização e sistematização didática do trabalho, mas da relação de proximidade e empatia construída entre o professor e os seus alunos, tarefa inicialmente colocada para o corpo docente na atividade escolar.⁶⁶

Para a educação adventista, o(a) professor(a) é visto(a) como um representante de Deus e para tanto deve levar ao(a) aluno(a) o bocado conhecimento a cada dia na função da educação de redenção uma vez que o objetivo da educação está no processo de redenção.

O educador é identificado como um representante de Deus, como embaixador das verdades eternas, fazendo-se necessário refletir sobre sua influência no ministério de reconciliação do estudante com Deus, por que também precisa de restauração. Isso é especialmente relevante porque, nessa perspectiva, não existe um educador pronto e acabado. Trata-se de um aprendente em potencial, diferenciando-se do estudante por sua maturidade, responsabilidade e ampla visão da atividade educativa que desenvolve.⁶⁷

Premissa 8⁶⁸ – Combate à corrupção. A educação adventista declara que se põe contrária ao cenário diário de escândalos e descobertas de corrupção, há uma evocação maior nos(as) seus(suas) professores(as) e alunos(as) atuais que se afastem de tais situações. Para White, já na sua época, as instituições adventistas precisariam servir como: “barreira contra a

⁶⁵ WHITE, E. G. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 78.

⁶⁶ FERREIRA, 2017, p. 63.

⁶⁷ DIVISÃO SUL AMERICANA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Pedagogia Adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009, p. 48.

⁶⁸ FERREIRA, 2017, p. 64.

corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros”.⁶⁹

Declara que mesmo que a corrupção esteja presente em todas as camadas da sociedade, incluindo nos detalhes da própria rotina, os(as) professores(as) devem servir como exemplo de retidão e honestidade para com os estudantes, além de trabalhar para mostrar que “os grandes atos de corrupção se inicia nos pequenos atos do dia a dia quando se quer dar um jeito fora de regra para benefício próprio”.⁷⁰

Premissa 9⁷¹ – Importância do trabalho. Essa premissa afirma que a verdadeira educação valoriza a dignidade presente no trabalho honesto e que tal atividade permeia toda a criação de Deus onde cada coisa na natureza executa a sua determinada função sendo um exemplo a ser seguido. Creem que o trabalho faz evitar a tentação para com coisas ruins que possam pairar na mente humana e que ele é responsável pela disciplina, além de fazer parte do plano de recuperação humana promovido pela divindade.

White declara sobre a importância para o trabalho na vida do ser humano, desde que o mesmo seja honesto. Diz ela: “Os jovens necessitam aprender que nenhum homem ou mulher se degradam pelo trabalho honesto, o que degrada o ser humano é a ociosidade e egoísta dependência. A ociosidade favorece a condescendência própria e o resultado é uma vida vazia e estéril”.⁷² A natureza dá para o homem a madeira das árvores e os minerais de que eles necessitam, mas é somente com o esforço humano que a madeira pode ser útil e os minerais podem ser extraídos. O trabalho honesto não é degradante, nem motivo de vergonha.⁷³

White ainda comenta que é necessário ensinar aos jovens que a vida significa trabalho diligente, responsabilidade e cuidados e que precisam de um preparo que os tornem práticos, homens e mulheres que possam fazer face às emergências da vida. “Deve ensinar-lhes que a disciplina do trabalho sistemático, bem regulado, é essencial, não unicamente como salvaguarda contra as vicissitudes da vida, mas como um auxílio para o desenvolvimento completo”.⁷⁴

⁶⁹ WHITE, 2011, p. 46.

⁷⁰ FERREIRA, 2017, p. 64.

⁷¹ FERREIRA, 2017, p. 66.

⁷² WHITE, 2011, p. 215.

⁷³ FERREIRA, 2017, p. 66.

⁷⁴ WHITE, 2011, p. 215.

Premissa 10⁷⁵ – Escola da eternidade. Para White, a educação não acaba nesse mundo, considerado por ela, imperfeito. Escreve que o céu será uma escola e que o campo dos seus estudos será todo o universo e que o seu professor será o ser infinito. Essa premissa afirma que a verdadeira educação já existiu no Éden e que após o plano da redenção, tais funções da perfeição serão restabelecidas e que o educador maior será o guia de todos os eternos estudante que ali estiverem. Diz ela, “a educação iniciada nesta vida continuará na vida vindoura”.⁷⁶

A filosofia educacional adventista afirma que é pelo estudo da bíblia que se encontra uma revelação parcial do que está por vir e que a grandeza dessa escola do futuro não é tangível à visão humana: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Co.2:9). A educação adventista tem como propósito levar mais e mais alunos a essa educação perfeita.⁷⁷

Essas premissas apresentadas, resumem o mote da filosofia educacional adventista que se comparada com as demais tendências pedagógicas atuais, se percebe que há muito delas na sua prática pedagógica, acrescida do diferencial espiritual e em particular, das crenças da igreja adventista que a mantém. Percebe-se que nas premissas de 1 a 4, há particularidades de confissão de fé por eles exercidas.

1.2 Comparativo com as principais tendências pedagógicas contemporâneas

Adolfo Suárez afirma que em 2004 a Confederação das Uniões Brasileiras da IASD elaborou o primeiro documento oficial da igreja para as escolas adventistas no Brasil e que, a partir de então, é esse documento que rege toda a prática pedagógica do sistema educacional adventista e ele apresenta a postura oficial a respeito da corrente pedagógica da instituição mundial.⁷⁸

Os adventistas do sétimo dia creem que Deus é infinitamente amoroso, sábio e poderoso. Ele se relaciona com os seres humanos num nível pessoal e apresenta seu caráter como a norma suprema para a conduta humana. A IASD, reconhece, contudo, que os motivos humanos, o pensar e a conduta não satisfazem o ideal de Deus. A educação em seu sentido mais amplo é o meio de restaurar os seres humanos ao seu relacionamento original com Deus. Operando juntos, lares, escolas e igrejas cooperam com as agências divinas em preparar os estudantes para uma cidadania responsável nesse mundo e no mundo porvir. A educação adventista prevê

⁷⁵ FERREIRA, 2017, p. 67.

⁷⁶ WHITE, E. G. *Patriarcas e profetas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016. p. 602.

⁷⁷ FERREIRA, 2017, p. 67.

⁷⁸ SUÁREZ, 2017, p. 97.

mais do que conhecimento acadêmico: promove um desenvolvimento equilibrado da pessoa inteira – moralmente, intelectualmente, fisicamente e socialmente, interligando-a à denominada espiritualidade cristã. Ela abarca a eternidade. Procura desenvolver uma vida de fé em Deus e respeito pela dignidade de todos os seres humanos; formar o caráter à semelhança do criador; encorajar pensadores em vez de refletores de pensamentos alheios; promover o serviço amorável em vez de ambição egoísta; assegurar o máximo desenvolvimento do potencial de cada indivíduo; e abraçar tudo o que é verdadeiro, bom e belo.⁷⁹

Segundo Suárez, há três pensamentos básicos que norteiam a pedagogia adventista: a natureza da realidade, a criação e o processo natural e a revelação de um Deus pessoal, como cita a seguir:

Em primeiro lugar, a natureza da realidade. O conceito de que o universo é a expressão de um Ser inteligente e pessoal é fundamental na filosofia da IASD. Portanto ela considera como sendo sabedoria verdadeira, progressivamente substanciada na sabedoria verdadeira e absoluta, e que tudo que resta depende dele. Em segundo lugar, a criação e o processo natural. Os adventistas creem que o Universo foi criado e é mantido por um Deus pessoal, para propósitos determinados por Ele. Sendo que a origem do Universo é um feito além do alcance da investigação direta humana, somente pode ser percebido segundo a revelação dada pelo próprio criador. Finalmente a revelação de um Deus pessoal. Sendo que Deus é uma pessoa, pode falar, atuar, dizer e realizar qualquer coisa. Ele tem falado e continua falando através dos seguintes meios: a bíblia que é aceita como a Palavra de Deus, o critério da verdade para o ensino e a doutrina; Jesus Cristo sendo Deus-homem, é reconhecido como a suprema revelação de Deus ao homem, um perfeito exemplo de vida e o ponto focal da esperança para a raça humana; e a contribuição profética especial de Ellen G. White, através da literatura extensiva proveniente da inspiração por ela recebida, que é considerada como uma manifestação da revelação de Deus.⁸⁰

A pedagogia utilizada na rede de educação adventista foi construída com o objetivo inicial de atender prioritariamente as necessidades educacionais dos(as) filhos(as) dos primeiros adventistas nos anos iniciais da formação da igreja. Ao longo da sua história, muitos outros(as) alunos(as), não praticantes da mesma fé, foram matriculados. Suárez salienta que a educação adventista recebe alunos(as) de outras denominações e até os que não possuem religião desde que eles aceitem o tipo de regime institucional organizado para esse tipo de escola.

A confederação das Uniões Brasileiras da IASD faz um vislumbre da educação numa cosmovisão bíblico cristã apontando desde o Éden, em que afirma ter sido ali a primeira escola com o casal de habitantes como os primeiros alunos, Deus apresentado como o professor deles e as operações da natureza e as leis que governavam o Universo sendo o conteúdo que estudavam. Apresenta depois a educação no Antigo Testamento, no período

⁷⁹ SUÁREZ, 2017, p. 95.

⁸⁰ SUÁREZ, 2017, p. 95.

patriarcal no qual as famílias eram o centro educativo e as crianças possuíam lições que lhes moldavam o caráter. Os pais aprendiam de Deus e ensinavam aos(as) seus(suas) filhos(as) as suas obras e os seus caminhos. Esse era o plano de educação de Deus para o povo israelita⁸¹.

Logo em seguida, apresenta a educação nos primeiros anos da igreja cristã no novo testamento em que se encontra o maior educador de todos os tempos – Jesus – e que a influência do seu magistério impulsionou os seus discípulos a iniciarem um movimento religioso de maior impacto na humanidade. Afirma que foi nesse período que as escolas funcionaram ao lado das igrejas, paróquias, catedrais e capelas onde o finito e o infinito se encontrariam. Foi nessa época que foi fundada em Alexandria a primeira escola cristã para formar pensadores que defendessem as ideias da igreja⁸².

Ainda narra como funcionava a escola desde a educação medieval à época moderna. Com Carlos Magno e a sistematização das ideias de Tomás de Aquino, a pedagogia da religião cristã tornou-se cada vez menos bíblica. Foi aí que a educação passou das igrejas locais às grandes escolas eclesiásticas conhecidas como Universitas Scientiarum ao lado das maiores catedrais europeias, dando maior valor à razão que à fé. Após o Renascimento e a Reforma Protestante, houve o divórcio entre a fé e o ensino. Ainda nesse período, afirma que foi assim que o catolicismo reafirmou de modo taxativo o método de ensino do passado criando a ordem dos jesuítas e que foi o reformador Lutero quem incentivou a criação de escolas públicas/comunitárias onde todos tivessem acesso à educação gratuita e financiada pelo Estado. Suas ideias influenciaram o surgimento das escolas confessionais.

E por fim apresenta o surgimento da pedagogia da Educação Adventista como um dos movimentos de reação à educação clássica ou tradicional americana. É apresentado que foi a missão evangelística que deu sentido ao estabelecimento desse sistema educacional. A ênfase cristocêntrica dominou a convenção de educadores(as) adventistas de Harbor Springs em Michigan, no ano 1891. A centralidade de toda a proposta pedagógica estava fundamentada na bíblia e no contexto da cruz, fazendo crescer a procura por esse sistema educacional. A pedagogia adventista apresenta princípios educacionais semelhantes a outras formas pedagógicas contemporâneas, mas o fato da importância às atividades físicas, o trabalho manual e a instrução bíblica é que a distingue das demais propostas pedagógicas, enxergando na educação o agente redentivo/restaurador no contexto do conflito cósmico entre o bem e o mal.

⁸¹ DIVISÃO SUL AMERICANA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p. 17.

⁸² DIVISÃO SUL AMERICANA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p. 20.

Não se promove educação sem que haja aproximação do objeto do conhecimento e de como o saber se processa na mente do ser humano. O estado de conhecimento, por mais simplório que se possa apresentar, necessita de uma forma em que, facilitando a sua compreensão, se possa alcançar um estágio superior de entendimento do mesmo. As tendências pedagógicas se especializam nessas formas de relacionamento com o conhecimento e cada sistema educacional se estabelece numa epistemologia que a define.

José Carlos Libâneo⁸³ classifica as tendências pedagógicas em duas partes: Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista. Ele subdivide a Pedagogia Liberal em Tradicional, Renovada Progressista, Renovada Não Diretiva e Tecnicista. Já a Pedagogia Progressista ele a subdivide em Libertadora, Libertária e Crítica Social de Conteúdos.⁸⁴

1.2.1 *Tendência Pedagógica Tradicional*

Não se tem com esse estudo a mínima pretensão de se esgotar todas as características dessa tendência pedagógica. Para fazê-lo, seria necessário explicar todas as áreas de alcance que esse fenômeno atinge na vida daqueles que estão mergulhados no processo da educação, professores(as), alunos(as) e comunidade escolar. A intenção é mencionar alguns pontos específicos vistos por uns como positivos e por outros como negativos.

Essa prática educacional está focada na pessoa do professor como mostra o texto a seguir:

Centrada na figura do professor como aquele que, em sua relação com os alunos deve vigiar, aconselhar, ensinar e corrigir. Para tanto, faz uso da exposição oral, alicerçado na concepção de ser o detentor do conhecimento e o organizador do processo, e por preocupar-se com o texto social do qual a escola faz parte. Ao aluno cabe a participação passiva através de exercícios repetitivos, tendo em vista a memorização dos conteúdos. Todo esse aparato, objetiva preparar o aluno para ocupar o seu lugar na sociedade, na forma como está organizada. Ao nela ingressar, deve optar por uma profissão que se possível, o auxilie a mudar o seu status social. Uma vez que os conhecimentos são vistos como acabados, a prática escolar pauta-se por atividades compartimentalizadas e estanques. Essas fazem dos conteúdos um rol de informações a serem assimiladas de forma burocrática e estanque, sem privilegiar a contextualização com os interesses do aluno, nem com a problemática do seu entorno social. Os conteúdos eleitos, a partir dos valores sociais acumulados ao longo dos tempos, são estruturados através: da organização lógica das disciplinas e do aprendizado moral disciplinado e esforçado.⁸⁵

⁸³ O professor José Carlos Libâneo é Doutor em Educação, Mestre em Educação Escolar Brasileira e professor titular da Universidade Católica de Goiás.

⁸⁴ MAIA, Chistiane Martinatti; SCHEIBEL, Maria Fani. *Organização do trabalho pedagógico*. Curitiba: IESD Brasil S.A., 2010. p. 57.

⁸⁵ UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999, p. 13.

No que se refere à metodologia utilizada por essa tendência pedagógica, percebe-se que está fundamentada nas aulas expositivas de uma única pessoa que detém o poder da informação e divide-a com a plateia expectante. Mizukami comenta no seu livro sobre as abordagens do processo:

O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno, se limita, passivamente, a escutá-lo. O ponto fundamental desse produto da aprendizagem. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado. A didática tradicional quase que poderia ser resumida, pois, em 'dar a lição' e em 'tomar a lição'. São reprimidos frequentemente os elementos da vida emocional ou afetiva por se julgarem impeditivos de uma boa e útil direção do trabalho de ensino. A utilização frequente do método expositivo, pelo professor, como forma de transmissão de conteúdo, faz com que muitos concebam o magistério como uma arte concentrada no professor. [...] Fica visível em sala de aula, uma troca verbal intensa entre professor e alunos, em termos das perguntas do primeiro e das respostas dos segundos, até que o resultado proposto seja atingido. Como os alunos chegam a esse resultado, infere-se que tenham compreendido o conjunto relacionado de ideias tal como foi proposto.⁸⁶

As marcas da pedagogia tradicional estão presentes em toda escola, mesmo as mais atuais lançam mão de algumas metodologias utilizadas por essa corrente pedagógica. Qual professor(a) da atualidade nunca fez uma exposição verbal ou enviou exercícios para a fixação do conteúdo estudado? Tarefas para casa ou provas extensas e escritas.

1.2.2 *Tendência Pedagógica Liberal Renovada*

Nessa tendência pedagógica, também conhecida como Renovada Progressista, o foco não está centralizado na figura do(a) professor(a), mas no(a) aluno(a). Além de a educação ser pensada para ele(ela), também é pensada por ele(ela). Eis a principal diferença entre a Tendência Tradicional para a Tendência Renovada Progressista: a importância do fazer para aprender ao invés de se concentrar em entregar para o(a) aluno(a) a quantidade dos conteúdos já pensados, prontos.

Algumas características dessa tendência são: 1. nos métodos de ensino são valorizadas as formas de aprender fazendo. Estudo do meio natural e social e a solução de problemas. 2. O papel do(a) professor(a) é auxiliar o desenvolvimento livre espontâneo do aluno(a) e a disciplina surge a partir da conscientização dos limites da vida em grupo. 3. O

⁸⁶ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. p. 16.

relacionamento entre o(a) aluno(a) e o(a) professor(a) é positivo gerando uma vivência mais democrática. 4. A avaliação é fluida e mais eficaz.⁸⁷

Sendo assim, o(a) professor(a) aqui é apresentado como aquele que conduz o conhecimento ao(a) aluno(a) de forma diferenciada. Ele(a) está com a incumbência de auxiliar o(a) aluno(a) a encontrar o prazer pelo conhecimento a partir dos seus horizontes, sonhos e aspirações. Promover a construção do conhecimento que seja atraente para o(a) aluno(a) e de serventia para a comunidade em que ele está inserido(a).

Tal postura visa atender as diferenças individuais, para que as capacidades e habilidades do sujeito se desenvolvam. Essa visão em educação, pauta-se por um ativismo do sujeito e desconsidera o planejamento do professor, já que a aprendizagem se dá a partir do interesse do sujeito. A escola também perde o referencial como local onde se ensina e se aprende.⁸⁸

No comentário acima, percebe-se a crítica ao estilo pedagógico apresentado pelo foco que é dado à figura do aluno sem considerar o referencial e importância na pessoa do professor(a) nem no local em si, como o ponto de encontro onde se ensina e se aprende.

1.2.3 *Tendência Pedagógica Liberal Renovada Não Diretiva*

Uma vez que a Tendência Pedagógica Liberal foca na pessoa do aluno, a Não Diretiva, por sua vez, está centrada nos problemas psicológicos que o(a) aluno(a) venha apresentar. A preocupação de fazer com que o(a) mesmo(a) esteja inserido(a) no ambiente em que ele(ela) vive é perceptível nessa tendência.

Segundo Maia e Scheibel, Pedagogia Liberal Renovada Não Diretiva é aquela que:

Centra-se na formação de atitudes e está mais preocupada com os problemas psicológicos dos alunos que com os pedagógicos ou sociais – tanto que os conteúdos escolares são considerados secundários. Ele se esforça para estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente. Enfatiza o processo de desenvolvimento das relações e da comunicação, facilitando para que a busca dos conhecimentos seja feita pelo próprio aluno.⁸⁹

⁸⁷ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 59.

⁸⁸ UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999, p. 14.

⁸⁹ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 59.

O(a) professor(a) aqui é o facilitador(a) da aprendizagem, sendo o psicólogo norte-americano Carl Rogers o fundador e é o nome mais expressivo de estudos sobre essa tendência.⁹⁰

1.2.4 *Tendência Pedagógica Liberal Tecnicista*

Essa tendência é ramificada da Pedagogia Tradicional por estar voltada a controlar e dirigir o conhecimento através de atividades mecanizadas. Para Libaneo “o professor é apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional previsto”.⁹¹ Pode-se comparar os(as) alunos(as) nessa tendência pedagógica como os(as) funcionários(as) de uma empresa. Cria-se uma análise comportamental dos(as) alunos(as) controlando as varáveis que venham afeta-los(as).

Trata-se de um ramo da Pedagogia Tradicional, inspirada nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica de ensino. Nela, o papel do professor também é o de controlar e dirigir através das atividades mecânicas. Sua figura, porém, perde a importância para essas tecnologias, que têm nele um mero especialista para a sua aplicação. Julga-se que para aprender basta organizar muito bem as atividades, missão para especialistas alicerçados em técnicas. Estas devem concorrer para que o aluno reaja a estímulos de modo a corresponder ao que a escola espera dele. Diferente da Pedagogia Renovada, a Tecnicista não leva em conta os interesses nem o ritmo próprio de cada sujeito. Sua atenção é dirigida para que todos os sujeitos estejam num mesmo ritmo e se apropriem dos conteúdos da forma mais objetiva e, por conseguinte, mensurável possível. Como as anteriores, não tem como meta um sujeito capaz de interpretar, atuar e transformar o social, mas sim ocupar o seu lugar na sociedade como está organizada.⁹²

Assim, ela visa subordinar a educação à sociedade. Ela “modela o comportamento humano com técnicas específicas, que organizam o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimento específico, para que os indivíduos se integrem no sistema social global”.⁹³ A subjetividade na transmissão de conteúdo por parte dos(as) professores(as) está fora de cogitação. A técnica, e tão somente ela, é o mote dessa tendência, uma vez que o(a) aluno(a) está na escola para receber os princípios científicos; já o(a) professor(a) deve exercer o seu papel de especialista objetivo apenas como informador(a) do conteúdo.

Fixar as informações recebidas, faz do(a) aluno(a) um ser capaz de servir a comunidade na qual ele reside. Não existe a oportunidade de se realizar debates, fazer

⁹⁰ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 59.

⁹¹ LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 30.

⁹² UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999. p. 15.

⁹³ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 59.

comentários ou dar sugestões. Basta viver interagindo com o conteúdo proposto. Não é necessário interagir com o outro. “[...] Cria-se um estudo científico no comportamento, com o intuito de descobrir as leis naturais que presidem as reações físicas do organismo que aprende, a fim de aumentar o controle das variáveis que o afetam”.⁹⁴

Também conhecida como comportamentalista, essa tendência, geralmente, é caracterizada como a que vê o conhecimento como uma descoberta apenas para o indivíduo que a faz, uma vez que o mesmo já se encontrava na realidade exterior. Para tanto, os comportamentalistas o consideram como resultado direto da experiência. Os autores que mais contribuem para o estudo dessa tendência são Skinner, Gagné, Bloom, Mager, entre outros.

Sobre a abordagem comportamentalista Mizukami encerra,

Para que se possa proceder à análise comportamental do ensino, é necessário se considerar que tanto os elementos do ensino como as respostas do aluno podem ser analisados em seus componentes comportamentais. O ensino é, pois, composto por padrões de comportamento que podem ser mudados através de treinamento, segundo objetivos pré-fixados. Os objetivos de treinamento são categorias de comportamento ou habilidades a serem desenvolvidas. Habilidades são compreendidas como respostas emitidas, caracterizadas por formas e sequências especificadas. Finalmente, nesse tipo de abordagem, supõe-se e objetiva-se que o professor possa aprender a analisar os elementos específicos de seu comportamento, seus padrões de interação, para dessa forma ganhar controle sobre eles e modifica-los em determinadas direções quando necessário, ou mesmo desenvolver outros padrões.⁹⁵

Fica claro então, de acordo com Mizukami, que “além da aplicação de conhecimentos científicos à prática pedagógica, envolve um conjunto de tendências diretamente aplicáveis em situações concretas de sala de aula”.⁹⁶ De fato, a cooperação entre alunos(as) não é enfatizada nessa tendência pedagógica.

1.2.5 *Tendência pedagógica Progressista Libertadora*

De acordo com a classificação de Libâneo, ela tem suas características reforçadas, no Brasil, depois do regime militar. Esse termo progressista é utilizado a partir da análise crítica da sociedade. Para ele, não se pode institucionalizar essa tendência pedagógica numa sociedade capitalista, sendo então um instrumento de luta dos professores ao lado das práticas sociais fazendo mais sentido que esteja junto ao povo e cita que ela carrega modalidades não formais de ensino.

⁹⁴ LIBÂNEO, 1990, p. 30.

⁹⁵ MIZUKAMI, 1986, p. 21.

⁹⁶ MIZUKAMI, 1986, p. 35.

Originou-se dos movimentos de educação popular, reforçada pelas ideias pós regime militar. Pauta-se pela discussão dos temas relevantes ao entorno social, com o objetivo de formar sujeitos capazes de transformar a realidade social e política. Ao professor cabe coordenar as atividades, que foram organizadas de forma socializada na classe, e atuar junto com os alunos.⁹⁷

Para Maia e Scheibel, essa tendência pedagógica libertadora questiona as relações que o ser humano tem com a natureza e os seus semelhantes para transformá-los estabelecendo assim uma nova forma de relacionar o que se aprende em sala de aula e a experiência vivida por cada um. Segundo elas,

Para essa pedagogia, os conteúdos de ensino, denominados temas geradores, são extraídos da vida dos educandos; os conteúdos tradicionais, por sua vez, são recusados. O ato de conhecimento é propiciado pelo diálogo autêntico entre professores e alunos (ambos sujeitos do conhecimento).⁹⁸

Dessa forma, Libâneo afirma que “o importante não é a transmissão dos conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida”.⁹⁹ Ele afirma ainda,

Em nenhum momento o inspirador e mentor da pedagogia libertadora, Paulo Freire, deixa de mencionar o caráter essencialmente político de sua pedagogia, o que, segundo as suas palavras, impede que ele seja posta em prática, em termos sistemáticos nas instituições oficiais, antes da transformação da sociedade. Dai porque sua atuação se dê mais a nível da educação extraescolar. O que não tem impedindo, por outro lado, que seus pressupostos sejam adotados e aplicados por numerosos professores.¹⁰⁰

Daí o foco dessa Tendência Progressista Libertadora ser uma reflexão e crítica das práticas pedagógicas desenvolvidas por uma educação formal. Na Libertadora, entende-se que está na educação o papel primordial de transformação da sociedade. A educação é tida como um ato político para a construção de uma sociedade cada vez melhor, cada vez mais justa, humana, ética e solidária. Uma busca constante em favor dos menos favorecidos.

1.2.6 *Tendência Pedagógica Progressista Libertária*

Para Maia e Scheibel, essa tendência pedagógica pretende resistir à burocracia como instrumento de controle e ação dominadora do Estado. Afirmam que:

⁹⁷ UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999, p. 15.

⁹⁸ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 60.

⁹⁹ LIBÂNEO, 1990, p. 33.

¹⁰⁰ LIBÂNEO, 1990, p. 34.

A escola exerce uma mudança na maneira de pensar dos alunos, num sentido libertário e de autogestão. As matérias escolares não são exigidas, mas vistas como instrumentos complementares colocados à disposição dos educandos. Mais importantes são os conhecimentos resultantes das experiências vividas pelo grupo. Valoriza a vivência em grupo, na forma de autogestão, como método para os alunos buscarem as bases mais satisfatórias de sua própria 'instituição', com iniciativa e sem qualquer forma de poder. A relação professor-aluno não é diretiva, sem nenhuma forma de poder, obrigação ou ameaça. O professor age como orientador, conselheiro e catalisador junto ao grupo, visando à reflexão em comum.¹⁰¹

Assim, essa tendência abrange quase todas as tendências contrárias às autoritárias em educação, e entre elas estão a anarquista, a psicanalítica e dos professores progressistas. Segundo Libâneo, o método de ensino da Pedagogia Libertária:

É na vivência grupal, na forma de autogestão, que os alunos buscarão encontrar as bases mais satisfatórias de sua própria 'instituição' graças a sua própria iniciativa e sem qualquer forma de poder. Trata-se de 'colocar nas mãos dos alunos tudo o que for possível: o conjunto da vida, as atividades e a organização do trabalho no interior da escola (menos a elaboração dos programas e decisão dos exames que não dependem nem dos docentes, nem dos alunos)'. Os alunos têm a liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades ou das do grupo. O progresso da autonomia, excluída qualquer direção de fora do grupo, dá-se nem 'crescendo': primeiramente oportunidade de contatos, aberturas, relações informais entre alunos. Em seguida, o grupo começa a organizar-se, de modo a que todos possam participar de discussões, cooperativas, assembleias, isto é, diversas formas de participação e expressão pela palavra; quem quiser fazer outra coisa, ou entra em acordo com o grupo ou se retira. No terceiro momento, o grupo organiza-se de forma mais efetiva e, finalmente, no quarto momento, parte para a execução do trabalho.¹⁰²

O(a) aluno(a) será capaz de levar para a sua realidade tudo o que aprendeu na escola de tendência Libertária e poderá descartar todo tipo de controle externo quando exercer a autogestão.

1.2.7 *Tendência Pedagógica Progressista Crítico-Social dos conteúdos*

É a escola que visa preparar o(a) estudante para um mundo cheio de contradições, esperando que os mesmos mudem tal realidade. Maia e Scheibel comentam que "A difusão dos conteúdos escolares é a tarefa primordial da escola. Esses conteúdos devem ser 'vivos', concretos e indissociáveis da realidade humana e social".¹⁰³ Sobre a relação pedagógica, o método de ensino e a aprendizagem, comentam:

¹⁰¹ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 61.

¹⁰² LIBÂNEO, 1990, p. 67-68.

¹⁰³ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 61.

A relação pedagógica consiste nas trocas estabelecidas entre o meio e o sujeito, ou seja, entre o educador e o educando. É necessário que o professor saiba e compreenda o que o aluno diz e faz, da mesma forma que o aluno precisa compreender o que o professor quer lhe dizer. O método de ensino parte de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o que ele já tem. Também pode acontecer de o professor prover a estrutura cognitiva de que o aluno precisa para adquirir novos conhecimentos. A aprendizagem ocorre a partir do momento da síntese – quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora.¹⁰⁴

Essa Tendência Pedagógica Crítico-Social dos Conteúdos trata-se de uma derivação da Libertadora. Tem como objetivo, em relação àquela,

O resgate da importância do chamado ‘saber elaborado’ – aquele acumulado historicamente pelo homem. Tal preocupação deve-se ao fato de propiciar, às classes populares, condições de interpretar experiências de vida e defender os interesses de sua classe. Tal performance é vista como possível, através da contextualização com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural da humanidade. Nessa perspectiva, o papel do professor é relevante, já que se trata daquele que será o mediador entre o aluno e o conhecimento acumulado historicamente. Como mediador, deve fazer das estratégias sócio interacionais, o instrumento para que a aprendizagem aconteça. Vista deste prisma a aprendizagem pode ser entendida como co-participativa, já que acontece via interações assimétricas, isto é, entre professor/aluno, aluno/aluno e outras associações possíveis, mediadas pela linguagem. [...] Para tanto, o aluno precisa entender-se como um ser social, alguém com identidade histórica, cultural e institucional, cujos processos cognitivos serão gerados por meio da interação.¹⁰⁵

Percebe-se que há um muito de positivo em cada tendência pedagógica apresentada neste capítulo e, é perceptível também, que mesmo se declarando diferente, a filosofia educacional da rede de educação adventista não se encontra isolada, nem se nega de extrair o que se tem de bom de cada uma delas. Seja ela da categoria liberal ou progressista, em cada uma delas há uma função social a desempenhar nos(as) alunos(as). O que se difere a filosofia educacional adventista das demais tendências pedagógicas é a sua percepção de que o ser humano é o reflexo do divino e que, por causa do pecado, necessita de uma redenção com o seu Deus e esta redenção é oferecida por meio de uma educação que redime. As aulas de Ensino Religioso são o canal para a reconexão com a divindade.

No segundo capítulo, é apresentado o papel do(a) professor(a) de Ensino Religioso dentro das instituições adventistas de ensino. Sua atuação, sua maneira de lidar com o(a) aluno(a), seu exemplo e a sua forma de apresentar os valores espirituais em cada sala de aula contidos na proposta pedagógica da rede, em conexão com os valores sugeridos pelos parâmetros curriculares nacionais.

¹⁰⁴ MAIA; SCHEIBEL, 2010, p. 61.

¹⁰⁵ UNIÃO SUL BRASILEIRA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 1999, p. 16.

2 O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E A PASTORAL EDUCACIONAL NAS INSTITUIÇÕES ADVENTISTAS DE ENSINO

GROSS afirma que os valores morais existentes na sociedade e temas polêmicos como aborto, métodos contraceptivos, a sustentabilidade, as drogas, a eutanásia, entre outros, indicarão aos seus alunos a sua firmeza nos seus princípios.¹⁰⁶ Os valores ensinados na rede educacional adventista exaltam os valores bíblico-cristãos transmitidos, não apenas pelos(as) professores(as) de Educação Religiosa, mas prima-se que todo(a) professor(a) da rede esteja em acordo com tais princípios.

Para WHITE, é dever do(a) professor(a) adventista ensinar ao aluno que chegará o dia em que toda a raça humana saberá da verdadeira história do conflito do bem contra o mal, da falsidade e do início do pecado e que o véu será retirado de diante dos olhos de todos e todas e lhes serão reveladas coisas maravilhosas¹⁰⁷. Nos dois parágrafos, se mostra a intenção espiritual ensinada aos(as) alunos(as) que estudam na educação adventista.

2.1 A figura do(a) professor(a) de Educação Religiosa/pastoral escolar

O(a) professor(a) da rede de educação adventista é tido num mesmo nível de responsabilidade perante os(as) alunos(as) na escola, assim como os pastores das igrejas adventistas são vistos por seus membros na igreja. White comenta que o(a) professor(a) em seu trabalho trata de coisas reais e delas deve falar com toda a força de entusiasmo e que sejam inspirados pelo conhecimento de sua realidade e importância.¹⁰⁸ Ela reforça essa ideia contando que,

Um importante elemento no trabalho educativo é o entusiasmo. Quanto a esse ponto, há, em uma observação feita certa vez por um célebre autor, uma útil sugestão. O arcebispo de Cantuária fizera-lhe a pergunta por que os atores em uma representação interessam seu auditório tão poderosamente falando de coisas imaginárias, enquanto os ministros do evangelho muitas vezes tão pouco interessam aos seus, falando de coisas reais. 'com a devida submissão a V. Exa', replicou o autor, 'permita-me dizer que a razão é clara; está no poder do entusiasmo. Nós, no palco, falamos de coisas imaginárias como se fossem reais, e vós outros, no púlpito, falais de coisas reais como se fossem imaginárias.'¹⁰⁹

¹⁰⁶ GROSS; GROSS, 2012, p. 81.

¹⁰⁷ WHITE, 2011, p. 304.

¹⁰⁸ WHITE, 2011, p. 233.

¹⁰⁹ WHITE, 2011, p. 233.

Diante dessa fala, exige-se que os(as) professores(as) da rede educacional adventista ponham, em cada aula realizada, o entusiasmo na apresentação das coisas reais que creem serem importantes para a construção do caráter dos seus(suas) alunos(as) a partir das suas premissas apresentadas no primeiro capítulo. Pode-se perceber, também, que a importância dos temas religiosos é compartilhada pelos(as) professores(as) das demais áreas não ficando na incumbência apenas do(a) professor(a) de Educação Religiosa.

Menslin¹¹⁰ afirma que se uma instituição confessional adota uma confissão religiosa explícita, acredita no que faz e exerce tal prática como sendo o modelo ideal para o desenvolvimento humano, no mínimo, deve-se esperar que seus(suas) professores(as) estejam preparados(as) para lidar com os desafios de uma geração que está sempre em mudanças. Para ele, as pessoas estão mais voltadas para o aqui e agora, estão passando por um processo de desumanização e para suprir tal ruptura social, busca-se na figura do(a) professor(a) de Educação Religiosa uma solução.

Tem surgido um grande número de alunos(as) que, sem preparo educacional primeiro, chegam às salas de aula com um comportamento, muitas vezes, abusivo e sem respeito pela figura do(a) professor(a), quando não estão isentos de sentido de vida. Não corroboram com a construção do ensino em sala de aula, nem possuem estímulo para a construção do saber. Cabe ao(a) professor(a), de boa perspicácia, ler tais sujeitos nas suas carências e, na medida do possível, ajudá-los a suprir um pouco das suas necessidades emocionais.

Para Gross, todo(a) professor(a) adventista deve ter um profundo interesse na salvação de cada aluno(a), “precisa ter em mente que Cristo morreu no lugar de cada aluno que está sob sua responsabilidade. Ensinar o caminho que leva ao pai é muito mais que meras palavras”.¹¹¹ Depois de explanar sobre os cuidados que o(a) professor(a) deve ter com os seus traços físicos, os fatores mentais, sua disposição e temperamento, comportamento social e moral e vida espiritual, ele lembra que,

Pode-se inferir que o professor adventista deve ter uma entrega absoluta a Deus, e um vívido senso de realidade e presença de Deus e seus agentes nas salas de aulas. Ao nelas adentrar pode e deve ter ciência e consciência de que não o está fazendo sozinho – anjos de Deus o estão a acompanhar. O Espírito Santo ali estará para impressionar o coração de seus alunos, para que suas palavras caiam em terreno fértil e que tais palavras não sejam apenas palavras, mas a Palavra. Um professor assim terá aprendido a reconhecer em Jesus Cristo o caminho de Deus, será dependente do Espírito Santo de todo o seu coração e revelará um interesse sensível e profundo pelo bem-estar espiritual e pela salvação dos seus alunos. Não hesitará

¹¹⁰ SUÁREZ, 2017, p. 322.

¹¹¹ GROSS, 1999, p. 39.

em dar testemunho da verdade em todas as ocasiões, em classe ou fora dela, aos seus alunos ou aos familiares destes. Sua grande, permanente e visível preocupação será abreviar a vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu reino. Ele se dirigirá não apenas ao intelecto dos seus alunos, mas também ao coração procurando convencê-los do erro e do pecado, da justiça e do juízo, através da graça e da misericórdia divinas manifestadas na figura do Rabi – Mestre dos mestres, Príncipe dos professores, cujo nome é: ‘Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz’ (Is. 9:6).

O parágrafo acima, num dado momento, apresenta-se de forma confusa se está se referindo a uma igreja ou uma escola, porém, quando a instituição educacional é de cunho religioso – de confissão de fé religiosa – possui uma mantenedora que orienta sua posição filosófica educacional. Na rede educacional adventista, espera-se que, se possível, os(as) seus(suas) professores professem a mesma fé da instituição cristã. Assim, as aulas e aconselhamentos oferecidos aos(as) alunos(as) pelo(a) professor(a) de Educação Religiosa representarão a prática daquilo que creem. Acredita-se, então, que o exemplo do(a) professor(a) cristão(ã) auxiliará o(a) aluno(a) a encontrar sentido de vida.

A salvação apontada no texto acima é claramente apresentada ao(a) aluno(a) da educação adventista como disponível para todo(a) aquele(a) que crê nas doutrinas bíblicas presentes nas crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Espera-se que o(a) professor(a) esteja em comunhão espiritual e compartilhe dessa comunhão com os(as) seus(suas) alunos(as).

Segundo Knight, é o(a) professor(a) quem comunica o currículo para o(a) estudante e a contratação e a retenção de professores(as) de qualidade é o que faz o diferencial na rede de educação adventista. Salienta: “se a qualidade dos professores é fator crucial para o sucesso de um sistema escolar que visa apenas preparar pessoas para viver e trabalhar nessa terra, quanto mais na que prepara jovens para a eternidade”.¹¹² Segundo ele,

A principal diferença entre os papéis de pastores e mestres em nossos dias tem a ver com a divisão atual do trabalho. Na sociedade do século XXI, o professor cristão pode ser visto como um pastor no contexto da ‘escola’, enquanto o pastor é aquele que ensina à ‘comunidade religiosa mais ampla’. É importante lembrar que sua função é essencialmente a mesma; muito embora pelas definições de hoje, eles tenham se encarregado de diferentes divisões da vinda do Senhor. Ensinar os jovens não é apenas uma função pastoral, mas também uma das formas mais eficazes de ministério, uma vez que abrange um grupo que ainda está em idade muito suscetível.

É explícito o objetivo da disciplina de Educação Religiosa na rede educacional adventista. Se para a escola interconfessional e para a escola pública exige-se um professor de

¹¹² KNIGHT, George R. *Educando para a eternidade: uma filosofia adventista de educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2017, p. 77.

competência profissional para trabalhar o fenômeno religioso em suas mais variadas formas de exercício, exige-se, no mínimo, um(a) professor(a) que domine os conceitos a serem apresentados na escola confessional de fé religiosa, em todos os níveis educacionais que ela ofereça.

A Educação Religiosa é levado a sério na rede educacional adventista por pregar os ensinamentos bíblicos de uma redenção para um mundo que será restaurado à sua formação inicial edênica. Assim sendo, a razão da existência dessa escola e a atuação dos(as) professores(as) de Educação Religiosa, estabelecem a crença primordial da morada numa cidade onde seus moradores viverão eternamente sem conhecer o sofrimento e a morte. Menslin destaca sete elementos especiais que se espera de um professor na rede de educação adventista.

Primeiro¹¹³, espera-se que o(a) professor(a) da rede adventista de educação conheça a razão e existir da educação adventista. Todo(a) professor(a) deve conhecer e receber de presente da sua administração o livro Educação, da pioneira Ellen White. “Saber da sua origem, que saímos das mãos criadoras de um Ser supremo – Deus – [...] existe um plano para restaurar no ser humano a imagem do seu Autor”.¹¹⁴ Para Menslin, essa é a razão de existir da educação adventista, diferindo-a das demais que não se adequam na confissão de fé religiosa ou das que confessam a religiosidade, mas estão fora dos parâmetros da redenção apontados desde os seus pioneiros adventistas como primordiais para a salvação da raça humana e defendido pelas premissas básicas atuais da instituição. Os objetivos básicos da educação adventista, apresentados por ele são: salvação dos(as) alunos(as), desenvolvimento do caráter, desenvolvimento do intelecto, desenvolvimento da saúde física e emocional e o preparo para o serviço.

Espera-se, em segundo¹¹⁵ lugar, do(a) professor(a) dessa rede que ele(a) seja capaz de reconhecer suas possibilidades e limitações. Segundo ele, o(a) professor(a) deve cuidar dos aspectos físicos da sua vida, tenha um programa regular de exercícios físicos, cuide do que se ingere como alimento, cuide da voz como ferramenta do seu trabalho, movimentar-se com frequência, dormir bem, cuidar dos aspectos emocionais da vida, tirar tempo para descansar, tirar tempo para estar com a família, cultivar boas amizades, contemplar o que é belo, que surpreenda a si mesmo e aos outros saindo da rotina e que cuide dos aspectos da vida

¹¹³ MENSLIN, Douglas. *O que esperam de mim como professor da Rede Adventista: uma visão panorâmica das funções na Educação Adventista, da administração escolar ao serviço de apoio*. Curitiba: DKM Editora, 2013. p. 15.

¹¹⁴ MENSLIN, 2013, p. 15.

¹¹⁵ MENSLIN, 2013, p. 23.

espiritual como estudar a Palavra de Deus, fazendo suas orações e exerça a prática da ação do amor.

Em terceiro¹¹⁶ lugar, Menslin comenta o que se espera do(a) professor(a) como profissional de ensino da educação adventista, que seja imitador de Jesus, que possua o senso da presença divina, ande em sintonia com a filosofia e a proposta da educação adventista, obtenha relacionamento pessoal positivo, cuide com a saúde física e mental, tenha equilíbrio emocional, que adquira profissionalismo e aperfeiçoamento constantes, aceite os limites e as possibilidades do(a) aluno(a) e faça uso da linguagem adequada. Orienta ainda: a) sobre a formação profissional no que se refere ao seu conhecimento, cultura profissional, tato, compromisso social; b) a respeito da formação inicial; c) sobre a formação continuada e sugere para o seu aprendizado contínuo que mantenha um disciplinado programa de leitura e estudo, que leia as pessoas que estão ao redor além dos livros e faça cursos de atualização; d) o(a) professor(a) e as teias de conexão social no que se refere a sua relação com o(a) diretor(a) da escola, o(a) administrador (a)financeiro, o(a) coordenador(a) pedagógico, o(a) orientador(a) educacional, os seus pares, o(a) servidor(a) da escola, os pais dos(as) alunos(as) e com o(a) próprio(a) aluno(a); e) sua responsabilidade profissional como a ética dentro da sua profissão, sua estética, sua sala de aula, as reuniões de trabalho, o preparo das suas aulas e a burocracia escolar; f) o(a) professor(a) e sua influência social; g) o(a) professor(a) e sua influência espiritual.

Em quarto¹¹⁷ lugar, Menslin cita o que se espera do(a) professor(a) da rede adventista de ensino na Educação Infantil. Entre outras funções exaustivamente citadas nesse quarto ponto, como a filosofia da educação adventista, ele esclarece que o(a) professor(a) deve: gostar de crianças, ter agilidade e mobilidade física, ser ético, saber ouvir os relatos infantis, ser firme e amável ao mesmo tempo, relacionar-se bem com os(as) alunos(as) e seus familiares, ser criativo, querer aprender, utilizar roupas adequadas, não deixar as crianças sozinhas, não dar as costas para as crianças, ter cuidado dobrado em atividades ao ar livre, trabalhar o tom da voz, apreciação pela música, saber contar histórias, conhecer as áreas do conhecimento a serem trabalhadas, conhecer as etapas do desenvolvimento infantil, ler e escutar a proposta pedagógica e o regimento escolar da instituição, saber elaborar projetos de ação pedagógica, decorar e redecorar o ambiente escolar, reservar um espaço na sala de aula para valorizar os projetos espirituais, ensinar pelo exemplo e ter asseio e higiene.

¹¹⁶ MENSLIN, 2013, p. 47.

¹¹⁷ MENSLIN, 2013, p. 99.

Em quinto¹¹⁸ lugar, é apresentado que se espera do(a) professor(a) que dá aulas pro Fundamental I: mais uma vez, é lembrado para o(a) professor(a) a importância de ler sobre a filosofia educacional adventista antes que seja apresentado o que se espera do(a) profissional para essas séries iniciais. Ele cita a importância de o(a) professor(a) conhecer o perfil do estudante nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, como aproveitar as oportunidades para um ensino produtivo; conhecer os aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais dos(as) alunos(as) do 1º ao 3º ano do EF; conhecer os aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais dos(as) alunos(as) do 4º ao 5º ano do EF; usar temas que valoram as ações sociais e que podem ser trabalhados nos anos iniciais.

Em sexto¹¹⁹ lugar, Menslin fala o que se espera do(a) professor(a) do Ensino Fundamental II. Nesse ponto, ele salienta os princípios metodológicos que servem como base teórica comum para as práticas pedagógicas do currículo na educação adventista, podendo ser ampliada por novas ideias que atendam a faixa etária dos(as) alunos(as) e o respeito às diferenças individuais, sem perder de vista os referenciais teóricos: A) que o(a) professor(a) conheça e domine tais princípios: centralidade da Bíblia; integração fé e ensino; progressão na abordagem e aprofundamento do conteúdo, clareza e objetividade no processo de ensino; relação teoria-prática; coerência entre objetivos, conteúdos, procedimentos e avaliação; consideração pelos conhecimentos adquiridos e as experiências vividas; conhecimento do(a) aluno(a) e da sua realidade; estímulo ao espírito de investigação, reflexão e criatividade; consolidação dos conhecimentos, tornando-os permanentes; respeito as diferenças individuais; consideração dos valores bíblico-cristãos; espírito cooperativo e interdisciplinaridade. B) o(a) professor(a) e a sua relação com os temas transversais. C) o(a) professor(a) e a sua relação com o aluno. D) o(a) professor(a) e a disciplina escolar. E) o(a) professor(a) e a avaliação da aprendizagem.

E em último¹²⁰ lugar, ele aponta o que se espera do(a) professor(a) do Ensino Médio. O sétimo e último ponto apresentado refere-se o quanto o(a) professor(a) que é especialista na disciplina que ministra e que possui um número muito maior de alunos que estão sob sua tutela. Espera-se que o(a) professor(a) desse nível de ensino esteja apto(a) a: 1) familiarizar-se com as transformações emocionais que os(as) alunos(as) passam nessa faixa etária e como essas transformações interferem na sua aprendizagem e 2) perceber o quanto podem auxiliar nos trabalhos docentes com esses(as) alunos(as). Primeiro, sobre as transformações

¹¹⁸ MENSLIN, 2013, p. 113.

¹¹⁹ MENSLIN, 2013, p. 129.

¹²⁰ MENSLIN, 2013, p. 143.

emocionais: o cérebro em transformação e as características inerentes aos adolescentes. Em segundo lugar, o que os adolescentes esperam encontrar nos(as) seus(suas) professores(as); o valor da credibilidade; o respeito com a base do desenvolvimento; a ética como princípio de vida; a integridade e o relacionamento professor(a)-aluno(a); como aproveitar as oportunidades de um ensino produtivo.

Tais elementos mostram que o(a) professor(a) é responsável por registrar no(a) aluno(a) a proposta educacional redentora da educação adventista. Cabe a eles(as), além de transmissor(a) do conhecimento, instruir aos(as) seus(suas) alunos(as) os valores e princípios que podem mudar a vida deles. Ao(a) professor(a) dessa rede, cabe haver um compromisso com a sua cosmovisão bíblico cristã que é fundamentada nas mesmas bases das doutrinas da IASD. Meslin comenta que a essência da igreja e da escola são as mesmas, tendo como base a Bíblia Sagrada.¹²¹

2.1.1 *Os conteúdos trabalhados em sala de aula*

Segundo o departamento de educação da União Sul Brasileira da IASD, na sua Proposta Pedagógica que compreende desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, a estruturação está em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e que também, para a criança pequena como sujeito de direitos, aprende brincando e que vive a cultura e também a modifica, utiliza as Diretrizes curriculares nacionais da educação infantil (DCNEI), elaboradas em 1999 e revisadas pela resolução CNE/CEB n. 05/2009. Já para o Ensino Fundamental, baseia-se na Resolução de n. 7 de 14 de dezembro de 2010, que fixou as Diretrizes e Bases Nacionais para o ensino fundamental como também se norteia para o Ensino Médio, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais que é observada na Resolução de n. 2 de 30 de janeiro de 2012.¹²²

Os conteúdos apresentados a seguir foram resumidos a partir da Proposta Pedagógica da Educação Adventista, na visão dos autores Silva e Littke.

¹²¹ SUÁREZ, 2017, p. 328.

¹²² SILVA, Rubens; LITCKE, Anilce Bittencourt. *Proposta Pedagógica*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 4.

Quadro 2 - Conteúdos estudados nas aulas de Princípios e Valores (Ensino Religioso) da Educação Infantil¹²³

Conhecer para respeitar	Valores necessários	Relações com a comunidade	Histórias bíblicas
Conhecimento de si e do outro	Verdade	Solidariedade	A criação
Diferenças individuais	Cortesia	Limites entre o individual e o coletivo; entre o eu e o outro	Crenças na Bíblia
Qualidades das pessoas	Cooperação	Obediência pensada/refletida	Famílias na Bíblia
Gostos e preferências	Boas maneiras	Direitos/deveres das crianças	Jesus vivendo em comunidade
Regras de convivência	Responsabilidade	Respeito a opinião do outro	Jesus e seus discípulos
Pessoas de todas as idades	Lealdade	Doação	
O idoso	Economia		
	Crença		
	Respeito aos animais e à natureza		

Os princípios e valores apresentados para as turmas de Educação Infantil que, geralmente, estão entre os anos de 3 a 5, assim como os(as) demais alunos(as) da Educação Básica como num todo, visam à construção da formação dos cidadãos. Silva e Littke afirmam:

A educação adventista, além de prestar cuidados físicos para as crianças pequenas da educação infantil, criam também educações para um desenvolvimento cognitivo, simbólico, social, emocional e espiritual dos seus pequenos educandos. Desse modo, proporcionando aos infantis momentos, para o crescimento, reflexão e tomada de decisões direcionadas ao aprendizado com coerência e justiça.¹²⁴

Percebe-se, no quadro 2, a correlação existente entre os temas ensinados na rede de educação adventista para as séries iniciais e os eixos que norteiam a estrutura curricular da Educação Infantil. Trabalhar desde cedo questões como respeito, valores morais e a relação do(a) aluno(a) com a comunidade é a sugestão para as aulas de Educação Religiosa. A escola adventista tenta fazer correlações com os esses eixos sugeridos pela legislação com as histórias bíblicas para as crianças de idade inicial no ambiente escolar, sem contudo, alterar o conteúdo estabelecido pela ciência.

¹²³ SILVA; LITCKE, 2017, p. 39.

¹²⁴ SILVA; LITCKE, 2017, p. 33.

Quadro 3 - Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – anos iniciais – 1º ano¹²⁵

Criação do planeta Terra: natureza e ser humano	Oração	Respeito e obediência	Respeito às diferenças
Família	Bíblia		Solidariedade
			Perdão

Em cada bimestre estudado nas turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental, percebe-se os temas sugeridos pelos eixos temáticos para as aulas de Educação Religiosa mesclados com os ensinamentos e valores apresentados nessa escola de confissão de fé religiosa. Os temas são trabalhados a partir das histórias apresentadas pela Bíblia, assim como se ensina e se convida a participação nas expressões de religiosidade transmitidas pela escola.

Quadro 4 - Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – anos iniciais – 2º ano¹²⁶

Semana da criação	Bíblia	Mandamentos bíblicos	Ações voluntárias e cristianismo
Adoração e reverência	Oração	Vida de Jesus	Respeito às diferenças
Salvação			

Para as turmas do segundo ano do Ensino Fundamental, vê-se mais presente os ensinamentos bíblicos ainda que mesclando com temas não confessionais. Respeito às diferenças, ações voluntárias como ajuda aos semelhantes, por exemplo, estão em acordo com os temas apresentados nas aulas de Ensino Religioso em quaisquer escolas de séries iniciais. Porém, os demais conteúdos apresentados, são, decisivos na firmamento da confissão dessa rede de ensino.

Sete dos nove conteúdos estudados em sala de aula estão diretamente ligados ao ensino do cristianismo com base na Bíblia. Está claro que o(a) aluno(a) das séries iniciais tem muito mais contato com os dogmas da fé protestante do que dos demais fenômenos da religiosidade que nem são apresentados e não estão na grade de aulas oferecidas pela escola.

¹²⁵ SILVA; LITCKE, 2017, p. 43.

¹²⁶ SILVA; LITCKE, 2017, p. 45.

Quadro 5 - Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – anos iniciais – 3º ano¹²⁷

Natureza	A casa de Deus	Milagres de Jesus	Grupos sociais e regras de convivência
Bíblia	Mandamentos bíblicos	Perdão	Respeito as diferenças
História de Israel			

Novamente, os números dos temas estudados na sala de aula se repetem: três no primeiro bimestre e dois para cada um dos outros bimestres durante o ano letivo. Dos nove temas apresentados, sete deles estão diretamente ligados aos ensinamentos bíblicos. Desde os valores morais como o perdão, a vida de Jesus, os mandamentos como normas de conduta e a fé, estão explicitados na disciplina. Para os dois outros temas estudados, de cunho “neutro”, ainda são referenciados pelos exemplos cristocêntricos.

Quadro 6 - Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – anos iniciais – 4º ano¹²⁸

Alimentação e saúde	O fruto do Espírito	Missionários	Jesus e o serviço ao próximo
Bíblia	O poder e o cuidado de Deus	Contexto histórico do cristianismo no Brasil	Respeito às diferenças

Percebe-se aqui, logo no início do ano, que um dos temas estudados em sala de aula é sobre a alimentação saudável que é uma das crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.¹²⁹ Desde a sua formação, os adventistas cresceram como instituição cristã se posicionando no cuidado alimentar e tem se tornado referência mundial nesse aspecto com os estudos produzidos na cidade de Loma Linda na Califórnia¹³⁰.

A educação adventista não esconde a defesa de tal crença, a exemplo disso é que incentiva aos(as) alunos(as) a se alimentarem de forma mais saudável e, em determinadas aulas, produzem os seus lanches sem alimentos cárneos e evitando muitos corantes e

¹²⁷ SILVA; LITKE, 2017, p. 47.

¹²⁸ SILVA; LITKE, 2017, p. 50.

¹²⁹ Para a IASD a alimentação saudável é responsável por manter o corpo funcionando bem, assim como o cérebro que em bom estado de funcionamento, conserva-se em sobriedade para o melhor entendimento das coisas espirituais e maior conexão com Deus. Tais ensinamentos também foram apresentados pela Ellen G. White, uma das pioneiras do adventismo.

¹³⁰ Qual o segredo da cidade onde se vive 10 anos acima da média da população mundial e com melhor qualidade de vida? Informação encontrada pelo site da BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141208_longevidade_california_lab>. Acesso em: 15 ago. 2018.

açúcares. Insistentemente, estão falando aos(às) alunos(as) dos prejuízos causados ao sistema digestivo pelos alimentos abundantes e estimulantes. Para White, a intemperança é um inimigo contra o qual todos necessitam estar de sobreaviso.¹³¹

Quadro 7 - Conteúdos estudados nas aulas de Ensino Religioso do Ensino Fundamental – anos iniciais – 5º ano¹³²

Jesus	Morte e ressurreição de Jesus	Bíblia	Mensageiros de Deus
	Nova Terra		

Já para o quinto ano do Ensino Fundamental, a rede de ensino estudada apresenta cinco temas a serem trabalhados em sala de aula durante o ano letivo e todos os temas são de cunho confessional e bíblico-cristão.

Quadro 8 - Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 6º ano¹³³

A criação de Adão e Eva	A história de José	A história de Sansão	A viúva de Sarepta
O livre arbítrio	A história de Moisés	A história de Rute e Noemi	Elizeu, o profeta da paz
O plano da redenção	A história de Josué	A história de Samuel	O profeta Jeremias
Caim e Abel	Débora, a salvadora da pátria	Davi e Golias	A rainha Ester
A história do dilúvio	Gideão e os valentes	A história de Salomão	A história de Neemias
A história de Abraão			
A história de Jacó			

Para os anos finais do Ensino Fundamental, ou a segunda fase, são apresentados entre cinco ou seis temas a serem estudados nas aulas de Ensino Religioso. Quase que 100% dos conteúdos apresentados são histórias dos personagens bíblicos, de onde se extraem lições da vida dos personagens bíblicos e as mais diversas aplicações às vidas atuais dos(as) alunos(as) são durante o período da aula.

As atividades realizadas durante a aula e as que são enviadas como tarefas de casa também objetivam um maior contato do(a) aluno(a) com a Bíblia, livro que é apontado como o principal para extração do conhecimento. Há apenas um tema que não necessariamente é

¹³¹ WHITE, 2011, p. 202.

¹³² SILVA; LITCKE, 2017, p. 52.

¹³³ SILVA; LITCKE, 2017, p. 58.

apresentado em tom de confissão de fé religiosa “O livre arbítrio”, que também pode ser analisado num prisma essencialmente filosófico. No entanto, esse tema também é estudado em sala de aula pela cosmovisão bíblico cristã.

Quadro 9 - Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 7º ano¹³⁴

A história de Jesus: O nascimento A infância O batismo A tentação A escolha dos doze	O costume de julgar os outros	O encontro de Jesus: Com Nicodemos Com a mulher no poço Com Zaqueu Com um leproso Com Lázaro	Purificação do templo
	Parábolas da dracma perdida, ovelha e filhos perdidos		Os símbolos da Ceia
	Parábola dos talentos		A morte de Jesus
	Parábola do bom samaritano		A ressurreição de jesus
	Parábola dos dois fundamentos		A ascensão de Jesus

Para os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, todos os temas a serem estudados nas aulas de Educação Religiosa são exclusivos sobre a pessoa de Jesus Cristo. A sua história é passada durante todo o ano letivo, desde o seu nascimento até a sua ascensão. Tem por objetivo que os(as) alunos(as) estejam a par de toda a história do fundador do cristianismo e extraíam lições para a sua vida a partir dos exemplos dele.

Quadro 10 - Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 8º ano¹³⁵

O ambiente perfeito no céu	O povo especial de Deus	O significado da vida de Cristo à luz dos evangelhos	Sinais do fim bíblico
O surgimento do pecado com Lúcifer	A morada de Deus com o ser humano e o sistema sacrificial	A justificação pela fé	Volta de Jesus
A criação do planeta Terra	Convite para abandonar os falsos deuses e adorar o Deus criador	O significado da graça	Da morte para a vida

¹³⁴ SILVA; LITKE, 2017, p. 61.

¹³⁵ SILVA; LITKE, 2017, p. 65.

O pecado entra no mundo	Profecias sobre o Messias	Protestantismo	O milênio
A promessa divina de salvar a humanidade	Profecias sobre os impérios mundiais	O resgate das verdades esquecidas	A nova Jerusalém

Nos temas apresentados para os(as) alunos(as) do oitavo ano do Ensino Fundamental é perceptível um resumo da história da humanidade numa ótica cristã levando os(as) alunos(as) a conhecerem desde o céu, o surgimento do pecado, a promessa de um Messias para libertar o ser humano, a chegada do Messias, o significado da graça, até o retorno do Messias e o mundo por vir.

À medida que a idade do(a) aluno(a) avança e as séries beiram o final de cada ciclo educacional, pode-se sentir a intenção da influência do cristianismo apresentado nos temas estudados. Nessa série, em específico, fica notório o estudo da filosofia educacional adventista, da forma como foi apresentado no início desse capítulo.

Quadro 11 - Ensino Religioso do Ensino Fundamental – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – anos finais – 9º ano¹³⁶

O pecado	Conhecimento da Bíblia	Saúde física e mental	A igreja
Sentimento de culpa	Importância da oração	Hábitos saudáveis	Discipulado
Arrependimento	A meditação na vida cristã	Aperfeiçoamento espiritual	Os dons concedidos por Deus
Perdão	Família	Espiritualidade e sucesso	Influência cristã
Transformação	Amigos		

Os livros utilizados em sala de aula no Ensino Fundamental na rede educacional adventista são escritos por teólogos(as) e pedagogos(as) e publicados pela Casa Publicadora Brasileira. Encerrando esse ciclo, os 18 temas que são estudados ao longo do ano letivo não seguem a mesma sequência mostrada para as séries anteriores. Vê-se temas aleatórios, mas todos ligados aos ensinamentos cristãos.

¹³⁶ SILVA; LITCKE, 2017, p. 68.

Quadro 12 - Habilidades e competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 1º ano¹³⁷

Evidências de Deus A história da ciência Afinal, Deus existe? O mistério das origens Um livro sem igual	Agentes celestiais Quem é Deus? Retrato perfeito Poder infinito Você acredita em anjos?	Rebelião planetária Obra prima de Deus Quando a humanidade fracassou O dever dos salvos O time de Deus	Eventos finais A morada de Deus Encontro com o Rei O milênio no céu O planeta dos sonhos
---	---	--	--

Para as séries do Ensino Médio, a rede educacional adventista também produz seu material didático para as aulas de Educação Religiosa nos três anos dessa fase anterior à graduação. Chamado de sistema interativo, abrange todo o ensinamento que foi distribuído ao longo do ensino fundamental, de forma mais aprofundada.

No primeiro ano, por exemplo, está sendo repetida a mesma sequência dos conteúdos que foi apresentada no oitavo ano do ensino fundamental, com uma linguagem mais aprofundada e um convite a uma reflexão sobre os temas que vão desde a origem do universo, a pessoa da divindade, o fracasso da humanidade e a salvação do homem.

Quadro 13 - Habilidades e competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 2º ano¹³⁸

O caminho da liberdade Liberdade sem juízo Limites que libertam/liberdade que aprisionam Design organizado Quando tudo dá errado	A maneira certa de viver Bem X mal/Que deus você adora? A intolerância dos que oprimem Ética A ética de Deus	O direito exclusivo de Deus O problema com as imagens Brincando com coisa séria O dia mundial da alegria	Vida em comunidade Respeito a família A vida em primeiro lugar Sexo na hora certa Roubar é uma roubada Rumores que destroem Origem das contendas
--	--	---	--

Os temas apresentados no segundo ano do Ensino Médio são uma explanação dos mandamentos apresentados na bíblia e entregues por Deus ao líder do povo hebreu no Monte Sinai. Os autores dos conteúdos estudados utilizaram outra nomenclatura para o decálogo, mas mostraram o tema na linguagem jovem.

¹³⁷ SILVA; LITCKE, 2017, p. 85.

¹³⁸ SILVA; LITCKE, 2017, p. 94.

Quadro 14 - Habilidades e competências do Ensino Médio – Ensino Religioso do Ensino Médio – Ciências Humanas e Suas Tecnologias – 3º ano¹³⁹

Evidências de Deus Como conhecer a Deus Podemos acreditar na Bíblia? Vidas transformadas A arqueologia e a Bíblia/Evidências de Deus	Religiões contemporâneas Deus não foi embora O fenômeno religioso Genealogia das religiões A singularidade do cristianismo	Moral da história O sentido da vida O profeta e o futurólogo A história em alguns minutos A maior promessa de Deus	Eventos cruciais Profecias Crescendo no Espírito Um planeta em colisão
--	--	--	---

Desde as séries iniciais até o terceiro ano do Ensino Médio, percebe-se que os temas estudados com os(as) alunos(as) em sala de aula são voltados para princípios bíblicos cristãos, diferindo-se dos conteúdos sugeridos para as escolas públicas/laicas, apresentados na matriz curricular pela Base Nacional Comum Curricular, conforme apresentado no próximo tópico estudado.

Por estar inserida no grupo educacional da rede privada de ensino, a educação adventista, representada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia adota, em sua proposta pedagógica, todos os temas estudados a partir dos ensinamentos bíblico/cristãos.

2.1.2 *Objetivos dos professores de ensino religioso nas escolas laicas e de confissão de fé religiosa*

É impossível falar de Ensino Religioso no Brasil e descartá-lo das escolas públicas mesmo que sejam denominadas como laicas pela lei. O cenário do país é marcado por uma pluralidade de religiões e diversificação da sua gente que veio, desde seu povoamento, de vários locais e continentes.

Sobre a lei de 1997, o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso declara:

Art.33º O ensino religioso, de matrícula facultativa é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para definição dos conteúdos de ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituídas pelas diferentes denominações religiosas para a definição do ensino religioso.¹⁴⁰

¹³⁹ SILVA; LITCKE, 2017, p. 101.

¹⁴⁰ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE ENSINO RELIGIOSO. Caderno temático nº 1. *Ensino Religioso: Referencial Curricular para a proposta pedagógica da escola*, 2000.

Assegura-se que esta disciplina está incluída dentre as demais disciplinas na matriz de aulas que o(a) aluno(a) recebe durante os anos em que estiver matriculado numa escola pública do nosso país.

O(A) professor(a) de Ensino Religioso de escola pública pode explorar a relação do ser humano com o sagrado, sem, contudo, fazer considerações daquilo que está correto ou não pela expressividade da sua religiosidade. Há um leque de elementos de estudos que pode ser explorado, desde as formas de convivência e respeito mútuo entre os indivíduos na sociedade, até a ligação do homem com a sua divindade. Madalena Fernandes comenta sobre:

O ensino religioso ministrado nas escolas tenta dar respostas às inquietações internas e externas do indivíduo, abrindo-lhe horizontes, a fim de que ele seja capaz de assumir compromisso de fé com uma religião, que segundo sua consciência é criada e encontrada com a verdade; despertar para a atitude fundamental da religiosidade; sensibilizar para a dimensão do transcendente.¹⁴¹

É característica do ser humano na atualidade expressar sua ligação com a divindade. Ele carece se conectar de alguma forma com aquilo que considera ser sagrado, misterioso e transcendental. A ontologia grita dentro do ser humano e clama por respostas. Independente da forma como este homem encontra a solução para as próprias inquietações espirituais, elas servem de alento proporcionando-lhe melhor motivação para a sua existência. Suárez comenta,

A religião e a religiosidade são componentes fundamentais da identidade humana. Por causa disso – e tendo como pressuposto a necessidade humana pelo transcendente – é plausível e necessário praticar intencionalmente uma educação não apenas acadêmica, mas integral, abrangendo os aspectos cognitivos, sociais, emocionais e espirituais.¹⁴²

Nessa linha de pensamento, ele afirma que as escolas deveriam ser transformadas num espaço de busca pelo conhecimento religioso e que após a legislação de 1977, o Ensino Religioso adquiriu novas perspectivas, podendo contemplar outras formas de religiosidade além da que é comum na nação, o cristianismo. Uma vez que o Brasil é uma miscelânea de religiosidades, a legislação brasileira dá margem para que se exerça a disciplina no entendimento da religiosidade, seja qual for, desde que se respeite as demais formas de expressão religiosa.

¹⁴¹ FERNANDES, Madalena. *Afinal, o que é o ensino religioso?* São Paulo: Paulus, 2000. p. 31.

¹⁴² SUÁREZ, Adolfo S. O ensino religioso na escola pública brasileira. In: KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2015. p. 233.

Assim, o Ensino Religioso pode ser expressado tanto na forma de laicidade quanto na vertente de confissão de fé religiosa. Na educação adventista, por exemplo, a terminologia mais adequada para a disciplina é Educação Religiosa uma vez que se difere do Ensino Religioso proposto pela legislação às escolas públicas, não proselitistas. Os objetivos entre uma e outra forma são variados e lhes estão assegurados direitos para o exercício das suas funções. Enquanto o Ensino Religioso é ministrado por professores(as) de escolas públicas, eles(as) asseguram a pluralidade dos ensinamentos de fé como expressão da religiosidade independente da sua prática; a Educação Religiosa é ministrada por professores(as) da escola de confissão religiosa aqui estudada e que pauta seus ensinamentos a partir da fé professada pela instituição que mantém tal escola. Neste caso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, FONAPER, aponta, da Base Nacional Comum Curricular, 16 Componentes Curriculares do Ensino Religioso. No primeiro parágrafo, se vê que o elemento religioso acabou sendo um meio de disputa entre o Estado e as instituições religiosas. O segundo elemento, presente no segundo parágrafo, mostra que a estreita relação entre o Estado e a igreja no período colonial, legitimou o proselitismo na instituição pública. O terceiro parágrafo declara que a Constituição Federal de 1988 atendeu as reivindicações da sociedade civil, redefinindo pela LDB 9.394/96 os fundamentos epistemológicos e pedagógicos do Ensino Religioso. O quarto componente comenta da elaboração de novos currículos pelas regiões do país após estabelecido legalmente como componente curricular e de matrícula facultativa as aulas de Ensino Religioso. O quinto mostra a inclusão do Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de nove anos. O sexto, relaciona-o com as conexões existentes entre as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia de modo a estabelecer diálogos que transcendam as fronteiras disciplinares. No sétimo componente se mostra o Ensino Religioso não confessional assumindo a responsabilidade de oportunizar o acesso aos conhecimentos culturais sem proselitismo. No oitavo, declara que os conhecimentos religiosos fundamentam e expressam maneiras próprias como as pessoas aprendem e elucidam os acontecimentos da vida. O nono aponta que no Ensino Religioso o objeto de estudo é o conhecimento religioso e mostra os eixos explicitados nos próximos componentes. No décimo, inicia com o ser humano, seus valores e limites éticos, direitos e dignidade. No undécimo, se vê os conhecimentos religiosos, como os mitos, ritos, símbolos, crenças, filosofias de vida, ideologias e doutrinas religiosas. No décimo segundo as práticas religiosas e não religiosas, lideranças, política e ecologia. No décimo terceiro há uma perspectiva da diversidade cultural, religiosa e dos direitos humanos. O décimo quarto componente afirma que o estudo dos

conhecimentos religiosos, fazem compreender melhor a sociedade e o mundo ajudando a salvaguardar a liberdade de expressão religiosa e não religiosa como o materialismo, ateísmo, ceticismo e agnosticismo, por exemplo. O penúltimo mostra a ética da alteridade e o reconhecimento da diversidade cultural da totalidade da vida. E por fim, aponta a erradicação das diferenças, silenciamentos e discriminações.¹⁴³

O texto da Base Nacional Comum Curricular explicita quais são as perspectivas de ensino que devem ser compartilhadas com os(as) alunos(as) nas aulas de Ensino Religioso da escola pública. Isento de quaisquer exclusivismos ou discriminação, segundo a BNCC, deve a escola pública, estar isenta de todo e qualquer proselitismo a uma específica demonstração de crença ou de fé. A formação integral do ser humano é resultante do seu vínculo com a espiritualidade e, estar acessível ao conhecimento de tais demonstrações, resulta numa melhor convivência entre os seus semelhantes.

Assim como não se pode ser laico e confessional ao mesmo tempo, também é inconcebível a ideia de discriminar quaisquer credos ou religião que o(a) aluno(a) declare professar em sala de aula. Se na escola pública faz-se alusão ao exercício das mais variadas formas de expressão do fenômeno religioso, espera-se que o(a) professor(a) da área esteja aberto(a) as mais variadas formas de representações presentes no ambiente escolar e que evite tendências de favoritismos para nenhuma delas em específico.

O espaço escolar, de direito do cidadão assegurado por lei, é um local onde a construção do conhecimento deve ser uma constante ao longo de todo o ano letivo. É nesse espaço onde o(a) aluno(a) constrói a sua cidadania e aprende a socializar-se com os demais seres humanos iguais a ele(a) mesmo(a), ainda que apresentem características físicas, sociais, emocionais e espirituais diferentes das suas. O(A) professor(a) de Ensino Religioso na escola pública – laica – se torna inconstitucional se apresentar uma conduta religiosa ou confessional dentro da sala de aula. Diferentemente do(a) professor(a) de Ensino Religioso da escola pública, o(a) professor(a) de Educação Religiosa da escola privada aqui apresentada faz uso da sua cosmovisão cristã dentro da sala de aula e defende o cristianismo como a religião que dá ao ser humano o sentido de vida.

Para Suárez, o Ensino Religioso, como resultado de grande esforço de muitos profissionais que procuraram conscientizar professores(as) e alunos(as), tem ocupado um local de destaque na educação pública brasileira. “como variados estudos comprovam, promover o desenvolvimento integral das potencialidades humanas é a característica

¹⁴³ FÓRUM Nacional Permanente do Ensino Religioso. Disponível em: <www.fonaper.com.br/basenacional-curricular.php>. Acesso em: 25 abr. 2018.

fundamental de um processo educacional preocupado na formação ampla e completa do sujeito”.¹⁴⁴

Já a Educação Religiosa, nas instituições de confissão de fé, por sua vez, é exercida com a performance da própria instituição religiosa e as bases das experiências espirituais que a sustentam. O objetivo do(a) professor(a) de Educação Religiosa, nesse caso, é compartilhar com o(a) aluno(a) as atribuições da fé que tanto ele(a), professor(a), quanto a instituição religiosa estimam como sagradas.

Na educação adventista, por exemplo, vê-se pela trajetória da sua existência, pelos projetos desenvolvidos nas pastorais da escola, pelos conteúdos que são estudados nas salas de aula desde as séries iniciais e pelo trato que a igreja dá aos pastores educacionais como se estivessem cuidando de uma congregação em específico, visando de forma intencional, compartilhar dos seus ensinamentos de fé.

Sobre a função do(a) professor(a) de Educação Religiosa de confissão de fé, Meslin comenta:

Levando-se em conta que a educação confessional possui objetivos específicos em relação a conceitos religiosos, sendo transmitidos visando à interiorização dos mesmos pelos alunos, é possível interpretar que a figura do professor é fundamental para o processo de inculcação de um ideário educacional confessional.¹⁴⁵

A educação adventista, posicionada como uma rede de educação mundial e de confissão de fé religiosa, tem se identificado com uma preocupação de evidenciar sua filosofia educacional redentora, com professores(as) que assumam seu papel de evangelizadores(as), independente da área da ciência que atuem em sala de aula, como afirma a pioneira da educação. Para White, a preocupação está em associar o trabalho do(a) professor(a) com a missão de evangelização e redenção dos(as) alunos(as) junto ao plano de salvação de Deus para a raça humana, ao mesmo tempo em que se ensina os demais ramos da ciência.

2.2 A atuação do(a) professor(a)/pastoral das escolas adventistas

Há, na frase da mentora e pioneira da Igreja e da Educação Adventista, conseqüentemente, um desejo sobre o que acreditava ser uma educação transformadora a partir dos(as) seus(as) professores(as). White comenta:

¹⁴⁴ SUÁREZ; NIGTH, 2015, p. 236.

¹⁴⁵ MENSLIN, 2015, p. 115.

A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que não se comprem e nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus. Mas um caráter tal não é obra do acaso; nem se deve a favores e concessões especiais da Providência. Um caráter nobre é resultado da disciplina própria, da sujeição da natureza inferior pela superior – a renúncia do eu para o serviço do amor a Deus e ao homem.¹⁴⁶

Segundo ela, seria inaceitável que um(a) professor(a) da escola adventista tivesse mal exemplo na sociedade pelo fato de o(a) mesmo(a) ser imitador(a) do exemplo de Jesus Cristo. O(a) professor(a) deveria estar ciente de que a sua maior alegria seria servir às demais pessoas. “será no serviço que se encontrará nossa máxima alegria e mais elevada educação”¹⁴⁷, comenta. Mostrava ainda que a função do(a) professor(a) deveria ser um estilo de vida e que o ele(ela) deveria aliviar as necessidades que fossem imediatas.

Assim, o(a) professor(a) se distingue do(a) seu(sua) aluno(a), mesmo estando em contínuo aprendizado, ele(a) precisa ser um exemplo para aqueles(as) aos quais ele(a) terá contato constante. Knigth, referindo-se ao papel do professor na educação, comenta:

Deveria ser óbvio que não podemos esperar uma educação de qualidade sem professores de qualidade. Da mesma maneira, uma educação cristã de qualidade, nunca acontecerá sem professores cristãos. O currículo e o método são importantes, mas o professor é mais fundamental.¹⁴⁸

Em outro estudo, Knigth apresenta o(a) professor(a) como agente da redenção espiritual do(a) aluno(a) e sugere que o(a) mesmo(a) tem uma função de apresentar Jesus ao ser humano para que se libertem dos seus erros. Comenta que a “educação cristã é a única que pode satisfazer as necessidades mais profundas da humanidade, por que apenas os educadores cristãos entendem o cerne do problema humano”¹⁴⁹.

2.2.1 *Pastoral educacional*

O pastor educacional, também conhecido como capelão escolar, possibilita o estreitamento das relações entre Deus-homem-natureza e promove conexão entre as culturas

¹⁴⁶ WHITE, 2011, p. 58.

¹⁴⁷ WHITE, 2011, p. 13.

¹⁴⁸ KNIGHT, George R. *Mitos da Educação Adventista*. Um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen White. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010. p. 181.

¹⁴⁹ KNIGHT, George R. *Educando para a eternidade*. Uma filosofia adventista de educação. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 84.

acadêmicas, no que diz respeito à ciência, e social em se tratando da teologia prática. Os(as) professores(as) de Educação Religiosa na rede adventista de educação, geralmente são pastores, de dedicação exclusiva e de tempo integral, contratados e que estão a serviço da Igreja Adventista Do Sétimo Dia para o departamento de educação apenas.

Esses pastores mobilizam os colégios e a comunidade próxima deles para desenvolverem projetos relacionados à espiritualidade dos(as) alunos(as) e seus familiares, dos(as) professores(as) e demais funcionários da escola e da comunidade adjacente. Eles coordenam atividades missionárias que prendem a atenção dos alunos, possibilitando a participação e a chegada de novos amigos.

“A formação teológica aliada à apaixonante experiência pedagógica deixa marcas, tais como a mudança comportamental, o conhecimento das histórias bíblicas relacionadas à arqueologia, bem como a capacidade de promover a credulidade e a fé”¹⁵⁰, comenta Anilce Littke, diretora de ensino do departamento de educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a Região Sul do país.

A pastoral educacional objetiva apresentar a convicção de um Deus criador e salientam para aqueles que circundam a escola adventista a filosofia cristã e a habilidade de lidar com os outros e consigo mesmos. Selecionam experiências que unidas às experiências dos(as) estudantes, promovem o estreitamento da tríade relacional mencionada. Segundo Littke, essas experiências fazem com que os(as) alunos(as) tornem-se cidadãos mais responsáveis diante dos desafios da vida.

Na sala de aula, o(a) professor(a) da pastoral, em contato com o(a) aluno(a) ressalta valores religiosos associados às ações pedagógicas internas, como o compartilhar do conhecimento que era apenas para si, e em ações externas, realizando projetos destinados a atender os anseios da comunidade. Pretende-se que os(as) alunos(as) sejam levados a valorizar o pensamento, as emoções, o corpo e as possibilidades de transformação. Espera-se que ele(a) se veja como um(a) empreendedor(a) apto(a) a desenvolver e a liderar projetos de acordo com a sua idade e habilidades. Aprenderá a trabalhar em grupo, buscar soluções viáveis diante dos problemas sem desanimar frente aos seus erros ou dos demais. Pretende-se que o mesmo esteja preparado a suprir as necessidades espirituais dos semelhantes, vivendo em equilíbrio e convivendo com os diferentes (inclusão), assim como o fundador do cristianismo viveu.

¹⁵⁰ LITCKE, Anilce Bittencourt; SILVA, Jonas Soares. Evangelismo e Desenvolvimento Cultural. *Revista Escola Adventista*, Engenheiro Coelho, vol. 29, ano 17, UNASPRESS, p. 17, 2013.

Essas considerações vividas no dia a dia do(a) aluno(a) facilitam na construção de pontes entre ele, as experiências de vida adquiridas nas relações com as demais famílias e as mediações socioculturais construídas na comunidade do entorno da escola em que o(a) mesmo(a) estuda.

Como departamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a educação:

Prioriza a manutenção da parceria com as programações oficiais da IASD voltadas aos jovens e aos adolescentes. Isso facilita o acesso aos diferentes materiais que contribuem para que os colégios divulguem a função social, ajudando as comunidades mediante projetos espirituais, beneficentes e de troca de conhecimentos. Parcerias dessa natureza viabilizam a construção de novas congregações ('templos de esperança') e a programação de páscoa para alunos e comunidade ('marcas de esperança'). Tudo é elaborado para atender a comunidade pela missão, com programações recheadas de dramatizações e efeitos especiais e, ao final, a comunidade é convidada a receber estudos bíblicos após o apelo pastoral.¹⁵¹

Há ainda outros projetos realizados pelos(as) professores(as) de Educação Religiosa e responsáveis pela pastoral, para os(as) alunos(as) da rede educacional adventista. Um deles é o chamado "Geração 148" em que o(a) aluno(a) é convocado(a) a firmar sua fé em encontros preparados especialmente para eles nos quais se misturam aventura e compromisso com a missão de evangelizar. Como parte desse projeto, eles distribuem livros para a comunidade, pintam casas de pessoas que vivem sozinhas ou dos que perderam seus cônjuges, limpam praças e pintam escolas públicas em parceria com a prefeitura.

Todas essas ações são planejadas pela pastoral escolar, tendo como base as orientações espirituais passadas nos encontros de pastores da Igreja Adventista. Nesses encontros, os pastores das escolas são vistos como pastores de "igrejas", neste caso, suas escolas e os(as) seus(suas) alunos(as) são os seus membros e a família do(a) aluno(a) é a comunidade que ele deve visitar e realizar seus projetos de solidariedade.

Os pastores de escola, dedicam durante a semana algumas horas para atendimentos e aconselhamentos de alunos(as) e seus familiares, caso precisar, que procurarem por ajuda espiritual. Além das aulas de Educação Religiosa presentes em todas as séries da escola adventista, o pastor da escola realiza aulas especiais de bíblia que são chamadas de "classes bíblicas". Essas classes estudam, especificamente, temas bíblicos que firmam paradigmas que possibilitam a formação de alunos(as) mais pensantes e não reprodutores de pensamentos alheios referentes aos temas bíblicos e que os(as) façam capazes de realizarem as escolhas para a vida com sabedoria.

¹⁵¹ LITTKKE; SILVA, 2013, p. 18.

A interação dos pastores de escolas com alunos é intensa. Sobre sua conexão com seus alunos desde as primeiras séries, Littke comenta:

Com os alunos da educação infantil e o ensino fundamental do primeiro ciclo, há brinquedos, dinâmicas e diálogos no pátio. Os pastores entram nas salas para cantar, tocar instrumentos musicais, contar histórias bíblicas, fazer pedidos de oração, orar pelas famílias e trocar ideias. Essas pequenas ações ensinam como é viver ao lado de Cristo. Há, de fato, o relacionamento Deus-homem-natureza.¹⁵²

Ela ainda comenta que esse é o real objetivo da educação adventista, priorizar tempo para as coisas espirituais com os(as) alunos(as). Para tanto, faz-se necessário que os(as) mesmos(as) obtenham preparo espiritual para falar com os(as) seus(suas) alunos(as) de temas que ajudem a formar a subjetividade dos(as) mesmos(as) no âmbito da religiosidade.

Knigth mostra a importância da seleção de professores(as) que sejam qualificados e consagrados para esse serviço especial. “É de importância crucial devido ao papel influente desses profissionais no processo da educação”.¹⁵³ Referente à escolha de professores(as) para a educação adventista, White escreveu:

Ao escolher professores, usemos a máxima cautela, sabendo ser uma questão tão séria quanto a escolha de pessoas para o ministério. Essa escolha deve ser feita por homens sábios, aptos a discernir qualidades, pois para educar e moldar o espírito dos jovens para desempenharem com êxito dos diversos segmentos da obra, necessitam-se os melhores talentos que se possam conseguir. Não se pode por à frente dessas escolas qualquer pessoa com mente inferior ou estreita. Não sejam deixadas as crianças a cargo de jovens e inexperientes professores, destituídos de aptidão para dirigir, pois seus esforços tenderiam para a desorganização. A ordem é a primeira lei do céu e toda a escola deve, a esse respeito, ser um modelo do céu.¹⁵⁴

Ela continua, nos seus escritos, mencionar a importância que se deve levar em conta na hora de contratação dos(as) professores(as) para a educação adventista. Knigth afirma tal posição quando cita,

Ninguém quer contratar médicos sem qualificação, advogados ou piloto de avião, mesmo que sejam ‘mais baratos’. Por que deveria haver descuido na contratação de professores qualificados: pessoas que trabalham com o que há de mais valioso na terra – geração futura? A qualificação espiritual é de fundamental importância para o professor cristão. Isso decorre do a essência do problema humano ser o pecado ou uma desorientação espiritual em relação a Deus. É o pecado, como observamos anteriormente, que está na raiz de todas as alienações e outras desorientações tão destrutivas para indivíduos e sociedades. A bíblia ensina que a humanidade em sua condição ‘natural’ sofre de uma forma de morte espiritual (Gn 3) e que a maior necessidade das pessoas é a de um renascimento espiritual (Jo 3: 3,5).¹⁵⁵

¹⁵² LITCKE; SILVA, 2013, p. 19.

¹⁵³ KNIGHT, 2017, p. 94.

¹⁵⁴ WHITE, Ellen, G. *Testemunhos para a igreja*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. 6 v. p. 200.

¹⁵⁵ KNIGHT, 2017, p. 94.

Afirma ainda que a principal qualificação do(a) professor(a) adventista é que ele(a) possua um relacionamento pessoal da salvação com Jesus e que o seu exemplo diário será o maior benefício que os(as) alunos(as) poderão obter.

2.2.2 *Projetos da pastoral na escola*

Na escola adventista, o(a) professor(a) de Educação Religiosa, também responsável pela pastoral escolar, promove eventos espirituais com os(as) alunos(as) para atender ao projeto político pedagógico da escola que está mesclado com a filosofia educacional cristã. No início do ano letivo, nas reuniões pedagógicas com os(as) professores(as), antecedendo a chegada dos(as) alunos(as) e no início das aulas, o(a) professor(a) de Educação Religiosa, geralmente, apresenta um calendário das atividades espirituais que serão desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

Na chegada dos(as) alunos(as), na recepção dos(as) mesmos(as), num primeiro encontro com todas as turmas, numa capela ou igreja, a figura do(a) professor(a) mais uma vez é evidenciada onde se faz as boas vindas com louvores evangélicos e orações. Uma mensagem bíblica é explanada por alguns minutos e as orientações pedagógicas são passadas em seguida pela equipe de gestão acadêmica da escola.

O calendário de atividades espirituais da escola adventista contém uma série de eventos ligados à área como os que se seguem: semana de oração com os(as) alunos(as); palestras com cunhos espirituais; cultos realizados na sala de aula, todos os dias, antes do início de cada aula; oração para se encerrar as atividades do dia; culto na sala dos(as) professores(as); projetos de doação de alimentos não perecíveis; projetos de doação de agasalhos; projetos de doação de brinquedos; gincanas entre as turmas e o PMDE (Plano Mestre de Desenvolvimento Espiritual) que norteia todas as atividades espirituais da rede educacional adventista com temas sugestivos extraídos de uma das 28 crenças fundamentais da sua mantenedora, a Igreja Adventista.

Sobre os cultos no início de cada aula, diariamente, se prioriza alguns minutos no início das aulas para reflexões de ordem espiritual com foco nos valores e compartilhamento das dificuldade e conquistas pessoais. Para esses momentos é eleito um(a) líder espiritual de cada turma que organiza o cronograma de participação de todos(as) com o auxílio do(a) professor(a) em sala. Há um costume de se fazer uma prece no final de última aula de cada

turno. Na prece, o(a) professor(a) menciona o nome das famílias dos presentes e pede proteção pela escola. Segundo o professor e pastor Antônio Tavella¹⁵⁶, os alunos saem muito agradecidos.

Quanto às chamadas semanas de oração, no calendário da escola já estão afixadas as datas da semana indicando quando ocorrerão. São chamados palestrantes¹⁵⁷ de fora que tenham experiências espirituais para apresentar durante a semana. O(a) professor(a) de Ensino Religiosos se certifica se alguém ficou de fora do evento e o(a) convida a assistir durante toda a semana. Para a Gislaine Fortes¹⁵⁸, que lidera uma escola adventista na cidade de Ivatuba – PR, as semanas de oração que são oferecidas duas vezes no ano, têm o poder de mudar o comportamento dos menores. Eles ouvem as experiências que lhes são contadas pelos convidados e agradecem por tê-los convidado, afirma ela.

Os cultos na sala dos(as) professores(as) são realizados antes do início da primeira aula de cada turno. A administração da escola geralmente está presente e o(a) professor(a) de Educação Religiosa faz, em poucos minutos, uma leitura bíblica e uma prece pelas aulas daquele dia ou por alguém que está passando por alguma dificuldade. Para Noely Cibeli¹⁵⁹, os cultos fazem toda a diferença na sua vida e é um bálsamo para a sua saúde espiritual.

A pastoral escolar se encarrega dos projetos de arrecadação de alimentos, roupas, brinquedos e demais doações que chegam à escola para ações que são desenvolvidas na comunidade com pessoas carentes que vivem no seu entorno. Voltados para a importância do serviço, os(as) alunos(as), sob regência do(a) professor(a), são incentivados(as) a fazerem o bem ao próximo, dividindo um pouco do que possuem com aqueles que estão menos afortunados. White afirma: “o ministério anuncia do púlpito a teoria do evangelho e a piedade prática da igreja, demonstra o seu poder”¹⁶⁰. A partir da filosofia educacional adventista/whiteana de ajuda humanitária, a escola adventista desenvolve projetos, nas aulas de Ensino Religioso, visando a prática do cuidar.

O Plano Mestre de Desenvolvimento Espiritual é fornecido pelo departamento de educação da mantenedora e sugere um tema para o ano letivo que norteie as programações espirituais realizadas a cada bimestre. Cada tema anual tem como base evidenciar uma das crenças fundamentais da Igreja Adventista. Em 2018, por exemplo, o tema anual utilizado

¹⁵⁶ Antônio Tavella responde pela pastoral educacional para os três estados da região sul do país e trabalha na rede de educação adventista por mais de 10 anos.

¹⁵⁷ Os palestrantes são religiosos e em sua maioria, fazem parte da Igreja Adventista.

¹⁵⁸ Gislaine Fortes é pedagoga e diretora da escola adventista de ensino fundamental e médio na cidade de Ivatuba – PR.

¹⁵⁹ Mestre pela USP e professora de dedicação exclusiva da rede educacional adventista de ensino no estado do Paraná.

¹⁶⁰ WHITE, 2005. 7 v. p. 16.

pelo PMDE¹⁶¹ é “Descubra o Novo”, referindo-se a crença fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia de número 15¹⁶², “O batismo”. Para cada bimestre do ano, um valor é evidenciado a partir do tema anual e utilizado como temática para as atividades espirituais da escola. Nesse caso, em específico, os quatro valores para os bimestres são: humildade, igualdade, generosidade e integridade.

A utilização desse projeto em todas as escolas da rede espalhadas pelo país, objetiva integrar a mesma temática estuda com o valor moral e espiritual em cada ano, possibilitando a mesma linguagem no exercício da confissão de fé defendida por essa escola privada ao mesmo tempo em que divulga as suas bases religiosas entre os seus milhões de alunos matriculados na rede em todo o país.

2.2.3 *Projetos da pastoral na comunidade*

A pastoral escolar encarrega-se de elaborar projetos que alcancem a comunidade adjacente aos muros da escola. Os(as) professores(as) da rede também participam dos projetos de auxílio à comunidade. Para a professora Noely Cibeli, por exemplo, que lidera alguns projetos de missão, a educação adventista busca não apenas oferecer um ensino de qualidade, mas também se compromete com a difusão e socialização do conhecimento e com a construção da cidadania, com o estabelecimento de um fluxo dialético entre o conhecimento acadêmico e a sociedade.

Há projetos de extensão que estreitam laços com a comunidade, possibilitando o contato do discente com a realidade daquele que vive no entorno da escola e que, muitas vezes, encontra-se distante da situação vivida por ele. A escola propõe, na prática, uma compreensão da existência humana além da ideia de que o acúmulo do conhecimento e o aperfeiçoamento do saber são capazes apenas de propiciar uma vida financeira mais adequada. É possível se ter mais e ajudar mais àquele que necessitar de ajuda. White comenta,

Essa é a obra que está agora diante de nós. Toda a oração e abstinência de alimentos de nada valerão a menos que resolutamente lancemos mão dessa obra. Sobre nós repousam sagradas obrigações. Nosso dever é claramente exposto. O Senhor nos falou por meio do seu profeta. Os pensamentos do Senhor e os seus caminhos não são os que mortais cegos e egoístas creem que são ou desejam que sejam. ‘O Senhor olha para o coração’ I Samuel 16:7. Se aí habita o egoísmo, Ele o sabe. Podemos

¹⁶¹ O plano mestre de desenvolvimento espiritual é um projeto utilizado na rede de educação adventista. Informação adquirida pelo próprio site do projeto. Disponível em: <<http://pmde.com.br/2018/pt/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

¹⁶² IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Nisto Cremos*: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 238.

esconder dos nossos irmãos o nosso verdadeiro caráter, mas Deus o conhece. Dele nada se pode esconder. O jejum que Deus aceita é descrito. 'Que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados.' Isaías 58:7.¹⁶³

Os escritos de White incentivam os professores e estudantes que estejam empenhados na tarefa de ajudar aos mais necessitados. A sua afirmação é clara ao dizer que os necessitados não deveriam sair e pedir que os auxiliem, tampouco teria validade as orações realizadas e os jejuns feitos sem buscar saciar as necessidades dos mais pobres. Ela ainda comenta que:

Se vocês se empenharem nessa obra de misericórdia e amor, será muito difícil? Vocês serão esmagados pelo fardo e ficarão desprovidos? Não! Deus construirá uma fortaleza ao redor de vocês. 'Então clamarás e o Senhor te responderá; gritarás e Ele dirá: 'Eis-me aqui'. Isaías 58:9. 'Se abrires a tua alma ao faminto', 'então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos, e serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas nunca faltam'. Isaías 58:10 e 11.¹⁶⁴

São exemplos dos projetos de extensão: i) Projeto Medicando e Confortando Corações: tem como objetivo atuar nos hospitais através de alunos(as) que levam amor, conforto e esperança aos pacientes, familiares e profissionais da saúde. O projeto traz marcas para o(a) aluno(a), reconhecendo que existe algo a mais que a cura, a importância da espiritualidade nos momentos difíceis, a compreensão da missão e que pode fazer algo diferente. Outra marca da experiência é o reconhecimento da sua ação, através das respostas positivas, da emoção sentida e a mudança das situações¹⁶⁵. ii) Projeto de Formação para Promoção de Saúde e Evangelismo: tem como objetivo articular o paradigma da promoção de saúde ao estilo de vida saudável defendido pelos adventistas com uma alimentação mais saudável e a prática regular dos exercícios físicos. Várias atividades são desenvolvidas com o objetivo de ajudar as pessoas no autocuidado, tendo um olhar sobre a saúde não apenas numa perspectiva biológica e sim um olhar amplo que considera todas as dimensões do ser humano. iii) Instituto de Missões: proporciona formação para aqueles(as) que desejam participar de projetos de maior duração, como missões humanitárias. Entende-se que uma das frentes de atuação da religião deve ser em favor daqueles(as) que carecem de ajuda. O sentido de missão apresentado ao corpo discente é oferecido pelo corpo docente e por profissionais da

¹⁶³ WHITE, 2005. 2 v. p. 34.

¹⁶⁴ WHITE, 2005. 2 v. p. 35.

¹⁶⁵ Este projeto é desenvolvido durante todo o ano pelo Instituto Adventista Paranaense nos hospitais da cidade de Maringá com a presença de professores e alunos da rede educacional adventista e regido pela professora Noely Espanhol.

instituição nos projetos de ajuda humanitária. A educação adventista incentiva que os(as) seus(suas) alunos(as) dediquem um tempo do ano em viagens de missão, podendo ser no período das férias, chamado de projeto Calebe, ou durante as aulas em parceria com outras escolas adventistas espalhadas pelo mundo.

Há um grupo de estudos, voltado para os(as) alunos(as) inscritos(as), que intenta prepará-los(as) para as frentes de missão e oferece temas que vão desde métodos e técnicas de abordagens para o contato com os auxiliados até a familiarização com outra língua, quando necessário, e o preparo cultural e psicológico para lidar com situações de calamidades¹⁶⁶.

De acordo com a Elieth Fonseca¹⁶⁷, sabendo da responsabilidade social da igreja, investe-se na atuação que é movida pela compaixão dos cristãos primitivos e que perpassou através de outros cristãos ao longo dos séculos e ainda mantém de forma viva o mesmo desejo, na atualidade. Os(as) alunos(as) podem fazer uso dos seus dons, competências e habilidades para minorar o sofrimento do ser humano.

A pastoral escolar age como um veículo de interação entre o corpo docente e discente da escola e tenta levar um espírito de equipe nos trabalhos e ações que promovem o sentido de vida no ambiente escolar, de acordo com a filosofia educacional adventista. Segundo o pastor e professor Fabiano Mendes¹⁶⁸, a missão desenvolvida pelo(a) aluno(a) hoje, não somente auxilia a vida de muitos carentes de uma palavra de conforto, como cura o próprio missionário.

2.2.4 *Escola de pais*

Cada vez mais cedo, os(as) alunos(as) estão deixando seus lares e, conseqüentemente, também deixam seus(suas) primeiros(as) professores(as) – os pais e as mães – e estão sendo mergulhados em contato com outros “pais e mães” que, nessa forçosa substituição, preocupam-se com a formação da subjetividade desses(as) pequenos(as). Para White, Deus deu o privilégio ao ser humano de conceber filhos e filhas “e Ele ordenou que os

¹⁶⁶ No projeto de missões, os professores de ensino religioso e a pastoral escolar, orientam o aluno e seus familiares que queiram passar por tais experiências e os encaminham ao departamento da Igreja Adventista que faz todos os acertos necessários para tal experiência, seja por 15 dias ou um ano em missões mundiais. Os intercâmbios podem ser oferecidos em toda a rede em todo o país, pelo departamento de educação da sua mantenedora.

¹⁶⁷ Professora da rede e organizadora de projetos de missão e voluntariado na cidade de Maringá – PR.

¹⁶⁸ Fabiano Mendes é o coordenador da Faculdade de Teologia Adventista do Paraná, mestre em Ciências das Religiões e diretor do Instituto de Missões para a educação adventista na região sul do Brasil.

homens e mulheres fossem Seus representantes. A família era a escola, e os pais e mães os(as) professores(as)¹⁶⁹. Ela comenta ainda que:

Em Sua sabedoria o Senhor determinou que a família seja a maior dentre todos os fatores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida - lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decidida para o bem ou para o mal. São, em muitos sentidos, silenciosas e graduais, mas, sendo exercidas na direção devida, tornam-se fator de grande alcance em prol da verdade e justiça. Se a criança não é instruída corretamente ali, Satanás a educará por meio de fatores de sua escolha. Quão importante, pois, é a escola do lar!¹⁷⁰

Tomando como base os conselhos da pioneira da educação adventista, a rede reconhece que pertence à família a primeira tarefa do cuidado e da arte de educar. Afirma ser uma tarefa sagrada e se disponibiliza auxiliar os pais e mães naquilo que for possível, nessa tarefa das fases iniciais da vida.

A pastoral escolar unida ao serviço de orientação educacional e pedagógico da rede estudada, desenvolve uma ação, para os pais e mães dos(as) seus(suas) alunos(as) e/ou seus(suas) representantes legais, de cunho espiritual, mas que está de mãos dadas à orientação educacional e à coordenação pedagógica devido ao objetivo de atender à família e auxiliá-la quanto aos problemas que podem ocorrer na vida do discente. Seja o problema de ordem espiritual, emocional ou em alguma outra área que impossibilite seu crescimento acadêmico ou atrapalhe a formação do seu caráter.

Dirce Ferraz¹⁷¹, coordenadora de graduação em pedagogia, fala da importância da escola de pais e mães na rede como um ponto de apoio à família e que é ali o lugar para que temas ligados à formação do caráter do(a) aluno(a) sejam debatidos em conjunto: família e escola; pais, mães e professores(as); sociedade e espiritualidade. Os encontros são iniciados pelo(a) professor(a) de Ensino Religioso que faz uma prece pela família e, quando convidam um(a) especialista na área do tema escolhido, passa-lhe a palavra e se inicia o debate, comenta ela.

Para Anilce Littke¹⁷², a escola de pais da rede acontece uma vez por mês, de forma gratuita, nas dependências da escola, podendo ser ou não com a presença dos(as) alunos(as) e objetiva contribuir com a nobre tarefa de educar os(as) filhos(as), incentivando a solidificação dos laços familiares e fortalecendo-os para enfrentar os desafios da nova geração. Os temas

¹⁶⁹ WHITE, Ellen, G. *O lar adventista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 181.

¹⁷⁰ WHITE, 2005, p. 182.

¹⁷¹ Mestre em educação e coordenadora do curso de pedagogia da Faculdade Adventista do Paraná.

¹⁷² Diretora pedagógica da rede educacional adventista para os três estados da região Sul do Brasil.

são variados, podendo abordar sobre o bullying dentro e fora do ambiente escolar; alimentação saudável para a família; os perigos da internet; fake news, entre outros.

Outra declaração feita pela Ellen White associa muitos males da sociedade à negligência ou ausência completa dos pais na formação educacional dos(as) seus(suas) filhos(as). Ela cita que,

A juventude e a infância de hoje é que determinam o futuro da sociedade, e o que estes jovens e estas crianças hão de ser depende do lar. A falta de boa educação doméstica pode ser responsabilizada pela maior parte das enfermidades, de miséria e criminalidade que flagelam os homens. Se a vida doméstica fosse pura e verdadeira, se os filhos que saem do lar se achassem devidamente preparados para enfrentar as responsabilidades da vida e seus perigos, que transformação não experimentaria o mundo!¹⁷³

Crete nessas declarações, a escola de pais e mães convida frequentemente os pais e as mães e/ou os e as representantes legais dos(as) alunos(as) da rede para que se façam presentes nas reuniões e contribuam com suas declarações sobre essa educação conjunta.



¹⁷³ WHITE, 2005, p. 183

3 A PRÁXIS DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA ESCOLAR EM INTERFACE ÀS DEMAIS ÁREAS DE ENSINO

A pastoral escolar, geralmente comandada pelo pastor e professor de Educação Religiosa, por orientação da mantenedora da rede educacional estudada, deve estar integrada às demais áreas de ensino no que se refere aos valores distintos e presentes na sua filosofia educacional. Tais valores são, explicitamente, de ordem religiosa e o sistema pretende que sejam defendidos em todas as escolas adventistas e por todos os(as) professores(as) das demais áreas de conhecimento trabalhadas com os(as) alunos(as), dentro ou fora da sala de aula¹⁷⁴.

Apresentados no segundo capítulo pelas premissas básicas da sua filosofia educacional, a escola adventista pretende oferecer tais valores e crê na teoria criacionista e a apresenta concomitantemente à exposição da evolução darwiniana exigida pelos eixos temáticos nas demais áreas de ensino. A presença do(a) professor(a) de Educação Religiosa não se faz necessária nas aulas dos(as) demais professores(as), mas se espera que os valores defendidos pela filosofia da rede sejam compartilhados por ele(a) para os(as) demais profissionais do ensino e assim, permeiam os planejamentos das mais variadas aulas. O desejo de que haja tal interação nos planejamentos de aula é o que chamam de “integração fé e ensino”¹⁷⁵.

A interação entre fé e ensino é algo simples e fácil de se fazer. Mas a integração fé e ensino, quando levada aos seus efeitos plenos, é muito mais profunda e complexa. Para exemplificar essa distinção entre interação e integração preparada por Ian Barbour em seu livro *Quando a Ciência Encontra a Religião: Inimigas, Estranhas ou Parceiras*. Barbour sugere 4 tipos de relacionamento, a saber, (1) conflito, (2) independência, (3) diálogo e (4) integração. O primeiro tipo (conflito). [...] Eles são vistos como antagônicos. O segundo tipo (independência), tem uma visão mais favorável à religião e a fé. Nessa perspectiva, a fé não é antagônica à ciência e a educação, mas ela é algo pessoal e interior. O terceiro tipo (diálogo) tem uma visão ainda mais favorável da fé. Existem pontos de contato entre ela e o ensino acadêmico. No entanto, o quarto tipo (integração) é o mais audacioso em relação ao papel da fé no ensino acadêmico. Não existem meramente pontos de contato entre a fé e o ensino. A Bíblia não é um livro de ciências, mas os conceitos bíblicos acerca da realidade criada devem prover as lentes por meio das quais enxergamos e

¹⁷⁴ De acordo com Gislaine Fortes, diretora de uma das escolas da rede, os alunos possuem, na grade de horário de aulas semanais, uma aula em específico, todas as turmas de cada ciclo, (Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio), geralmente num auditório. Nessa aula, chamada de capela, é apresentado temas criacionistas por professores de diversas áreas da ciência e é organizada pelo professor de Educação Religiosa/Capelão Escolar.

¹⁷⁵ Essa terminologia, utilizada na rede educacional adventista por seus(suas) professores(as), faz alusão ao diálogo existente entre a ciência e a religião. Na elaboração do planejamento das aulas, o sistema pretende que haja um espaço para que se planeje, de forma escrita, uma correlação entre a fé, com afirmações de cientistas criacionistas, e a parte do conhecimento apresentado na sala de aula. O desejo da rede é que os(as) professores(as) assim procedam.

interpretamos os dados a serem analisados na prática científica e as informações a serem ensinadas na prática docente.¹⁷⁶

No comentário acima, fica explícito o desejo da rede de ensino confessional citada, a integração fé e ensino na sua forma educacional. O quarto tipo de relacionamento entre a ciência e a religião, do comentário, é mostrado como o mais indicado e aceito por estar além do contato entre as duas áreas citadas. Adriane Milli¹⁷⁷, ao citar Barbour, concorda com a declaração de que é na Bíblia, livro não científico, onde se deve por as lentes que possibilitam enxergar e interpretar a ciência.

Para a educação adventista, a fé é um valor que induz os princípios da moralidade e o(a) professor(a) de Educação Religiosa contribui para que as demais áreas do conhecimento estudadas pelos(as) alunos(as), oferecidas pela rede, estejam em interface com os demais conteúdos das demais disciplinas.

3.1 Integração fé e ensino

É dado evidência à ciência na rede educacional adventista, tanto quanto a valorização da fé no seu exercício escolar. Para Korniejczuk¹⁷⁸, apesar dessa relação ambígua entre a fé e a ciência, existe um consenso entre os cristãos que existem implicações essenciais para toda e qualquer área da vida e do pensamento, bem como não é fácil desenvolver uma cosmovisão bíblico-cristã numa época de materialismos e secularização. A autora se pergunta como os docentes podem ajudar os(as) seus(suas) alunos(as) a realizarem a integração fé e ensino no seu aprendizado e sugere que a maior e mais importante dessa manifestação da integração fé e ensino está no estilo de vida do(a) professor(a) cristão(ã) e que professa tal fé.

Korniejczuk elenca 6 níveis, além do nível 0, de implementação docente da integração fé e ensino, resumidos da seguinte forma: o nível 0 é citado da falta de conhecimento ou interesse pela integração fé e ensino. No nível 1 se encontram os docentes que estão interessados em fazê-lo. No segundo nível, se encontram os professores que fazem espontaneamente e esporadicamente as relações entre as suas crenças e os valores cristãos nas suas disciplinas. O terceiro, há um nível superficial, os professores estão cientes do que e de como fazer, mas problemas como a falta de tempo impedem a implementação sistemática. No

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://revistaescolaadventista.com.br/2017/11/14/fe-e-ensino-audacia-da-integracao/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

¹⁷⁷ Dr. em Teologia pela Universidade de Andrews nos EUA e é professor universitário no Centro Universitário Adventistas de São Paulo (UNASP), campus de Engenheiro Coelho.

¹⁷⁸ NUCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO. *Cristo nas salas de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino*. Engenheiro Coelho: Gráfica Lagoa Bonita, 1996. p. 2.

quarto nível, chamado de convencional, os docentes já conseguem incorporar sistematicamente. No nível 5 o uso da integração fé e ensino já se mostra dinâmico e variam suas estratégias de atuação de acordo com a integração dos discentes e por fim, nível 6, ocorre o uso compreensivo, onde o docente já interage com os seus alunos e com os demais professores¹⁷⁹.

Em todos os níveis, nota-se a ênfase que a rede educacional dá para que haja a participação do docente no uso da integração fé e ensino. Espera-se que para o(a) professor(a) esteja em pleno exercício de tal formatação de trabalho, é só uma questão de tempo. No primeiro nível, por exemplo, o(a) professor(a) que não se adequa a tal forma de trabalho, não mostra interesse na missão declarada da rede em apresentar valores bíblicos/cristãos. A partir do nível 1, já se percebe a preocupação do(a) professor(a) em agregar tal integração aos seus planejamentos de aulas. Até que no último nível, ele(a) já o faz de forma natural e consegue não apenas interagir com os(as) seus(suas) alunos(as), como trocar informações com os(as) demais professores(as), nas suas mais variadas áreas de estudo.

3.1.1 *Educação religiosa e sua correlação com as demais disciplinas*

A autora citada no item acima comenta que a integração fé e ensino não deve ser uma função exclusiva do(a) professor(a) de Educação Religiosa, mas que a práxis do(a) professor(a) da rede educacional adventista é se envolver na filosofia educacional dessa rede de confissão de fé religiosa. A rede espera que a pastoral escolar esteja envolvida na integração da fé com as demais áreas do conhecimento, mas que cada professor(a) deve planejar-se de modo que integre a fé nos seus conteúdos diversos.

Segundo Korniejczuk¹⁸⁰, a clareza do conhecimento do docente sobre o que é a integração não é o mesmo que conhecer como interpretar no currículo formal. Afirma que em geral, os docentes até conhecem o que é, mas poucos sabem como implementar na sala de aula. Sobre a insegurança de um determinado professor de geografia para se trabalhar a integração fé e ensino ela conta:

Andrés, professor de geografia, assistiu algumas conferências sobre integração fé e ensino, ganhou alguns materiais sobre o assunto, mas não se achava seguro para incluir tal abordagem nos seus planejamentos de aula. Ele era ciente que devia dar um sabor bíblico às suas aulas, mas não sabia como fazê-lo. Estava ciente de que suas aulas não possuíam nenhuma diferença das aulas de um professor de escola

¹⁷⁹ NUCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 5.

¹⁸⁰ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 9.

secular e não sabia como resolver tal situação. Até escreveu nos seus planos de aula sobre a integração fé e ensino, mas seus alunos não reconheceram seus esforços.¹⁸¹

Nesse caso, citado como exemplo do nível 1 de implementação da integração fé e ensino, citado acima, Andrés, professor da área de geografia, ainda não se sentia seguro para colocar em prática um estilo de aulas que até sentia necessidade de fazê-lo, mas desconhecia os caminhos que deveria seguir. A disciplina explicitada aqui não é de ensino religioso e tais exemplos são estendidos por ela com demais áreas, como no caso da disciplina de matemática, no nível 5, como mostra a seguir:

Marlene é cristã e ensina a disciplina de matemática. Ao chegar na instituição, foi abordada pelo diretor que lhe disse que deveria integrar a fé na sua disciplina. Ela, buscou informação, leu livros sobre o assunto, pediu ajuda a outros professores que já faziam a integração que a orientasse com algumas coisas em particular. Seus alunos veem que suas aulas de matemáticas possuem ligação com a bíblia. Ela a utiliza para exemplos práticos.¹⁸²

Neste caso, a professora de matemática, já exemplificada no nível 6 da implementação da integração fé e ensino, foi exemplo diferente do professor de geografia. Na busca de como deveria se portar diante da situação de trabalhar com a fé na disciplina de matemática, conseguiu fazê-lo. Citações sobre a integração fé e ensino nas áreas das ciências sociais são imperativas no que se refere a sempre existir uma fusão entre ambas. Para o professor José Iran Miguel, no núcleo de integração fé e ensino, a visão teocêntrica das ciências humanas remete o ser humano para os primórdios da história até os dias atuais¹⁸³. Ele cita que:

A aprendizagem era perfeita no início da história desse mundo. O relacionamento com o Criador assegurava ao homem um estilo de vida equilibrado do ponto de vista físico, intelectual e espiritual. O processo de ensino-aprendizagem fluía de maneira espontânea, agradável, feliz e progressiva, até que um 'professor' rebelde foi expulso do céu, vindo comprometer a educação na terra. A história é bem conhecida: Lúcifer, agora Satanás, movido por orgulho e inveja, rebelou-se contra o governo de Deus conduzindo o homem ao pecado. A partir do incidente da entrada do pecado no mundo, uma infinidade de desencontros tem comprometido a integração fé e ensino-aprendizagem¹⁸⁴.

Na explanação do professor Miguel, a integração fé e ensino era possível e perfeitamente executada antes da chegada do pecado neste mundo, depois da rebeldia do anjo que se tornou Satanás, houve desencontros que não possibilitaram mais a integração da fé

¹⁸¹ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 6.

¹⁸² NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 8.

¹⁸³ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 101.

¹⁸⁴ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 102.

com o ensino. Miguel mostra ainda quatro períodos da educação do povo de Deus: a patriarcal, na qual o chefe da família era o responsável por transmitir os ensinamentos de Deus; a da peregrinação do povo de Israel, em que a tribo de Levi era responsável por levar o conhecimento divino; o período de instabilidade política, quando foram criadas as escolas dos profetas e nelas se elaborava um currículo criacionista que se opunha à apostasia da época; e por fim o período da revelação divina, em que o próprio Deus enviou o seu filho e estabelecer parâmetros que definissem os verdadeiros valores de uma educação redentora.

Para o professor Admir Arrais de Mattos, há estratégias para a integração fé e ensino na disciplina de ciências: uso de analogias, identificação de valores, fundamentação de uma posição, comparação e contraste, debate, demonstração, experiência, trabalho em campo, estabelecimento de hipóteses, resolução de problemas, excursões, entre outros. Tais exemplos podem ser utilizados para um planejamento para se exercer a integração fé e ensino nas aulas de ciências. Mattos afirma que:

O primeiro passo para uma bem-sucedida integração se inicia com o professor, isto é, está relacionado com suas atitudes e maneiras para com a classe. Estas incluem desde a entrada na sala de aula, o relacionamento dentro e fora da sala, a constante preocupação com os aspectos sociais, intelectuais e espirituais dos alunos individualmente e como classe e até a maneira otimista, cortes e simpática do professor¹⁸⁵.

O professor Eduardo E. P. Campos relata a respeito da sua atuação nas aulas de Educação Física e a integração fé e ensino. Segundo ele, há uma íntima relação entre a mente e o corpo e que as leis que governam o nosso ser físico devem ser bem compreendidas e que para se conseguir um caráter forte e bem equilibrado, as faculdades mentais e físicas devem ser exercitadas e desenvolvidas¹⁸⁶. Campos sugere uma proposta educacional cristã da educação pelos movimentos:

O objetivo concreto da escola não é unicamente de permitir ao indivíduo ter êxito nos exames e concursos, mas, sobretudo o de prepara-lo para suas tarefas de homem na comunidade, na profissão, no lazer o no desenvolvimento espiritual (tornar conhecido o plano da redenção e motivar o educando a uma íntima comunhão com Deus). De modo especial, os jogos recreativos e desportivos proporcionam o desenvolvimento mental da criança e sua educação moral, além de estimularem o desenvolvimento orgânico¹⁸⁷.

Em todos os casos apresentados acima, os(as) professores(as) participantes do núcleo de integração fé e ensino relatam, a partir das suas experiências, fatos que devem servir de

¹⁸⁵ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 138.

¹⁸⁶ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 161.

¹⁸⁷ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 164.

modelo para outros(as) professores(as), de como se espera que tais profissionais devem trabalhar a integração fé e ensino nas mais diferentes áreas do conhecimento. Mas, de acordo com a professora Ivanilde Bezerra Macedo, também membro do núcleo, é o(a) professor(a) de Educação Religiosa o(a) agente integrador(a) desse processo. Macedo declara que é a bíblia o fundamento do ensino e o(a) professor(a) dessa área de ensino é o(a) que a mais manuseia. “É a bíblia o campo em que se ocultam certos tesouros e permanecem escondidos até que, mediante diligente escavação, sejam descobertos e trazidos à luz”¹⁸⁸.

Segundo Macedo, a educação do coração chega a ser mais importante do que a encontrada nos livros, sendo bom e essencial se obter conhecimento do mundo em que se vive, sem deixar a eternidade fora dos cálculos. Para isso, o(a) professor(a) de Educação Religiosa deve ser um raio de luz que possa se expandir através do seu relacionamento com os outros, encontrando a beleza na bíblia e expandindo para os(as) demais professores(as), alunos(as), pais e mães a grandeza que só se encontra em Deus.

A correlação existente entre a Educação Religiosa e as demais áreas de estudo na rede educacional adventista pretende ter como premissa compartilhar e incentivar a integração dos(as) demais professores(as) com o(a) professor(a) de Educação Religiosa.

3.1.2 *Resultados obtidos da integração fé e ensino*

Wellington Gil Rodrigues; doutorando em Ensino, filosofia e história; afirma que a integração fé e ensino é um dos maiores desafios da educação cristã e da educação adventista contemporânea¹⁸⁹. Ao analisar sobre a terminologia “integração fé e ensino”, explica que foi uma tentativa de tradução do termo original do inglês “*integration of Faith and learning*” e julga, portanto, que numa tradução literal do original para o português, seria lido “integração fé e aprendizagem” no lugar de integração fé e ensino.

Para Rodrigues, o(a) professor(a) pode adotar uma perspectiva de conflito sobre o uso da integração fé e ensino na sua disciplina, pode também apresentar uma perspectiva de independência, ou pode desenvolver uma perspectiva de diálogo, ou ainda exercer uma perspectiva de integração.¹⁹⁰

¹⁸⁸ NÚCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO, 1996, p. 176.

¹⁸⁹ RODRIGUES, W. G. Integração fé e ensino: conceitos e métodos na educação adventista. In: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.) Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino aprendizagem. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2015. p. 115.

¹⁹⁰ RODRIGUES, 2015, p. 118.

De acordo com sua escrita, a perspectiva do conflito não pareceu ser condizente com a proposta da educação de confissão de fé religiosa. Ela discursa sobre o fato de um cristão deixar de sê-lo caso queira tornar-se intelectualmente realizado. As facetas da fé se mostram, a partir dessa perspectiva, totalmente antagônicas as do ensino. Quanto à perspectiva da independência, Rodrigues mostra pontos que são positivos e pontos negativos e se estiverem separados, ou seja, independentes um do outro, evita-se conflito. Para a fé, restaria encontrar respostas do “por quê” e para a ciência, compreender o “como”. Na perspectiva do diálogo, ele comenta a possibilidade de mais aproximação entre a fé e o ensino, permitindo que um se beneficie do corpo de conhecimento do outro, ao mesmo tempo em que se mantêm separados. Já para a perspectiva da integração, Rodrigues analisa que é possível se dar um passo além do diálogo e ainda vê a possibilidade de se acabar com as fronteiras entre as duas vertentes. Segundo ele, isso é possível por serem os dois tipos de conhecimentos, o revelado e o secular.

Rodrigues expõe o resultado da integração fé e ensino como ponto positivo por ver a possibilidade de a fé ser uma cosmovisão, um fundamento metafísico, epistêmico e axiológico a partir do qual todo e qualquer conteúdo faz sentido.¹⁹¹ No estudo das disciplinas, é desejo da escola adventista que o(a) professor(a) evidencie a sua fé, partindo inicialmente das questões científicas, para as de caráter filosófico e por fim, as questões espirituais/religiosas:

O professor pode selecionar/enfatizar teorias que tenham uma abertura para o espiritual. Exemplo 1: no campo da psicologia, o professor pode dar a oportunidade para os alunos estudarem a teoria da Logoterapia, a qual trabalha o sentido de vida e é compatível com o teísmo. Exemplo 2: em um seminário sobre antropologia, os próprios alunos podem enfatizar a visão cristã da natureza humana, destacando a natureza caída da humanidade e a necessidade de redenção¹⁹².

Para a educação adventista, a cosmovisão bíblico-cristã é algo que deve estar presente na sala de aula em todas as disciplinas da sua matriz curricular. Além de aglutinar determinados temas estudados à visão cristocêntrica, o sistema também deseja que o(a) professor(a) ofereça literaturas extraclasse, para que o(a) aluno(a) esteja mais inteirado(a) sobre os assuntos estudados em sala de aula e amplie a sua visão das experiências espirituais a uma visão interdisciplinar.

A ideia de interdisciplinaridade é mostrada de forma acessível por Japiassu. É dele a separação dos conceitos de disciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e interdisciplinaridade; esta é mostrada como o nível mais elevado para se alcançar uma abordagem mais abrangente na relação entre os conceitos. Ele cita:

¹⁹¹ RODRIGUES, 2015, p. 119.

¹⁹² RODRIGUES, 2015, p. 120.

Este pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida. Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomam de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados¹⁹³.

É certo que as interações entre as diversas disciplinas no resultado de varias especialidades é o objetivo da integração fé e ensino da rede. Espera-se que os resultados obtidos pelos(as) alunos(as) sejam positivos, uma vez que eles(as) não são obrigados(as) a aceitar a correlação entre uma coisa e outra, mas propicia, ao menos, a possibilidade de ampliarem a visão sobre formas de pensar de maneira diferente.

Uma vez que o objetivo da escola adventista é alcançar o(a) aluno(a) através de uma educação redentora, a integração fé e ensino para a rede é o ponto primordial quando da elaboração da sua proposta pedagógica e dos planos de aulas dos(as) seus(suas) professores(as). Para White deve-se comunicar com muito afinco e de forma que não se desassocie o conhecimento religioso do conhecimento secular. Ela insta a que se vigie quanto a quaisquer tentativas de separação entre a ciência e a religião,

Será feita uma tentativa por parte de muitos pretensos amigos da educação a fim de separar a religião das ciências em nossas escolas. Eles não pouparão esforços ou despesas para transmitir o conhecimento secular; mas não unirão a ele o conhecimento que Deus tem revelado como constituindo perfeição de caráter. E, no entanto, a instituição na verdade de Deus desenvolveria a mente, comunicando também conhecimento secular; pois o próprio fundamento da verdadeira educação está no temor do Senhor¹⁹⁴.

A pretensão é que a integração fé e ensino da rede tenha um tom de satisfação principalmente dos(as) responsáveis pelos(as) alunos(as), que na sua maioria, possuem alguma ligação com as igrejas evangélicas. E que ao apresentar uma proposta pedagógica de cosmovisão bíblico-cristã, haja um atrativo para o segmento evangélico na hora de procurar uma escola para matricular os(as) seus(suas) filhos(as). Segundo o pastor Isaac Malheiros¹⁹⁵, os(as) alunos(as) estão satisfeitos(as) com a proposta das aulas apresentadas pelos(as) professores(as) da rede educacional adventista.

¹⁹³ JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 74.

¹⁹⁴ WHITE, Ellen, G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 135.

¹⁹⁵ O Pastor Isaac Malheiros é doutorando em Teologia pela Faculdades EST de São Leopoldo – RS, professor da Faculdade de Teologia e pastor da igreja adventista do campus da Faculdade Adventista Paranaense.

3.2 Uma cosmovisão cristã

Os educadores evangélicos oferecem um modelo de ensino com uma cosmovisão cristã nas escolas em que são privadas e mantidas por algum segmento religioso. Geralmente, esse feito está presente nas escolas de filosofia confessional e que são mantidas pelos cristãos tradicionais a exemplo dos católicos, luteranos, metodistas, presbiterianos, batistas, adventistas, entre outros. Essa concepção ou visão de mundo¹⁹⁶, representa a visão que tais cristãos aceitam como unívoca e verdadeira.

Robert W. Pazmiño afirma que após a segunda guerra mundial as contribuições dos educadores evangélicos devem ser vistas em relação à controvérsia entre fundamentalistas e modernistas.

O termo fundamentalista surgiu de uma série de livretos distribuídos a partir de 1909 cujo título era os fundamentos. Esses livretos procuravam afirmar as doutrinas ortodoxas do cristianismo em oposição à visão crítica e evolucionista da Escritura e da teologia popularizados pelo movimento modernista ou liberal. Uma expressão do movimento liberal na educação foi a ênfase na educação progressiva, apoiada pelos esforços da *Religious Education Association*, fundada em 1903. Durante o século 20, surgiram organizações paralelas que apoiavam grupos liberais e da linha dominante, os grupos evangélicos. A *National Association of Evangelicals* foi estabelecida em 1942 em protesto a algumas posições do *Federal Council of Churches* (hoje *National Council of Churches*). Semelhantemente a *National Sunday School Association* foi iniciada em 1946 para estimular o crescimento da educação cristã entre grupos evangélicos e conservadores. A partir de comissões desse grupo, surgiram as atuais *National Association of Professors of Christian Education* e a *National Association of Directors of Christian Education* – organizações paralelas *Religious Educations Association* para dar liderança a distritos conservadores¹⁹⁷.

Para o autor, todos esses desenvolvimentos prepararam um contexto para contribuições de educadores(as) com uma cosmovisão mais aberta no mundo pós-guerra. Na história da formação da educação adventista se percebe a ligação fundamentalista nas suas crenças e tais fundamentos foram trazidos desde o seu surgimento até os dias atuais. O surgimento do modernismo, mostrado na fala de Pazmiño, não se vê presente na filosofia educacional adventista. Sua filosofia, mesmo tendo características fundamentalistas, crê que tanto o compromisso cristão de fé como uma visão cristã de vida e do mundo podem ser integrados ao ensino e ao aprendizado dos(as) alunos(as) nas diferentes matérias escolares.

¹⁹⁶ Significado da palavra cosmovisão pelo dicionário informal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/cosmovis%C3%A3o/>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

¹⁹⁷ PASMIÑO, 2002. p. 157.

Sobre a promoção da prática e a transmissão de valores bíblico-cristãos, Eliel Unglaub¹⁹⁸ comenta que os(as) professores(as) adventistas devem:

Vivenciar e transmitir através do exemplo e de preceitos, o ensino ético e religiosos. Isso se dá por meio da revelação bíblica que se contrapõe ao relativismo moral contemporâneo e cujas concepções se formam através de sofismas e contrafações comuns da educação e da mente secularizada. Existem virtudes bíblicas que são essenciais para o estudo e a investigação: desejo de superação, educabilidade, esperança, honestidade, humildade, paciência, perseverança e respeito. É importante que o professor adventista fique bastante esclarecido sobre algumas falsas suposições muito comuns nos dias atuais, para que possa orientar seus alunos quanto a formação de uma cosmovisão cristã¹⁹⁹.

Para Unglaub, a revelação da bíblia está contraposta ao relativismo da moralidade contemporânea, que tal relativismo é fruto de uma educação secularizada e que o(a) professor(a) da educação adventista deve estar esclarecido(a) sobre tais conceitos que venham deixá-lo(a) preparado(a) a orientar seus(suas) alunos(as) contra os perigos da cosmovisão do mundo pós-moderno.

3.2.1 *Liberdade religiosa*

A Igreja Adventista do Sétimo Dia possui um departamento mundial para tratar de assuntos públicos e liberdade religiosa. Na sede administrativa para os países da América do Sul, em Brasília,²⁰⁰ foi criado um manual sobre o tema para atender aos países da América Latina subordinados à chamada Divisão Sul Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Na sua filosofia declara que:

O uso da força e da coerção é contrário à verdadeira religião. Deus aceita a homenagem e a adoração só quando são prestadas espontaneamente. Embora todos os direitos humanos sejam de grande importância, a liberdade religiosa é singular e de especial significância. Tem que ver não apenas com a dimensão inter-humana, mas também com a relação da pessoa com Deus, o Criador. Portanto, nós, adventistas do sétimo dia, vemos a liberdade religiosa como o direito humano primordial, do qual derivam todos os demais direitos humanos. A separação da Igreja e do Estado oferece a melhor salvaguarda para a liberdade religiosa e está em harmonia com a declaração de Jesus: 'Dai, pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus' (Mateus 22:21). O Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa estimula essa separação onde é possível; crê também que a união da Igreja e do Estado é uma forma segura para a discriminação e para a intolerância, e oferece um solo fértil para a propagação da perseguição. Em vista do papel divinamente

¹⁹⁸ Dr. Em Educação pela UNICAMP e Ph.D. em Liderança educacional pela Andrews University.

¹⁹⁹ UNGLAUB, Eliel. *A prática da pedagogia adventista e sala de aula*: tornando a teoria uma realidade eficaz no ambiente escolar. Engenheiro Coelho: PARADIGMA, 2005. p. 33.

²⁰⁰ O diretor para os assuntos da liberdade religiosa da Igreja Adventista é o pastor Hélio Carnassale. O manual contém 20 páginas e mostra praticidade para que o(a) membro possa conhecer melhor sobre o assunto. A sede administrativa da igreja para os países da América Latina é chamada de DSA – Divisão Sul Americana.

ordenado, o governo civil tem o direito de exigir respeito e obediência até o ponto em que as leis civis não estejam em conflito com os requisitos de Deus, porque 'antes importa obedecer a Deus do que aos homens' (Atos 5:29)²⁰¹.

Está explícito no seu manual sobre liberdade religiosa que a Igreja Adventista, e seus departamentos, incluindo o departamento de educação, está acobertada no que se refere ao direito de culto e propagação das suas crenças e valores estabelecidos a partir da sua existência como igreja organizada. Declara que o que a oferece uma posição confortável para liberdade de culto é a separação da igreja do Estado e confessa que se houvesse a união, possibilitaria a discriminação e intolerância e a fertilização do solo para uma futura perseguição aos seus princípios.

O documento apresenta seis principais objetivos, são eles: 1. Convidar pessoas a que promovam ativamente dos princípios da liberdade religiosa de religião ou crença. 2. Instar aos governos a que proporcionem um ambiente positivo para a liberdade religiosa. 3. Encorajar proteção à liberdade religiosa em geral e não apenas a uma religião em específico. 4. Identificar formas concretas de se envolver na defesa da liberdade religiosa. 5. Incentivar principalmente aos jovens a se tornarem defensores da liberdade religiosa local e internacionalmente. E o objetivo 6. Manter a liberdade religiosa como um direito humano único e fundamental²⁰².

O manual objetiva inteirar todo(a) aquele(a) que tiver contato com a Igreja Adventista, ou usufruir de qualquer um dos serviços prestados por ela, sobre o tema, pela proporção com que o mesmo pode influenciar para a igreja de forma positiva ou negativa. Enquanto estiverem acobertados por lei tais direitos, tanto a Igreja Adventista quanto a sua rede de educação mundial, não sofrerão dano ou oposição direta do Estado. Convidar, encorajar e incentivar são verbos presentes nos objetivos do documento que instam ao(a) membro e ao(a) aluno(a) da igreja e da escola a perpetuarem os benefícios que estão proporcionados pela Constituição.

²⁰¹ DIVISÃO SUL AMERICANA, Manual prático para diretores da liberdade religiosa de igreja local, 2017. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/liberdadereligiosa/2017/manual-pratico-para-diretores-liberdade-religiosa.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

²⁰² REGULAMENTOS ECLESIAÍTICO-ADMINISTRATIVOS DA DIVISAO SUL-AMERICANA, 2016. p. 375. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/liberdadereligiosa/2017/manual-pratico-para-diretores-liberdade-religiosa.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

3.2.2 *Respaldo legal para uma educação confessional*

A liberdade religiosa, assegurada por lei, permite que a escola privada de ensino compartilhe suas filosofias pedagógicas de cosmovisão bíblico cristã por direito garantido de liberdade de expressão, possibilitando falar das suas crenças. A educação adventista, nesse caso, declara nas suas premissas básicas e na sua proposta pedagógica os seus objetos e a razão da sua existência missiológica.

Mas, no ambiente escolar, possibilita-se a reflexão para perguntas até então sem respostas na mente do ser humano e o(a) aluno(a), no desejo de saciar determinadas inquietudes, pode despertar o interesse pelo sagrado em busca de um acalanto para suas questões ontológicas. O Ensino Religioso da escola pública, ao estudar o fenômeno da religiosidade, propicia a possibilidade de estabelecer uma melhor convivência entre os(as) seus(suas) semelhantes. Stigar²⁰³ afirma que o Ensino Religioso “contribuirá para o exercício do respeito às diversas formas de pensamento, opção religiosa e cultural do educando”²⁰⁴. É aí que as escolas privadas se fiam da possibilidade de contribuir para a formação do(a) educando(a) ao prometer saciar os seus questionamentos. Ela, ao oferecer-lhe a Educação Religiosa, pretende, no seu sistema, saciar as inquietudes dos(as) seus(suas) alunos(as), disseminando seus ensinamentos cristãos como solução a toda e qualquer inquietude.

Sendo assim, o(a) professor(a) de Ensino Religioso na escola pública é aquele(a) que faz a interlocução entre o fenômeno religioso e a realidade pedagógica e o(a) professor(a) de Educação Religiosa confessional, fia-se da exclusividade dos ensinamentos bíblicos como motivação principal da sua rede de ensino. Na atualidade, as escolas privadas de confissão de fé religiosa, que dão uma ênfase maior nas aulas de Educação Religiosa, julgam ostentar um diferencial para o mercado educacional. No item 3.3.2 é possível observar melhor o crescente desejo que os pais e as mães têm despertado em matricular seus(suas) filhos(as) nos colégios que prometem uma disciplina constante e um foco maior nas aulas de Educação Religiosa.

Mas nem sempre foi assim na história do nosso país. No império, o código criminal contribuía para a inexistência da liberdade religiosa. Segundo Lélío Maximino Lellis²⁰⁵,

De maneira complementarão art. 179, IV, o Código Criminal do Império, de 1830, contribui para a inexistência da liberdade religiosa e, pois, cerceia a liberdade

²⁰³ Licenciado em Ciências Religiosas e Filosofia e Mestre em Ciências da Religião.

²⁰⁴ STIGAR, Robson. O que é ensino religioso. *Artigonal*. Publicado em 4 de jan. 2009b. Disponível em: <<http://www2artigonal.com/educacao-artigos/o-que-ensino-religioso-709662.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

²⁰⁵ Doutor e Mestre em Direito do Estado e Dr. em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Coimbra e Pós-doutor em Direito Constitucional comparado pela Columbia University.

educacional docente e discente quando no artigo 278, impõe pena de até um ano de prisão e multa a quem tenha exercido o direito de manifestação de pensamento e de expressão para fazer proselitismo ou participar publicamente de um ato religioso contrário a fé do Estado. Sob o prisma do estabelecimento de ensino privado também não há liberdade religiosa. Isso porque apesar de previsão de possibilidade de sua efetivação a margem da fiscalização legal, logo desprovida da validade oficial para os fins de habilitação profissional e de expedição de diploma, a escola ainda pode ser perseguida e fechada no interesse do aluno menor. Exemplo disso temos a lei de 1º de outubro de 1828, que no artigo 70, atribui às Câmaras Municipais de Vereadores o poder-dever para ‘inspeção sobre as escolas de primeiras letras, e educação e destino de órfãos pobres, em cujo número entram os expostos’ em roda de enjeitados. Assim, à luz daquela lei imperial é ‘possível aos Municípios fiscalizar as escolas primárias particulares, e mesmo fechá-las, se necessário, para a proteção do aluno e dos interesses do Estado com prejuízo à liberdade religiosa. Afinal, por ser confessional, o Brasil império tem como um dos seus interesses a formação do educando nos moldes da religião oficial’²⁰⁶.

Como se pode observar no texto do Lellis, não havia liberdade de religião nem de culto nem tampouco nos estabelecimentos de ensino, no período do império. A perseguição injusta era sentida por todo(a) aquele(a) que se opusesse às normas e regras de fé da religião oficial do Estado. Em caso de atos de proselitismos com alguém, ou realizar qualquer ato de culto que contrariasse a fé confessada pelo Estado, a pena de prisão por um ano e a multa já lhe estavam assegurados. O interesse no Brasil império era que o(a) estudante fosse formado nos moldes da religião oficial desse período.

No período republicano a situação muda completamente. No decreto nº 119-A, de 7.1.1890 é declarada a laicidade do Estado dando a abertura para a neutralidade entre as religiões²⁰⁷. Estas ficavam com a possibilidade de serem detentoras de poder para a sua organização e a liberdade religiosa com o direito da livre manifestação do pensamento abrindo a possibilidade do proselitismo e a não discriminação por motivo de cultos ou crenças.

Segundo Alfredo Varela, com o surgimento da Constituição de 1891, a vida em sociedade foi alterada quanto à liberdade religiosa e, logo em seguida, o campo educacional brasileiro foi mudado no que se refere ao direito de livre manifestação de pensamento e de expressão²⁰⁸.

O artigo 72 mostra que a livre manifestação do pensamento pela imprensa ou tribuna, sem censura, dá o devido direito ao(a) cidadão(ã) brasileiro(a), aplicando-se aos(as) alunos(as) e mestres(as) o livre exercício de direitos civis e a possibilidade do cumprimento

²⁰⁶ LELLIS, M. Lélío; HESS, C. Alexandre. *Fundamentos jurídicos da liberdade religiosa*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2016. p. 141.

²⁰⁷ LELLIS; HESS, 2016. p. 143.

²⁰⁸ VARELA, A. *Direito constitucional brasileiro*. Edição fac-similar de 1902. Brasília: Senado Federal, 2002. p. 265.

dos deveres cívicos, independente da sua crença ou função religiosa. Lellis afirma que na Constituição de 1934 houve, de igual forma, a liberdade de consciência e crença religiosa, bem como a liberdade de culto. Todavia, ele cita ainda sobre o Ensino Religioso presente na Constituição de 1934, “pertencente aos horários normais de aula das escolas públicas de educação primária e secundária, enquanto componente curricular de oferecimento obrigatório por parte do Estado ao aluno, o qual tem a faculdade exercida por seus pais de frequentá-la ou não”²⁰⁹. O Ensino Religioso como matéria/disciplina nas escolas brasileiras de forma oficializada ocorreu, pela primeira vez, na Constituição de 1934. No capítulo II, o artigo 154 diz:

Art. 154 – O Ensino Religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais²¹⁰.

Como se vê, nesse período da história do Brasil, a Constituição de 1934 não contemplou, em nenhum dos seus artigos, regramentos para as escolas privadas e já existentes, ficando livres para o oferecimento das aulas de Ensino Religioso de acordo com a confissão da sua fé advinda da igreja que a mantinha. A referência ao Ensino Religioso e a sua obrigatoriedade por parte do Estado não obriga o(a) estudante de frequentar tais aulas.

Na Constituição de 1937, apesar de pouca mudança ter sido notada, trata da liberdade religiosa nos artigos 122 e 133. Ela normatiza a liberdade de culto dos indivíduos e a sua principal inovação é que o Ensino Religioso, oferecido pelo Estado, deixaria de ser obrigatório. Se a disciplina fosse implantada na escola, seria, também, de ordem facultativa para os(as) alunos(as)²¹¹. Segundo Junqueira, a Constituição de 1937 não assegurou o direito nem a oferta da disciplina de Ensino Religioso ao citar que o “Estado Novo a partir do golpe de estado de 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas impôs nova Constituição que estabelecia o Ensino Religioso facultativo para a escola”²¹².

Por sua vez, a Constituição de 1946 comenta sobre a liberdade religiosa nos artigos 141 e 168, assegurando todas as características já apresentadas na Lei anterior. Segundo Lellis, há um tópico no (artigo 147, VI) que dá uma outorga constitucional por preferência a crenças da maioria católico-romana, “quando, por exemplo, afirma o direito do trabalhador

²⁰⁹ LELLIS; HESS, 2016, p. 145.

²¹⁰ BRASIL. Constituição (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao34.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

²¹¹ LELLIS; HESS, 2016, p. 146.

²¹² JUNQUEIRA, S. R. Azevedo. *História, legislação e fundamentos do ensino religioso*. [S.I.]: IBPEX, 2008.

‘ao repouso semanal remunerado, preferentemente aos domingos’ e ‘nos feriados civis e religiosos de acordo com a tradição local’²¹³. Essa realidade estimula o desprivilegio das minorias como os guardadores do sábado (judeus, adventistas, batistas do sétimo dia etc.). Foi a partir da Constituição de 1946 que o Ensino Religioso passou a ser disciplina obrigatória desde que a crença do(a) aluno(a) fosse observada como escrito no artigo 168 da Lei,

Art. 168 – A legislação do ensino adotará os seguintes princípios: [...] V – O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.²¹⁴

Na Constituição de 1967, o Ensino Religioso era tido como obrigatório ao mesmo tempo em que era facultativo. Se é obrigatório e opcional ao mesmo tempo, gera, no mínimo, dúvidas na mente do leitor(a). É possível se ler: “Art. IV – o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio”²¹⁵.

A Emenda Constitucional nº 01, de 17 de outubro 1969 não cometeu alteração quanto à disciplina de Ensino Religioso. O texto permaneceu o mesmo da Constituição de 1967. Mas no que se refere à liberdade religiosa e no contexto escolar, a Constituição de 1967 e a Ementa Constitucional nº 1, de 1969, não tem alteração no seu conteúdo, exceto sobre a substituição da liberdade de cátedra no artigo 168 e o artigo 153 que não tolera a propaganda de guerra, da subversão da ordem nem de preconceitos quanto a religião.

Ao tecer alguns comentários sobre a Educação Religiosa nas escolas privadas e de confissão de fé, Lellis comenta que ela é uma forma de expressão da liberdade da religião prevista na Constituição Federal (art. 5º, VI) a ponto de haver obrigatoriedade na sua oferta como parte do currículo fundamental, ainda que seja de matrícula facultativa para não se ferir a liberdade de cada indivíduo. E ainda sobre a disciplina de Educação Religiosa, José Afonso da Silva cita: “as escolas privadas podem adotá-la, como melhor lhes parecer, desde que não imponham determinada confissão religiosa a quem não o queira”.²¹⁶

²¹³ LELLIS; HESS, 2016, p. 147.

²¹⁴ BRASIL. Constituição (1946). *Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946)*. Rio de Janeiro: D.O.U. de 19 set. 1946 e republicado no D.O.U. de 25 de set. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

²¹⁵ BRASIL. Constituição (1967). *Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 20 out. 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao67.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

²¹⁶ SILVA, J. A. *Comentário contextual à constituição*. São Paulo: Malheiros, 2005. p. 795.

3.3 A contribuição do ensino adventista na formação do ser humano

Para a formação do caráter do ser humano ainda nas séries iniciais, a escola confessional pretende possibilitar; através do estudo do fenômeno da religiosidade, da observação do comportamento da fé e do despertar de uma consciência individual e coletiva; a compreensão de que o homem não pode dar para o seu semelhante aquilo que não gostaria de receber para si. Compreender que “[...] tudo que o homem semear, isso também ceifará”²¹⁷, produzirá nele uma reação justa daquilo que ele desejou plantar pro seu semelhante.

Assim, a educação adventista se declara como agente na transformação do(a) aluno(a) a partir dos seus ensinamentos por princípios que os(as) levem para mais perto dos ensinamentos que a religião julga ser diferenciada para a construção do caráter dos(as) seus(suas) discentes²¹⁸. A humanidade tem enxergado tudo ao ser redor com os olhos do progresso e o define com novas perspectivas e oportunidades de vida. A partir de então, o apego aos valores e as coisas espirituais ficaram, aos poucos, no esquecimento. Abandonando a fé, o homem se tornou refém do medo. Hellern, Notaker e Gaarder comentam que,

Com o avanço da industrialização e da ciência no último século, surgiram novas explicações não religiosas para o curso dos eventos. Embora as religiões se mantenham vivas, áreas cada vez maiores da vida social e cultural têm saído de sua influência. E além de os princípios religiosos terem perdido influencia na vida social, também os conceitos éticos ensinados pelas religiões não afetam mais as questões sociais. Este processo é conhecido como secularização.²¹⁹

Paula Monteiro afirma que quando houve a separação entre a igreja e o Estado, a religião foi alocada do meio da sociedade e isto foi o suficiente para a formatação de uma nova modalidade de vida da sociedade, fazendo-a com que estivesse confinada e insegura.²²⁰ Assim, a disciplina de Educação Religiosa pode ajudar na explanação do fenômeno religioso quando faz uso da sua forma de atuação para alcance do cognitivo do(a) aluno(a). O respeito às diferenças, o conhecer melhor sobre o(a) outro(a), propicia um melhor convívio social e

²¹⁷ BÍBLIA. Apologética de estudo. Antigo e Novo Testamento: Livro aos Gálatas 6:7. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. Ed. corr. e rev. Jundiaí: Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), 2005.

²¹⁸ Mais uma vez, se vê a pretensão do sistema de ensino em afirmar-se como agente de transformação dos(as) alunos(as). São afirmações apresentadas no trabalho sem ter tido uma pesquisa com os alunos(as) e ou seus(suas) representantes para averiguação.

²¹⁹ HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein; *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 276.

²²⁰ MONTEIRO, Paula. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*. Novos estudos – CEBRAP, N. 74, mar. 2006. p. 49. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100004>. Acesso em: 02 nov. 2018.

estabelece vínculos de afetividade que facilitam uma vida capaz de promover a paz entre todos(as).

De acordo com João Décio Passos, embora a religião tenha acompanhado o processo educacional, com mais ênfase no período da Idade Moderna, se ausentou do relacionamento racional e pedagógico, geralmente desenvolvido nas academias e reproduzido nas escolas; esteve sempre compreendida com grande importância para a formação dos estudantes como base da educação moral e da formação do cidadão confessional. Ele aponta a necessidade do resgate de uma base teórica que siga a consistência pedagógica escolar²²¹. Passos comenta que:

O Ensino Religioso é anterior à própria escola. A rigor, tem a idade das religiões, quando fez parte daquele núcleo de representações simbólicas propagadas pelas gerações. Antes mesmo que as sociedades civilizadas se estabelecessem com suas instituições, até mesmo escolar. A transmissão da tradição e, no seu bojo, dos valores e crenças, produziu métodos de ensino, relações assimétricas de saber e conteúdos mais ou menos fixos, cuja função era instruir as gerações sobre as verdades referentes à existência do mundo e do ser humano.²²²

A escola privada também se adequa a esta questão. Nela também há o pluralismo religioso no qual para um bom convívio entre todos(as) deve-se combater a intolerância religiosa e todo tipo de preconceito. As aulas de Educação Religiosa podem estabelecer esse convívio respeitoso. Eliade, ao citar Rudolf Otto, em *Das Heilige* (1917), já mencionava que Otto, ao invés de estudar as ideias de Deus ou as ideias da religião, conseguiu esclarecer o conteúdo e os caracteres específicos dessa experiência, negligenciando o lado especulativo e racional da religião, mas afirmando a sua totalidade.²²³

Segundo Knigth, a função social da escola adventista tem o aspecto conservador e o revolucionário possibilitando habilitar o(a) aluno(a) a estar no mundo e não ser do mundo. Ele cita que a educação adventista é uma agente de mudança,

As igrejas cristãs (inclusive a Adventista do Sétimo Dia) têm sido, com demasiada frequência, bastiões conservadores da sociedade, quando deveriam funcionar como agentes de mudança. [...]As funções conservadoras de uma escola cristã são importantes porque desempenham um papel essencial na tarefa revolucionária da igreja de preparar jovens para se tornarem obreiros evangélicos. Isso não significa, e deve ser enfatizado, que todos alunos serão educados para fazerem parte do quadro de pessoas que realizam as atividades da igreja.²²⁴

²²¹ PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 38.

²²² PASSOS, 2017, p. 84.

²²³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 28.

²²⁴ KNIGHT, George. R. *Diálogo universitário: A função social da educação adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 9.

O resumo das palavras do Knigth é mostrar que a educação adventista espera educar os(as) jovens da igreja para serem homens e mulheres que trabalhem para a igreja de Deus e dos seus semelhantes, ao invés de treiná-los(las) para o serviço em favor de si mesmos(as), pela aquisição de um bom trabalho e uma renda confortável para si. Segundo o autor, esses resultados podem se refletir na vida do(a) aluno(a), mas como subprodutos da educação adventista, mas que não são os pontos fundamentais para o propósito a que foi estabelecida.

Para visão educacional adventista, a maior contribuição da sua existência como escola de confissão religiosa dentro e para a comunidade é compartilhar o ensinamento do plano da redenção de Deus para a raça humana afetada pelo pecado. Essa noção de redenção na educação é primordial nos escritos de Ellen White como uma das pioneiras da Igreja Adventista. No ano de 1970 ela começou a publicação, em quatro volumes, da História da redenção e posteriormente, a coleção O grande conflito contendo um pouco mais de 3.500 páginas.²²⁵

Sobre a formação do caráter do ser humano, Ellen White comenta

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes. ‘A sabedoria é a coisa principal; adquiere, pois, a sabedoria’. ‘A língua dos sábios adorna a sabedoria’. Prov.4:7; 15:2.²²⁶

Mesmo sem descartar o valor e a importância da aquisição do conhecimento científico, para os adventistas a verdadeira contribuição que a educação confessional deve dar é a formação do caráter em primeiro lugar. Homens de caráter nobre são mais valorizados e úteis à humanidade, que homens de grande intelecto. Segundo o texto, White cita que uma educação verdadeira está em busca da sabedoria e esta deve ser adquirida por todos(as) os(as) estudantes. Formar caráter é o seu mote como instituição de confissão de fé religiosa.

White declara que o penhor da educação da atualidade e o objetivo a que ela mais tem apelado ultimamente não é outro se não o proveito próprio e que grande parte dessa educação tem sido uma perversão para o próprio nome da educação. Cita que “Na verdadeira educação, a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e

²²⁵ SUÁREZ, Adolfo. S. “Educar é redimir”: significado e implicações da noção de redenção-educação nos escritos de Ellen White. *Revista Parousia*, Engenheiro Coelho, UNASPRESS, 2010. p. 52.

²²⁶ WHITE, 2011, p. 265.

necessidades da humanidade – coisas de maldição para o mundo – encontram uma influência contrária”.²²⁷

Por fim, o desejo da contribuição que a rede educacional em estudo pretende oferecer para a formação dos(as) seus(suas) alunos(a) apresenta os seguintes desafios: desenvolver um relacionamento pessoal do(a) estudante com Deus; através de valores bíblico-cristãos, oportunizar ao(a) aluno(a) o desenvolvimento de um caráter íntegro; ensinar ao(a) educando(a) a controlar seu temperamento repentino e a conter a palavra que magoa; exercitar a capacidade de pensar e agir diante das mais variadas situações; ter a capacidade de criar, agir e escolher de forma responsável; conhecer e cuidar o seu próprio corpo com responsabilidade em relação à própria saúde e a saúde do seu semelhante; construir e manter relacionamentos que sejam saudáveis; posicionar-se frente aos problemas sociais e ambientais com autonomia e respondendo pelos seus próprios atos e por fim, desprender-se de si mesmo com atitudes de solidariedade e respeito ao próximo.²²⁸

3.3.1 A presença da educação adventista no Brasil

Referente à chegada da cultura protestante na história do Brasil, Meslin comenta que a Coroa Portuguesa em decisão conjunta com a Igreja Católica havia assinado em 1720 uma lei que fechava os portos brasileiros para a entrada de qualquer navio que não estivesse a serviço da Corte Portuguesa ou da igreja. Assim, tornava praticamente impossível a entrada de estrangeiros na colônia. Para Menslin, o objetivo da Corte era afastar qualquer aventureiro que pudesse explorar as riquezas ainda veladas e o objetivo da igreja era evitar a presença dos protestantes das terras da colônia.²²⁹

O período colonial brasileiro, comentado pelo escritor Gilberto Freire, é descrito que era a Igreja Católica quem dominava tais terras e estava em conexão com a permissão ou proibição da chegada dos novos estrangeiros. Freire cita:

Todo o navio que entrava num porto brasileiro recebia abordo um frade capaz de examinar a consciência, a fé e a religião de um recém-chegado. O que barrava um imigrante naqueles dias era a heterodoxia, a nódoa da heresia da alma, não qualquer marca racial do corpo. Era uma questão de saúde religiosa; sífilis, boubá, varíola e lepra podiam entrar livremente, trazidas pelos europeus e negros de vários lugares. O perigo não estava no fato de o indivíduo ser estrangeiro ou de que pudesse ser anti-higiênico ou cacogênico, mas na possibilidade de ser herético.²³⁰

²²⁷ WHITE, 2011, p. 266.

²²⁸ DIVISÃO SUL AMERICANA da IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2009, p. 60-62.

²²⁹ MENSLIN, 2015, p. 38.

²³⁰ FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Schemitd, 1938. p. 237.

Mas a situação muda logo após a chegada da família real portuguesa ao Brasil no dia 22 de janeiro de 1808 na cidade de Salvador. Uma semana depois da chegada, D. João VI assina a autorização para a abertura dos portos às nações amigas. Menslin comenta que os recém-chegados viviam um período de transição da aproximação do fim do império e a tentativa de se estabelecer o país como um Estado independente.²³¹

É nesse contexto que se dá a chegada da educação adventista ao Brasil e teve como objetivo a missão da Igreja Adventista no país, uma vez que acabara de se iniciar como igreja organizada nos Estados Unidos da América entre os anos de 1844-1860 e a sua chegada era concomitante à estruturação da igreja em solo brasileiro. Sobre a escolha para o estabelecimento da primeira escola adventista no Brasil, Menslin cita que,

A cidade escolhida para o início das atividades educacionais adventistas foi Curitiba. E isso não foi por acaso. Na época, Curitiba começa a se destacar como uma cidade progressista republicana, nomeada em 1812 como sede de comarca, passa a ser a rota dos viajantes que cruzavam o país em direção ao Sul. [...] em 1895, Curitiba contava com 35.000 habitantes que residiam em aproximadamente em 3.100 habitações.²³²

O início das atividades da Educação Adventista no Brasil deu-se na Rua Paula Gomes, 290, no centro de Curitiba, no dia 1º de julho de 1896. Aquela primeira instituição nasceu pequena, e teve como primeiro nome “Colégio Internacional”.²³³ Funcionava em uma casa de grandes janelas, próximo ao passeio público, a biblioteca municipal e as residências da elite curitibana daquela época. Pouco a pouco, aquela primeira instituição ganharia corpo, e se expandiria, não apenas na capital paranaense, mas em todo o país, resultando numa rede de educação que, somente no Brasil, conta com 316 unidades educacionais e com mais de 211 mil alunos.

Em julho de 1896, o Colégio Internacional de Curitiba começou atendendo famílias de imigrantes que chegavam à região Sul do Brasil. Essa instituição foi singular não somente por ser a primeira, mas também por não seguir o padrão das unidades seguintes, que nasceram anexas às igrejas, num modelo paroquial. Num prédio independente, a escola em pouco tempo cresce tanto que logo precisa ser transferida da Rua Paula Gomes.²³⁴

²³¹ MENSLIN, 2015, p. 38-39.

²³² MENSLIN, 2015, p. 54.

²³³ Nome dado ao primeiro colégio adventista surgido no Brasil na Cidade de Curitiba – PR, no ano de 1986. Disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/ha-120-anos-surgiu-primeira-escola-adventista-no-brasil/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

²³⁴ EDUCAÇÃO ADVENTISTA. Nossa História. Disponível em: <www.educacaoadventista.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

A primeira escola adventista do Brasil ainda existe na cidade de Curitiba e hoje é conhecida como o Colégio Adventista de Bom Retiro que funciona próximo ao prédio onde tudo começou. O seu primeiro diretor foi o professor Guilherme Stein Júnior, primeiro adventista converso no Brasil. O ensino do colégio era bilíngue, em português e alemão, um atrativo especial que chamou a atenção da população da cidade de Curitiba.

No Brasil, há 458 unidades escolares, incluindo 7 instituições de Ensino Superior. A educação adventista está presente em mais de 150 países, representada por 8.632 instituições da educação infantil ao ensino superior, com um corpo docente de 77.234 professores comprometidos na formação de aproximadamente 2 milhões de alunos.²³⁵

A rede de educação adventista tem duas publicações mundiais, que servem de apoio a sua missão: a Revista de educação adventista e a Diálogo universitário. A primeira é um periódico bimestral destinado a professores(as) e gestores(as) educacionais. Cada edição apresenta artigos de variados temas relacionados à educação cristã. A segunda revista é uma publicação voltada para estudantes do nível superior de ensino que aborda questões relativas à interface entre o cristianismo e a cultura contemporânea. Ela é impressa em quatro línguas (português, inglês, francês e espanhol) e tem leitores em mais de 100 países.²³⁶

3.3.2 A procura pelos internatos adventistas

Os colégios em regime de internato da Rede Educacional Adventista oferecem educação integral pautada em princípios cristãos. No Brasil, são 16 estabelecimentos que funcionam em lugares rodeados das melhores paisagens e longe dos grandes centros urbanos. Os internatos promovem um estilo de vida saudável que permite a cada estudante crescer em domínio próprio e assimilar valores de disciplina, respeito, responsabilidade, integridade, amizade, bondade, paciência e fé em Deus. Além de assistência regular às aulas, os(as) estudantes podem contar com atividades práticas, culturais, sociais, esportivas, reuniões espirituais e atividades de serviço voluntário nas comunidades próximas – tudo em um ambiente no qual a segurança é fator prioritário.²³⁷

²³⁵ ADVENTISTAS DIVISÃO SUL-AMERICANA. *A Educação Adventista no Mundo*. 2013. Disponível em: <www.adventistas.org/pt/educacao/2013/03/07/educacao-adventista/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

²³⁶ A revista Diálogo Universitário é uma das revistas oferecidas pelo departamento de educação da Igreja Adventista. Disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/revista-dialogo-universitario-lanca-aplicativo/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

²³⁷ EDUCAÇÃO ADVENTISTA. *Internatos*. <www.educacaoadventista.org.br/ensino/internatos/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Nos colégios e/ou faculdades de regime interno, os(as) alunos(as) convivem uns(umas) com os(as) outros(as) por morarem dentro do campus em apartamentos, geralmente quádruplos e alguns com suíte. A orientação da mantenedora é que a alimentação seja vegetariana, fornecida pelo restaurante do campus com refeições já inclusas no valor da mensalidade. Que sejam oferecidos serviços de lavanderia, também já inclusos no valor, acompanhamento pedagógico e psicológico, além do complexo esportivo com quadras, campos, piscinas, entre outras formas de lazer. Entretanto, o desejo é que foco espiritual dentro do campus seja perceptível no campus.

Espera-se que a procura pelos internatos adventistas ocorra, em especial, por dois motivos: pelo fato de que os(as) filhos(as) dos adventistas declaram o desejo de estudarem numa escola/hotel, em meio a natureza, com princípios e valores cristãos, perpetuando assim o legado da filosofia educacional da Igreja Adventista e que são membros dela, além de poder participar ativamente das músicas que são oferecidas pelas escolas de música nos seus campi.

E o segundo motivo espera-se a partir dos alunos(as) que não professam a mesma filosofia de vida espiritualizada, mas os(as) seus(suas) representantes legais optaram por uma escola que fosse mais rígida com a disciplina.

Para Laurence Nunes Soares²³⁸, a muita procura por pedidos de bolsas para conseguir uma vaga no regime interno são de pais ou mães que não são adventistas, mas ouviram de algum amigo ou conhecido que enviaram o(a) seu(sua) filho(a) e ficaram satisfeitos com a qualidade de ensino ou com a mudança que o sistema de ensino pode proporcionar.

²³⁸ Laurence Nunes é advogada do Instituto Adventista Paranaense, responde pela área jurídica, filantrópica e patrimônio da instituição.

Quadro 15 – Internatos Adventistas no Brasil²³⁹

NOME	SIGLA	CIDADE	UF	ANO
Centro Universitário Adventista de São Paulo – C1	UNASP – C1	São Paulo	SP	1915
Instituto Adventista Cruzeiro do Sul	IACS	Taquara	RS	1929
Instituto Adventista Petropolitano de Ensino	IPAE	Petrópolis	RJ	1939
Instituto Adventista Paranaense	IAP	Lapa/Curitiba/Ivatuba	PR	1939/1948/1973
Educandário Adventista de Ensino	ENA (extinto)	Belém de Maria	PE	1943
Centro Universitário Adventista de São Paulo	UNASP – C3	Hortolândia	SP	1950
Educandário Espírito-Santense Adventista	EDESSA	Colatina	ES	1963
Instituto Adventista Amazônia Ocidental	IAAMO	Mirante da Serra	RO	1968
Instituto Adventista Agro-Industrial	IAAI	Manaus	AM	1974
Instituto Adventista Trans-Amazônico Industrial	IATAI	Altamira	PA	1978
Instituto Adventista do Nordeste	IAENE	Cachoeira	BA	1979
Instituto Adventista de Ensino de Minas Gerais	IAE-MG	Lavras	MG	1983
Centro Universitário Adventista de São Paulo	UNASP – C2	Engenheiro Coelho	SP	1983
Instituto Adventista Brasil Central	IABC	Anápolis	GO	1985
Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina	IAESC	Araquari	SC	2008
Faculdade Adventista da Amazônia	FAAMA	Belém	PA	2010
Instituto Adventista de Pernambuco	IAPE	Gravatá	PE	2014

White escreveu sobre a necessidade de a educação adventista fundar as escolas de regime interno para os(as) seus(suas) alunos(as) com o objetivo de os(as) separar dos costumes mundanos por estarem em contato com comportamentos sociais que destoassem dos ensinamentos bíblicos, quando diz,

²³⁹ Centro Nacional de Memória Adventista. Os internatos adventistas podem ser encontrados no site a seguir. Estão disponibilizados pelos estados do Brasil. Disponível em: <<https://www.educacaoadventista.org.br/ensino/internatos/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

Nossos internatos foram estabelecidos a fim de nossos jovens não serem levados a flutuar daqui para ali, e serem expostos às más influências que estão em toda parte; mas para que, o quanto possível, se proveja uma atmosfera doméstica em que sejam preservados de tentações à imoralidade, e sejam encaminhados a Jesus. A família do Céu representa aquilo que a terrena devia ser; e nossos internatos, onde se reúnem jovens em busca de preparo para o serviço de Deus, devem-se aproximar o quanto possível do modelo divino.²⁴⁰

Ainda sobre a vida nos internatos ela diz,

Os professores colocados à testa desses lares assumem sérias responsabilidades; pois devem desempenhar o papel de pais e mães, mostrando interesse nos alunos, em cada um, da mesma maneira que os pais mostram nos filhos. Os variáveis elementos que compõem o caráter da mocidade com quem são chamados a lidar, trazem sobre eles cuidado e pesadas responsabilidades, e requer-se grande tato bem como muita paciência para equilibrar na devida direção mentes torcidas por uma orientação errônea. Os professores precisam de grande capacidade administrativa; cumpre-lhes ser leais aos princípios e, todavia, sábios e brandos, aliando o amor e a simpatia cristã com a disciplina. Devem ser homens e mulheres de fé, de sabedoria e oração. Não devem manifestar uma dignidade severa, inflexível, mas associarem-se com a juventude, identificando-se com eles em suas alegrias e dores, bem como em sua diária rotina de trabalho. A obediência prestada com alegria e amor será em geral o fruto de tal esforço. No cumprimento desses deveres, importa vencer os hábitos descuidados, negligentes e desordenados; pois a menos que sejam corrigidos, tais hábitos serão levados para todos os aspectos da vida, e esta será arruinada para a utilidade, para o verdadeiro trabalho missionário. A menos que sejam corrigidos com perseverança e resolução, eles vencerão o aluno para o tempo e a eternidade. Os jovens devem ser estimulados a formar hábitos corretos no vestir, de modo a que sua aparência seja alinhada e atrativa; ensine-se-lhes a conservar as roupas limpas e bem consertadas. Todos os seus hábitos devem ser de molde a torná-los um auxílio e um conforto aos outros.²⁴¹

Ao apresentar os colégios internos como local para a formação dos(as) alunos(as) como missionários, White alega que a vida no internato, além de afastar o(a) educando(a) do contato com as perversões sociais, o(a) direciona a habilidades que os(as) afastem dos hábitos descuidados e desordenados evitando que tais características não os(as) acompanhem ao longo da vida. Hábitos saudáveis como se vestir, manter a aparência higienizada, roupas limpas e bem consertadas, são alguns dos cuidados que os(as) professores(as) devem oferecer aos(as) seus(suas) alunos(as), no papel de pais e mães dentro de um colégio interno.

Talvez esteja aí os motivos que levam uma grande procura dos pais e mães da sociedade a matricularem seus(suas) filhos(as) nos colégios isolados dos grandes centros, mesmo sabendo que ficarão alguns meses sem a presença deles no lar.

²⁴⁰ Ellen White, pioneira da educação adventista, comenta no seu livro *Testemunhos Seletos*, volume 2 um capítulo exclusivo sobre os internatos escolares. Disponível em: <<http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/24/434/441/internatos-escolares>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

²⁴¹ WHITE, E. G., *Testemunhos seletos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 434-435.

CONCLUSÃO

Quanto ao objetivo proposto, este trabalho ocupou-se em tratar das percepções do papel do(a) professor(a) de Educação Religiosa da rede educacional adventista, como uma escola privada de confissão de fé religiosa descrevendo, a partir dos registros históricos da mesma, como se dá a execução das aulas ministradas por seus(suas) professores(as), da atuação da pastoral educacional e a parceria existente entre o estudo do fenômeno religioso, em específico desta rede de ensino, em interface às demais áreas do conhecimento propostas na sua filosofia pedagógica. Este tema foi escolhido por evidenciar uma proposta pedagógica de ensino que se difere das propostas das escolas públicas do país, bem como o efeito causado por tal proposta na vida dos(as) alunos(as) matriculados(as) na rede, assim como na comunidade em que ela está inserida.

Apropriando-se dos constructos da rede de educação adventista tanto quanto da sua mantenedora, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi possível perceber a formação das primeiras escolas adventistas no Brasil e no mundo e a objetividade da sua existência. A necessidade que fez nascer esta pesquisa foi por se perceber um crescimento considerável na procura por escolas que possuem uma filosofia confessional cristã no país, mesmo deixando de forma explícita a sua forma de conduzir as aulas de Educação Religiosa, quando não, praticam o proselitismo, de forma declarada, com os seus(suas) alunos(as). Aqui, já se pode afirmar que um dos motivos por tal procura, na sua maioria, é a atenção voltada aos valores morais desejados pelos(pelas) representantes dos(as) estudantes e, em seguida, a perpetuação dos valores religiosos como um legado aos que dela dependem.

Quanto ao trabalho realizado, esta pesquisa teve por base teórico-metodológica autores sobre Educação Religiosa, a visão dos pioneiros da rede estudada, o papel do(a) professor(a) da sua Educação Religiosa e o desenvolvimento da pastoral educacional na instituição. Esse campo do conhecimento prima pela percepção descritiva da prática educacional enquanto abre espaços para comparar as diversas formas de se trabalhar a Educação Religiosa nas demais escolas da rede privada de ensino e que também se declaram confessionais acobertados pela legislação. O estudo do respaldo legal para o funcionamento das escolas privadas confessarem seus credos no ambiente de ensino é, no mínimo, um fator que se abre em um campo de múltiplas possibilidades. Estas permitem ao pesquisador observar o posicionamento e performance de toda uma rede de ensino que não hesita em declarar seu propósito de missão como uma instituição de caráter religioso, podendo-se

afirmar que a aceitação por tal rede na comunidade tem sido um fato que endossa o pensamento do sistema educacional adventista.

Após serem analisados os registros históricos dos adventistas desde o seu surgimento a partir da derivação de outras igrejas tradicionais na América do Norte, no século XIX, até a sua chegada no solo brasileiro no fim do mesmo século, concluiu-se que a igreja e os costumes da época tiveram grande peso na formação da filosofia educacional adventista e que tais legados podem ser sentidos, ainda hoje, dentro e fora da sala de aula. Uma vez que a sua proposta pedagógica se difere das demais correntes ou tendências pedagógicas atuais, concluiu-se que a perpetuação da visão dos seus pioneiros a fez registrar suas crenças nas suas premissas básicas.

A cosmovisão cristã transmitida pelo(a) professor(a) de Educação Religiosa na escola adventista é claramente ligada aos ensinamentos da própria igreja na propagação das suas doutrinas bíblicas e é notório a escusa dos conteúdos trabalhados em sala de aula, sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para as aulas de Ensino Religioso, sem que os mesmos não estejam comparados com a verdade bíblica apresentada nas aulas de integração fé e ensino, tanto pelo(a) professor(a) de Ensino Religioso, quanto pelos(as) professores(as) das demais áreas do conhecimento. Esta pesquisa foi enveredada, por descobertas histórias e relatos percebidos durante as leituras, por um caminho que possibilitou comparações dos conteúdos estudados em sala de aula desde a Educação Infantil até o último ano do Ensino Médio, por exemplo. E, a partir de tais comparações, pode-se afirmar que há um norte que conduz os temas das aulas de Educação Religiosa aplicadas na escola estudada e os temas que compõem a matriz curricular nacional, sem abrir mão de acrescentar seus valores espirituais nas aulas de Educação Religiosa e de evidenciar os ensinamentos bíblicos-cristãos de forma proselitista.

Quanto aos estudos da práxis do(a) professor(a) de Educação Religiosa em interface às demais áreas do conhecimento do ensino, a percepção da chamada integração fé e ensino, defendida veementemente pela rede, é uma exigência para o(a) professor(a) que compõe o quadro de professores(as) da escola, e também um ponto para a compreensão de todo o funcionamento do ensino ao longo da história da escola adventista. Pode-se concluir aqui que o mote filosófico da escola estudada é a capacidade de unir todo e qualquer conteúdo científico com os ensinamentos bíblicos. Os ensinamentos bíblicos são tidos como o cerne da sua visão de educação e o fator responsável pela construção do caráter dos(as) seus(suas) alunos(as).

Quando os pioneiros do movimento adventista sonharam com uma escola que atendesse aos requisitos espirituais que queriam transmitir aos(as) seus(suas) filhos(as), não imaginavam a proporção que a mesma tomaria. Fruto da persistência ao longo dos anos e beneficiada pela forma da Lei do Estado brasileiro, seja pela liberdade de expressão seja pela liberdade religiosa, a educação adventista aproveita-se da possibilidade de transmitir seus valores religiosos, citando que não discriminam os que exercem outra forma de culto e de adoração, mas também sem perder a oportunidade de dividir com os demais a sua forma interação com o transcendente. Pode-se observar ao longo dessa pesquisa o peso que o tempo lhe concedeu, a marca registrada que foi fincada por mais de um século de trabalho na busca pela missão de educar para a transformação do indivíduo e da transformação das suas faculdades espirituais.

Muitas outras possibilidades surgem a partir de um estudo como este. Não se esgota a riqueza de detalhes encontrada numa única forma de se lidar com o objeto do conhecimento aqui garimpado. Discorrer pela história para conhecer um pouco da chegada do adventismo e da educação adventista no Brasil traz impressões da contribuição educacional dessa igreja no país, desde os primeiros anos da república. Muito se pode ser pesquisado sobre o tema aqui estudado, as diferenças entre o Ensino Religioso e a Educação Religiosa. Assim é possível ao se dar continuidade à pesquisa.

Encerro desejando que a banca considere este trabalho na ciência de que o mesmo precisa ser mais aprofundado e em continuidade de garimpar sobre a distinção entre o Ensino Religioso e a Educação Religiosa, entre ciência e religião numa necessidade de se avaliar tal tema de forma mais crítica.

Neste trabalho, ficaram retidas as percepções sobre os(as) professores(as) de Educação Religiosa, percepções quanto aos pastores das escolas da rede adventista de ensino, e as impressões quanto pretensão de uma filosofia diferenciada que permeia todas as demais disciplinas da área do conhecimento. Percepções e impressões estas que intentaram apresentar respostas para as questões que justificam as ideias supramencionadas e que deram corpo a esta dissertação.

REFERÊNCIAS

ADVENTISTAS DIVISÃO SUL-AMERICANA. *A Educação Adventista no Mundo*. 2013. Disponível em: <www.adventistas.org/pt/educacao/2013/03/07/educacao-adventista/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS DANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. *Quem fundou o mormonismo e A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias?*. Disponível em: <<https://www.mormon.org/por/perguntas-frequentes/tema/sobre-os-mormons/pergunta/fundador-da-igreja-mormon>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BACHA FILHO, *apud* COSTELLA, Domenico. O fundamento epistemológico do ensino religioso. In: JUNQUERIA, S. A.; WAGNER, R. (Org.). *O ensino religioso no Brasil*. 2. Ed. Ver. e ampl. Curitiba: Champagnat, 2011. (Coleção Educação: Religião; 5). Parte 2, p. 129-141. p. 135. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/livro0901?dd1=4535&dd99=pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BBC NEWS BRASIL NAVEGAÇÃO. *Qual o segredo da cidade onde se vive dez anos mais e melhor?*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141208_longevidade_california_lab>. Acesso em: 15 ago. 2018.

BÍBLIA. Apologética de estudo. Antigo e Novo Testamento: Livro aos Gálatas 6:7. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. corr. e rev. Jundiaí: Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), 2005.

BLOGESPIRITADOALE. *Shakers, “Batedores” ou “Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Vinda de Cristo”*. Disponível em: <<https://blogespiritadoale.wordpress.com/2015/02/11/os-shakers-e-a-mediunidade-2/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BRASIL. Constituição (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao34.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BRASIL. Constituição (1946). *Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946)*. Rio de Janeiro: D.O.U. de 19 set. 1946 e republicado no D.O.U. de 25 de set. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BRASIL. Constituição (1967). *Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 20 out. 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao67.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Lei nº 9.294/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 de dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Lei nº 9.457/97, de 23 de julho de 1997.

DICIONÁRIO INFORMAL. Significado da palavra cosmovisão. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/cosmovis%C3%A3o/>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

DIVISÃO SUL AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Pedagogia Adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 17-48, p. 60-62.

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. *Internatos*. <www.educacaoadventista.org.br/ensino/internatos/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. *Nossa História*. Disponível em: <www.educacaoadventista.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 28.

FERNANDES, Madalena. *Afinal, o que é o ensino religioso?* São Paulo: Paulus, 2000. p. 31.

FERRARI, Márcio. Carl Rogers um psicólogo a serviço do estudante. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1453/carl-rogers-um-psicologo-a-servico-do-estudante>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FERREIRA FILHO, M. G. *Comentários à constituição brasileira de 1988*. São Paulo: Saraiva, 1995. p. 77.

FERREIRA, Kemelly *et al.* As verdadeiras bases da educação. *Revista Escola Adventista*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, v. 34, ano 21. 2017. p. 55-67.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE ENSINO RELIGIOSO. Caderno temático n. 1. *Ensino Religioso: Referencial Curricular para a proposta pedagógica da escola*, 2000.

_____. *Ensino religioso e seus parâmetros curriculares*. São Paulo: Fonaper, 2000. p. 15.

_____. Disponível em: <www.fonaper.com.br/basenacionalcurricular.php>. Acesso em: 25 abr. 2018.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Schemitd, 1938. p. 237.

GREENLEAF, F. *História da educação adventista: uma visão global*. Argentina: Associação Casa Sudamericana, 2009. p. 16-36.

GROSS, Renato. *Cristo na sala de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino*. Artur Nogueira: Gráfica Lagoa Bonita, 2003. p. 112.

GROSS, Renato; GROSS, Janine. *Filosofia da Educação Cristã: uma abordagem adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein; *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 276.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. p. 238.

_____. *Os mileritas e o grande desapontamento de 1844*. 2014. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/espiritodeprofecia/os-mileritas-e-o-grande-desapontamento-de-1844/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

_____. Regulamentos eclesiástico-administrativos da Divisão Sul-Americana. 2016. p. 375. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/liberdadereligiosa/2017/manual-pratico-para-diretores-liberdade-religiosa.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 74.

JUNQUEIRA, S. R. Azevedo. *História, legislação e fundamentos do ensino religioso*. [S.I.]: IBPEX, 2008.

_____. *O ensino religioso é área de conhecimento? Por que? O que é uma área de conhecimento?* GPER, [s. d.]. Disponível em: <<http://bit.ly/1dLRdL2>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

KNIGHT, George R. *Mitos da Educação Adventista*. Um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen White. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2010.

_____. *Educando para a eternidade: uma filosofia adventista de educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2017.

_____. *Diálogo universitário: A função social da educação adventista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017. p. 9.

_____. *Educando para a eternidade: uma filosofia adventista de educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2017.

LELLIS, M. Lélío; HESS, C. Alexandre. *Fundamentos jurídicos da liberdade religiosa*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2016. p. 141-147, p. 176.

LIBÂNIO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 30-68.

LITTKE, Anilce Bittencourt; SILVA, Jonas Soares. Evangelismo e Desenvolvimento Cultural. *Revista Escola Adventista*, Engenheiro Coelho: UNASPRESS. 2013. v. 29, ano. 17, p. 17.

MACARTHUR, J. *Princípios para uma cosmovisão bíblica*. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

MAIA, Chistiane Martinatti; SCHEIBEL, Maria Fani. *Organização do trabalho pedagógico*. Curitiba: IESD Brasil S.A., 2010. p. 57-61.

MESLIN, Douglas. *Educação Adventista 120 anos: de escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional*. Curitiba: DVK, 2015, p. 38-39, p. 54.

_____. *O que esperam de mim como professor da Rede Adventista: uma visão panorâmica das funções na Educação Adventista, da administração escolar ao serviço de apoio*. Curitiba: DKM Editora, 2013.

MESQUIDA, Peri. *A hegemonia norte americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: Edef, JF/Editeu, 1994. p. 103.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. p. 16-35.

MONTEIRO, Paula. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*. Novos estudos – CEBRAP, N. 74, mar. 2006. p. 49. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100004>. Acesso em: 02 nov. 2018.

MOVIMENTO religioso nascido na Igreja Luterana alemã no século XVII, pondo o acento na necessidade da experiência religiosa individual. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/pietismo>>. Acesso em: 01 out. 2018.

NUCLEO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO. *Cristo nas salas de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino*. Engenheiro Coelho: Gráfica Lagoa Bonita, 1996.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 38, p. 84.

PAZMIÑO, Roberto W. *Principios e prácticas de la educación cristiana: una perspectiva evangélica*. Eugene. Oregon: Editorial Caribe, WIPF and STOCK Publishers, 2002. p. 63, p. 157.

PLANO Mestre de Desenvolvimento Espiritual. Disponível em: <<http://pmde.com.br/2018/pt/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

PROMOVENDO a liberdade de crença para todas as pessoas, em todos os lugares. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/liberdadereligiosa/2017/manual-pratico-para-diretores-liberdade-religiosa.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

REGULAMENTOS ECLESIAÍTICO-ADMINISTRATIVOS DA DIVISÃO SUL-AMERICANA, 2016. p. 375. Disponível em: <<http://deptos.adventistas.org.s3.amazonaws.com/liberdadereligiosa/2017/manual-pratico-para-diretores-liberdade-religiosa.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

RODRIGUES, W. G. Integração fé e ensino: conceitos e métodos na educação adventista. In: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.) *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino aprendizagem*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2015.

SÁ, Robson. *Concepção pedagógica tradicional*. Disponível em: <<https://infoescola.com/pedagogia/concepcao-pedagogia-tradicional/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

_____. *Tendência liberal renovada progressiva*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/tendencia-liberal-renovada-progressista/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SAVIANI, Demerval. *A nova lei da educação: LDB trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 204.

SCHWARZ, Richard e GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009, p. 114.

SENA, Luiza. Quais os modelos de ensino religioso no Brasil? GPER, [s. d.]. Disponível em: <<http://bit.ly/1ePqxpl>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SILVA, J. A. *Comentário contextual à constituição*. São Paulo: Malheiros, 2005. p. 795.

SILVA, Rubens; LITCKE, Anilce Bittencourt. *Proposta Pedagógica*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

STIGAR, Robson. *O que é ensino religioso. Artigonal*. Publicado em 4 de jan. 2009. Disponível em: <<http://www2artigonal.com/educacao-artigos/o-que-ensino-religioso-709662.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SUÁREZ, Adolfo. S. “Educar é redimir”: significado e implicações da noção de redenção-educação nos escritos de Ellen White. *Revista Parousia*, Engenheiro Coelho, UNASPRESS, 2010. p. 52.

_____. O ensino religioso na escola pública brasileira. In: KNIGHT, George R. *Filosofia e educação: uma introdução da perspectiva cristã*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2015.

SUÁREZ, Adolfo (Org.). *Manual do educador: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2017.

TIMM, Alberto. *O santuário e as três mensagens angélicas*. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2009.

UNGLAUB, Eliel. *A prática da pedagogia adventista e sala de aula: tornando a teoria uma realidade eficaz no ambiente escolar*. Engenheiro Coelho: PARADIGMA, 2005. p. 33.

UNIÃO SUL BRASILEIRA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Linha Pedagógica Adventista: Integral Restauradora*. Maringá: Stampa Gráfica Editora, 1999. p. 6-27.

VARELA, A. *Direito constitucional brasileiro*. Edição fac-similar de 1902. Brasília: Senado Federal, 2002. p. 265.

WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- WHITE, E. G. *O lar adventista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. *Testemunhos seletos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 434-435.
- _____. *Educação*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. 6 v.
- _____. *Ciência do bom viver*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 123.
- _____. *Evangelismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 504.
- _____. *História da redenção*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- _____. *Orientação da criança*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- _____. *Patriarcas e profetas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016. p. 602.

